



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
POLÍTICAS PÚBLICAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Dinâmicas da Paisagem Urbana em Municípios Periféricos:
Análise, Percepções e Prospecções das Unidades
Morfo-Territoriais e Espaços Livres de Seropédica, RJ**

Paulo Antonio dos Santos Junior

2017



UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
POLÍTICAS PÚBLICAS**

**DINÂMICAS DA PAISAGEM URBANA EM MUNICÍPIOS
PERIFÉRICOS: ANÁLISE, PERCEPÇÕES E PROSPECÇÕES DAS
UNIDADES MORFO-TERRITORIAIS E ESPAÇOS LIVRES DE
SEROPÉDICA, RJ**

PAULO ANTONIO DOS SANTOS JUNIOR

Sob a orientação da Professora

Denise de Alcantara Pereira

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, PPGDT, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas.

Seropédica
2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237d Santos Junior, Paulo Antonio dos, 1989-
Dinâmicas da Paisagem Urbana em Municípios
Periféricos: Análise, Percepções e Prospecções das
Unidades Morfo-Territoriais e Espaços Livres de
Seropédica, RJ / Paulo Antonio dos Santos Junior. -
2017.
103 f.: il.

Orientadora: Denise de Alcantara Pereira.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Territorial e Políticas
Públicas/Mestrado, 2017.

1. Paisagem. 2. Unidade Morfo-Territorial. 3.
Espaços Livres Públicos. 4. Apropriação . 5.
Seropédica. I. de Alcantara Pereira, Denise, 1962-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Territorial e Políticas Públicas/Mestrado III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS**

PAULO ANTONIO DOS SANTOS JUNIOR

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, área de concentração Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM:

Prof. Dr. Denise de Alcantara Pereira – UFRRJ
(Orientador)

Prof. Dr. Virgínia Maria Nogueira de Vasconcellos – UFRJ

Prof. Dr. Noemia de Oliveira Figueiredo – UFRRJ

*À minha vó, Carmelita de Paula da Silva
e à minha mãe, Waldice Valéria de Paula.*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão a Deus, por este trabalho ser concluído e esta etapa finalizada por completo.

Agradeço a minha vó, Carmelita de Paula da Silva, que deu a saúde na máquina de costura para que este curso pudesse ser feito e esteve comigo do começo ao fim depois de eu haver entrado no curso de modo insensato, em um ano adverso no qual não deveria haver entrado. Minha vó “segurou as pontas”. Na pessoa dela agradeço também a toda a minha família especialmente ao meu irmão Willian dos Santos e meu tio Walter Vinícius Vieira.

À Igreja de Nova Vida em Olaria nas pessoas do bispo Francisco Martins e do pastor Márcio Coé.

Ao amigo Raul Vilas Boas, que quando mais precisei estava presente. Ele passou a me ligar quase todas as manhãs com uma Palavra, me acompanhando, reanimando e principalmente orando por mim todos os dias. “Em todo o tempo ama o amigo, mas na angústia nasce o irmão” (Provérbios 17.18). Não fosse ele este curso não seria concluído.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, uma instituição competente que só conhecia de longe e aprendi a gostar.

Aos colegas de turma de 2015 e às nossas conversas reanimadoras na carona de volta para casa.

Agradeço a todos os entrevistados e respondentes de questionário que abriram suas vidas, se expuseram e deram tempo para falar sobre o que pensam e sentem.

Ao competente e muitas vezes compreenssivo corpo docente do PPGDT.

À Fundação Capes pela bolsa que favoreceu a continuidade e conclusão do curso.

Agradeço por ter feito parte do grupo GEDUR (Grupo de Pesquisa de Transformação de Uso, Ocupação e Desenvolvimento Urbano e Regional), e aos demais membros do grupo, a saber: Nadjaíne Santiago, Fernanda Manuela Mendes Madanelo, Guilhermy Paz Gomes dos Santos, Thais Lima e Ludmilla Baldez Brum.

Aos professores avaliadores tanto da Qualificação quanto da Banca Final pelas recomendações, observações e orientações atenciosas, nomeadamente: professora Dra. Viginia Vasconcellos (Banca Final), professora Dra. Noemia Figueiredo (Banca Final e de Qualificação) e professora Dra. Adriana Schueler (Qualificação).

E intencionalmente por último, agradeço a minha querida professora e orientadora Dra. Denise de Alcantara. Falar sobre as orientações seria pouco pois aprendi muito mais do que isto nestes anos. Na verdade, eu nunca vi um ser humano assim. Aprendi não só com o que ela faz e ensina, mas com quem ela é. Dedicada, ouvinte, honesta, sincera, transparente, humilde, “longânima”. Eu sempre ouvi sobre cumplicidade, mas pela primeira vez aprendi e vi o que é. Hoje quando ouço essa palavra ela tem sentido e rosto.

Vocês são para mim evidência do cuidado e afeto de Deus.

Obrigado.

Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!

Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?

Ou quem primeiro deu a ele, para que lhe seja recompensado?

*Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois a ele eternamente. Amém.
Romanos 11.33-36.*

RESUMO

SANTOS JR., Paulo Antonio. Dinâmicas da Paisagem Urbana em Municípios Periféricos: Análise, Percepções e Prospecções das Unidades Morfo-Territoriais e Espaços Livres de Seropédica, RJ. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

Esta dissertação apresenta o estudo da relação direta entre as distintas configurações morfo-territoriais e socioeconômicas do recorte intraurbano do Km-49, principal núcleo urbano de Seropédica, seus espaços livres, e as respectivas percepções e rotinas da população local. As principais questões levantadas neste trabalho são: As configurações das Unidades Morfo-territoriais interferem no uso dos espaços livres de edificação com a função de lazer? A qualidade dos espaços livres de edificação interferem na rotina, nos hábitos dos moradores da cidade periférica? O estudo de caso é um recorte intraurbano periférico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) que apresenta diversidade morfo-territorial em sua composição. O território do município de Seropédica, pode ser considerado uma zona de sacrifício, pois além de infraestrutura urbana precária, a degradação ambiental se amplia como resultado do crescimento urbano desordenado, da extração de areia e brita, e da instalação de um centro de tratamento de resíduos sobre aquífero. Em vias de se tornar um novo pólo logístico/industrial, o município ganha luminosidade com investimentos que têm impactado toda a RMRJ – o Arco Metropolitano, p.ex. -, bem como o recorte urbano e periurbano municipal, especialmente nas proximidades da BR-465, principal elemento orientador de seu desenvolvimento. Esta pesquisa se propõe a analisar as dinâmicas sócio-espaciais, os usos e apropriações dos espaços livres públicos do Km-49, com foco em três praças conhecidas como: a Praça da Câmara, Praça do Campinho de Areia e Praça da Rua Sete. A pesquisa qualitativa e exploratória se divide nas seguintes etapas: (a) marco teórico, abordando os conceitos de território, paisagem, unidade morfo-territorial e espaços livres; (b) aspectos metodológicos: observação incorporada, entrevistas, questionários, ficha de categorização dos espaços livres; (c) caracterização do recorte de análise em seus aspectos sócio-culturais e econômicos, e aspectos geobiofísicos; (d) mapeamento de unidades morfo-territoriais, e estudo sobre seus espaços livres de edificação; (e) análise da relevância atual dos espaços livres públicos no recorte. A investigação revelou como a apropriação e qualidade das praças públicas está diretamente imbricada com as relações de poder político e paramilitar presentes na gestão das mesmas, e o modo como a população toma a conservação dos espaços de livres de congregação pública como reflexo da gestão municipal. Foram também registradas as principais mudanças apontadas na rotina da população em um quadro de requalificação dos respectivos espaços livres públicos. Espera-se que este trabalho contribua e forneça referencial para pesquisas e projetos que busquem uma justificação qualitativa da relevância dos espaços livres urbanos e periurbanos de regiões periféricas, dando suporte a políticas públicas de ordenamento e gestão dos espaços livres públicos e da paisagem.

Palavras-Chave: Paisagem; unidade morfo-territorial; espaços livres públicos; apropriação; Seropédica.

ABSTRACT

SANTOS JR., Paulo Antonio. Urban landscape dynamics in perypheric municipalities: analisys, perceptions and prospections of the morphoterritorial units and open spaces of Seropédica, RJ. 2017. Thesis (Masters in Territorial Development and Public Policies). Institute of de Applied Social Sciences, Graduate Program in Territorial Development and Public Policies, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

This dissertation presents the study of the direct relation among distinct morphoterritorial and socioeconomic configurations of an intraurban sector of Km-49, main urban center of Seropedica, its open spaces and the respective perceptions and routines of the local population. The main questions raised on this work are: Do the morphoterritorial configurations interfere in the use of open spaces with leisure purpose? Does the quality of open spaces interfere in the routine and habits of the peripheral city dwellers? The case study is na peripheral intraurban cutout of the Metropolitan Region of Rio de Janeiro that presents morphoterritorial diversity in its composition. The territory of the municipality of Seropedica may be considered a sacrifice zone: because of the precarious urban infrastructure, the unplanned urban growth, and the environmental degradation amplified by the predatory sand and gravel mining, and the existence of a solid waste treatment center above an aquifer. Turning into a new logistic/industrial pole, the municipality gains visibility with large investments that impact the whole metropolitan region – i.e. the metropolitan ring road – as well as the urban and periurban cutouts, especially close to the road BR-465, main structural axis that led its development. This research intends to analyze the socioespacial dynamics, uses and appropriations of the public open spaces at Km-49, focusing in three plazas known as: Câmara Square, Sand Field Square and 7th Street Square. The qualitative and exploratory research is divided by the following stages: (a) theoretical landmark, addressing the concepts of territory, landscape, morpho-territorial unit and open spaces; (b) methodological aspects: incorporated observation, interviews, questionnaires, open spaces categorization forms; (c) case study cutouts characterization related to sociocultural and economic aspects, and geobiophysical features; (d) morpho-territorial units mapping and study of open spaces; (e) analysis of the current relevance of the public open spaces in the studied cases. The investigation unveiled how the appropriation and quality of the public plazas is directly related with the political and paramilitary powers present in their governance. It also revealed that the population considers the conservation of the public spaces of public congregation a reflection of the municipal administration. The main changes in the routine of the population with the requalification of the open spaces were also analyzed. We expect that this work contributes and becomes a reference for other researches and projects that seek for a qualitative argument on the relevance of urban and periurban open spaces in peripheral regions; and support public policies for planning and governance of public spaces and landscape.

Keywords: Landscape; morpho-territorial unit; public open spaces; appropriation; Seropédica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Arco Metropolitano do Rio de Janeiro e Porto e Itaguaí.	3
Figura 2 – Mapa Síntese da Paisagem de Seropédica, RJ.	5
Figura 3 – Localização das três praças estudadas no Km-49 de Seropédica.	6
Figura 4 – Região Metropolitana do Rio de Janeiro - RMRJ	20
Figura 5 – Áreas urbanizadas de Seropédica com destaque para o Km-49	21
Figura 6 – Bairros Fazenda Caxias e Boa Esperança no município de Seropédica	22
Figura 7 – Hipsometria do município de Seropédica-RJ.	27
Figura 8 – Variação do relevo de Seropédica representado por perfís topográficos.	28
Figura 9 – Limites entre a FLONA e o Km-49.	29
Figura 10 – Gráfico de frequência sazonal de precipitações.	31
Figura 11 – Mapa das redes, transporte e hidrografia em Seropédica.	33
Figura 12 – Unidades Morfo-territoriais (UPs) do centro urbano de Seropédica/RJ.	37
Figura 13 – Percursos Experienciais no Km-49	42
Figura 14 – Percurso 1	43
Figura 15 – Praças Campinho de Areia e Zumbi dos Palmares	44
Figura 16 – Rua Duque de Caxias no Bairro Boa Esperança.	45
Figura 17 – Igreja Santa Terezinha.	47
Figura 18 – Av. Presidente Washington Luís	48
Figura 19 – Estacionamento do Posto de Saúde	49
Figura 20 – Percurso 2	49
Figura 21 – Confluência entre a Av. Min Fernando Costa e Rua Jairo Ramalho	50
Figura 22 – Rua do Grêmio.	51
Figura 23 – Praça na confluência da Rua José Tunula e Rua Quinze	51
Figura 24 – Praça na confluência da Rua Macaé com Rua das Flores	52
Figura 25 – Percurso 3	53
Figura 26 – Talude e ciclovía à esquerda na BR-465.	54
Figura 27 – CIEP Brizolão 155 Maria Joaquina de Oliveira	54
Figura 28 – Rodovia BR-465 próximo à primeira passarela	55
Figura 29 – Rodovia BR-465 com a variação topográfica	56
Figura 30 – Primeira Igreja Batista em Seropédica	56
Figura 31 – Percurso 4	57
Figura 32 – Rua Sete no sentido oposto à BR-465	58
Figura 33 – Praça da Rua Sete	59
Figura 34 – Percurso 5	60
Figura 35 – Mineradora em frente ao acesso principal à FLONA.	61
Figura 36 – Acesso principal à Floresta Nacional Mário Xavier Filho	62
Figura 37 – Rua da Oficina. Acesso à FLONA.	62
Figura 38 – Trilha de acesso ao Talhão das Sapucaias.	63
Figura 39 – Talhão das Sapucaias	64
Figura 40 – Mapa do Km-49	67
Figura 41 – Ficha de Categorização da Praça da Câmara.	71
Figura 42 – Ficha de Categorização da Praça Campinho de Areia.	73
Figura 43 – Ficha de Categorização da Praça da Rua Sete.	78
Figura 44 – Realidade Aumentada no aplicativo Aurasma - Passo-a-passo	100
Figura 45 – Modelo de Questionário - página 1.	102
Figura 46 – Modelo de Questionário - página 2	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Áreas urbanas de Seropédica.	23
Tabela 2 – Dados estatísticos do município de Seropédica comparados à RMRJ e aos municípios limítrofes	24
Tabela 3 – Quadro com critérios para definição das Unidades Morfo-territoriais	36
Tabela 4 – Classificação das Unidades Morfo-territoriais (UPs) do Km-49	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Preservação Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
BR	Rodovia Nacional
CEPERJ	Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CSA	Companhia Siderúrgica do Atlântico
FAU-USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo
FHC	Fernando Henrique Cardoso
GEDUR	Grupo GEDUR – Grupo de Pesquisa de Transformação de Uso, Ocupação e Desenvolvimento Urbano e Regional
HP	Hewlett-Packard Company
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEA	Instituto Estadual do Ambiente – RJ
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IOS	Apple Operating System
IPTU	Imposto Predial Territorial Urbano
ITBI	Imposto sobre Transmissão inter vivos de Bens Imóveis
IVV	Imposto sobre Venda a Varejo
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PIB	Produto Interno Bruto
RJ	Rio de Janeiro
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
SF	Sistema Frontal
SIG	Sistema de Informação Geográfica
UC	Unidade de Conservação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UP	Unidade de Paisagem ou Unidade Morfo-territorial
ZCAS	Zona de Convergência do Atlântico Sul
ZCOU	Zona de Convergência de Umidade

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	1
1	REVISÃO DE LITERATURA	9
1.1	Paisagem	9
1.2	Território	10
1.3	Unidade Morfo-territorial ou Unidade de Paisagem	12
1.4	Espaços Livres	13
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS	15
2.1	Observação Incorporada	16
2.2	Entrevista	17
2.3	Questionário	18
2.4	Ficha de Categorização dos Espaços Livres	19
3	CARACTERIZAÇÃO DO RECORTE DE ANÁLISE	20
3.1	Aspectos Sócio-culturais e Econômicos	20
3.1.1	Localização e Dados Socio-econômicos	20
3.1.2	Evolução Urbana	24
3.1.3	Padrões de Ocupação, Tecido Urbano e Perfil do Mercado Imobiliário	25
3.2	Aspectos Gebiofísicos	26
3.2.1	Relevo	26
3.2.2	Unidades de Conservação	28
3.2.3	Clima e Pluviosidade	30
3.2.4	Hydrografia	32
3.3	Considerações Parciais 1	34
4	UNIDADES MORFO-TERRITORIAIS E ESPAÇOS LIVRES NO KM-49 DE SEROPÉDICA	35
4.1	Mapeamento das Unidades Morfo-territoriais (UP)	35
4.2	Percursos Experienciais	41
4.2.1	Percurso 1	43
4.2.2	Percurso 2	49
4.2.3	Percurso 3	53
4.2.4	Percurso 4	57
4.2.5	Percurso 5	60
4.2.6	Considerações Parciais 2	64
4.3	Estudo de Caso - Três Praças do Km-49	65
4.3.1	Praça da Câmara	68
4.3.2	Praça do Campinho de Areia	72
4.3.3	Praça da Rua Sete	77
4.3.4	Considerações Parciais 3	80
4.4	Diagnóstico do município de Seropédica a partir do amplo contexto econômico e político das cidades brasileira e dos dados apresentados no trabalho	84
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90

REFERÊNCIAS 94

APÊNDICES

APÊNDICE A - Realidade Aumentada - Aplicativo Aurasma 99

ANEXOS

Anexo A - Modelo de Questionário 102

INTRODUÇÃO

Diversos autores (BRANDÃO, 2004; VAINER, 2007; ROLNIK, 2008; OREIRO; PAULA, 2012) apontam que desde os anos 1990, com a adesão do país a proposições de desenvolvimento mais abertas ao capital externo pelo Consenso de Washington, teria havido influência destas diretrizes sobre o desenvolvimento de políticas públicas, o papel do Estado e o modelo de desenvolvimento territorial resultante desse processo. Parte das mudanças em consequência dessa adesão teria afetado o modo como os municípios se desenvolvem e os critérios que determinam o crescimento ou estagnação econômica territorial. Essas mudanças, provocadas principalmente pela entrada ou saída do capital privado em municípios, teriam fomentado a transformação da paisagem urbana e, conseqüentemente, afetado a percepção que a população tem de seu próprio meio e espaços livres.

Esta dissertação apresenta o estudo de uma possível relação entre as distintas configurações morfo-territoriais em um recorte espacial intraurbano e as possíveis e respectivas percepções e rotinas da população local em função da modificação ou permanência das configurações morfo-territoriais e requalificação dos seus respectivos espaços livres públicos.

Considerando a maior relevância de espaços livres de edificação em áreas de predominância residencial, em que o espaço edificado é caracterizado por baixa qualidade construtiva, estética e mesmo funcional, sendo de atração mediana no que diz respeito à qualidade e equipamentos, acreditamos que é possível que o espaço exterior, ou público (espaços livres de edificações) possa, sendo de qualidade, se tornar mais interessante do que o interior ou privado, gerando mudanças em diferentes aspectos.

Para tal, o objeto de estudo escolhido é um recorte intraurbano de município localizado na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), que apresenta diversidade morfo-territorial em sua composição. Utilizando como recorte macro o município de Seropédica, tomamos como estudo de caso o recorte espacial do Km-49, principal núcleo urbano do município. Seropédica apresenta um conjunto de indicadores condizentes com sua condição perimetropolitana como:

- ser considerada cidade dormitório (VIANNA, 2017);
- baixo PIB, representando apenas 0,44%, em relação à média da RMRJ;
- problemas de mobilidade e conectividade com a metrópole;
- território explorado como *zona de sacrifício*¹ da RMRJ;
- falta de planejamento e controle de uso e ocupação do solo;
- exploração do solo por mineradoras e indústrias com redução de áreas destinadas às atividades agropastoris e conseqüentes e irreversíveis danos ambientais como contaminação de mananciais e aquíferos;

¹ Segundo (VIEGAS, 2015) a expressão “zonas de sacrifício” é utilizada pelos movimentos de justiça ambiental para designar localidades em que observa-se uma superposição de empreendimentos e instalações responsáveis por danos e riscos ambientais. Ela tende a ser aplicada a áreas de moradia de populações de baixa renda, onde o valor da terra relativamente mais baixo e o menor acesso dos moradores aos processos decisórios favorece escolhas de localização que concentram, nestas áreas, instalações perigosas.

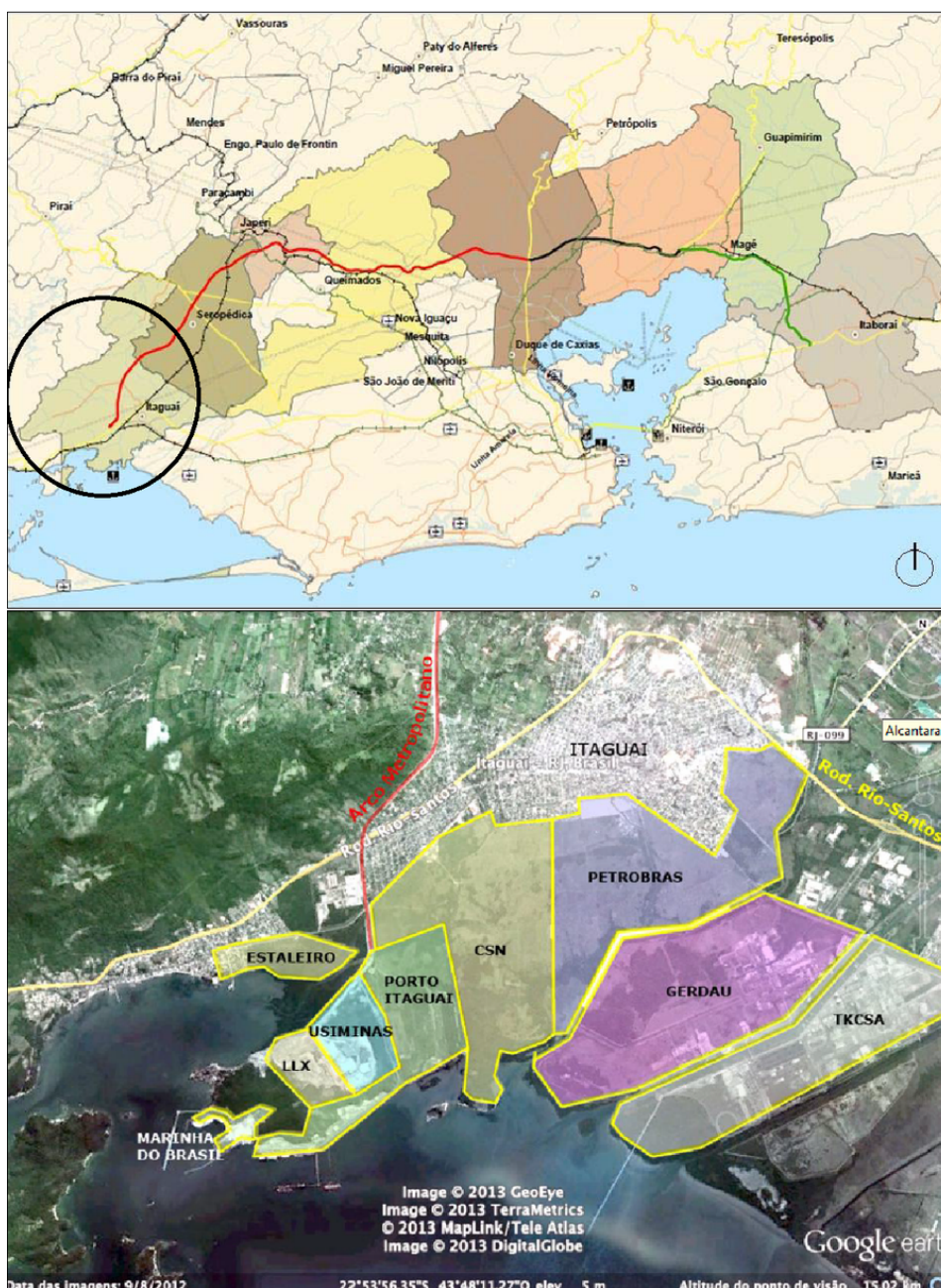
- expansão de bolsões de pobreza, dentre outros problemas e conflitos presentes na atual configuração político-social periférica da RMRJ.

A partir do advento do Arco Metropolitano e da expansão econômica vivenciada na última década (TÂNGARI; REGO; MONTEZUMA, 2012), áreas periféricas da RMRJ ganham destaque e começam a adquirir maior luminosidade (SANTOS, 2008) devido a entrada de grandes investimentos e obras iniciados na RMRJ na primeira década do século XXI. Dentre estes, figuram grandes obras como o COMPERJ (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro) em Itaboraí; a expansão do Porto de Itaguaí, na Baía de Sepetiba (ALCANTARA; SCHUELER, 2015); a instalação de plantas industriais altamente poluentes (CSA, GERDAU, USIMINAS) em Itaguaí; bem como a utilização das planícies sedimentares da Baixada de Sepetiba para operações de retroporto ou porto seco de contêineres. A proximidade de Seropédica ao Porto de Itaguaí e o fato de ser seccionada por rodovias logisticamente relevantes traz ao município um potencial logístico ampliado com a inauguração e entrada em operação em 2014 do Arco Metropolitano (Figura 1).

As mudanças decorrentes desses “avanços econômicos” levam a um processo de crescimento urbano e uma pressão de adensamento no município, em especial no centro urbano mais próximo ao Arco, o KM-49, principal núcleo urbano que se desenvolveu ao longo e no entorno da BR-465 (antiga Rio-São Paulo), rodovia que é por sua vez o principal eixo estruturador do município.

Esse crescimento urbano-periférico carece de um planejamento e ordenamento da paisagem local e de seus espaços livres, tendo se estabelecido em um cenário de vulnerabilidade e dependência econômica. Ademais, a escolha do objeto de análise se justifica e se torna ainda mais relevante por se tratar de um recorte territorial localizado próximo à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), instalada em 1948 no então distrito de Itaguaí. A proximidade com o vasto campus universitário não redundou em benefícios para a região do entorno, nem para o núcleo urbano que cresceu em uma relação de codependência com a universidade, fornecendo serviços e atividades para atendimento à comunidade acadêmica, com um caráter predatório (VIANNA, 2017).

Figura 1 – (a) Localização do Arco Metropolitano na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, atravessando o município de Seropédica ao ligar o Porto de Itaguai (b) ao COMPERJ em Itaboraí.



Fonte: Respectivamente edição sobre mapa de Grupo SEL-RJ; Alcantara, QUAPÁ SEL-RJ (2011)

A pesquisa agora apresentada vincula-se ao Grupo GEDUR – Grupo de Pesquisa de Transformação de Uso, Ocupação e Desenvolvimento Urbano e Regional, coordenado por Denise de Alcantara – e às investigações levadas a cabo desde 2012 pelo Grupo, cujo laboratório de análise abordam questões paisagísticas, ambientais, sociais e urbanísticas relativas ao município e à região da Baixada de Sepetiba. Esta pesquisa busca contribuir de forma pontual sobre três espaços livres públicos do Km-49, mas que poderão servir para o grupo como piloto para análises mais abrangentes dos demais espaços livres públicos, seja de Seropédica, seja de outros municípios periféricos da metrópole.

Utiliza-se e são apropriados os materiais e métodos aplicados nos estudos de morfologia urbana, originalmente desenvolvidos pela rede de pesquisa QUAPÁ-SEL(FAU-USP) e SEL-RJ (UFRJ). Dentre seus vários desdobramentos em termos de produção bibliográfica, o mais recente artigo foi apresentado em co-autoria no evento internacional AEAULP – Associação das Escolas de Arquitetura e Urbanismo da Língua Portuguesa, em abril de 2017 (ALCANTARA; SANTOS JUNIOR, 2017), e aborda o crescimento populacional e econômico em meio ao cenário especulativo e ao desequilíbrio socioambiental.

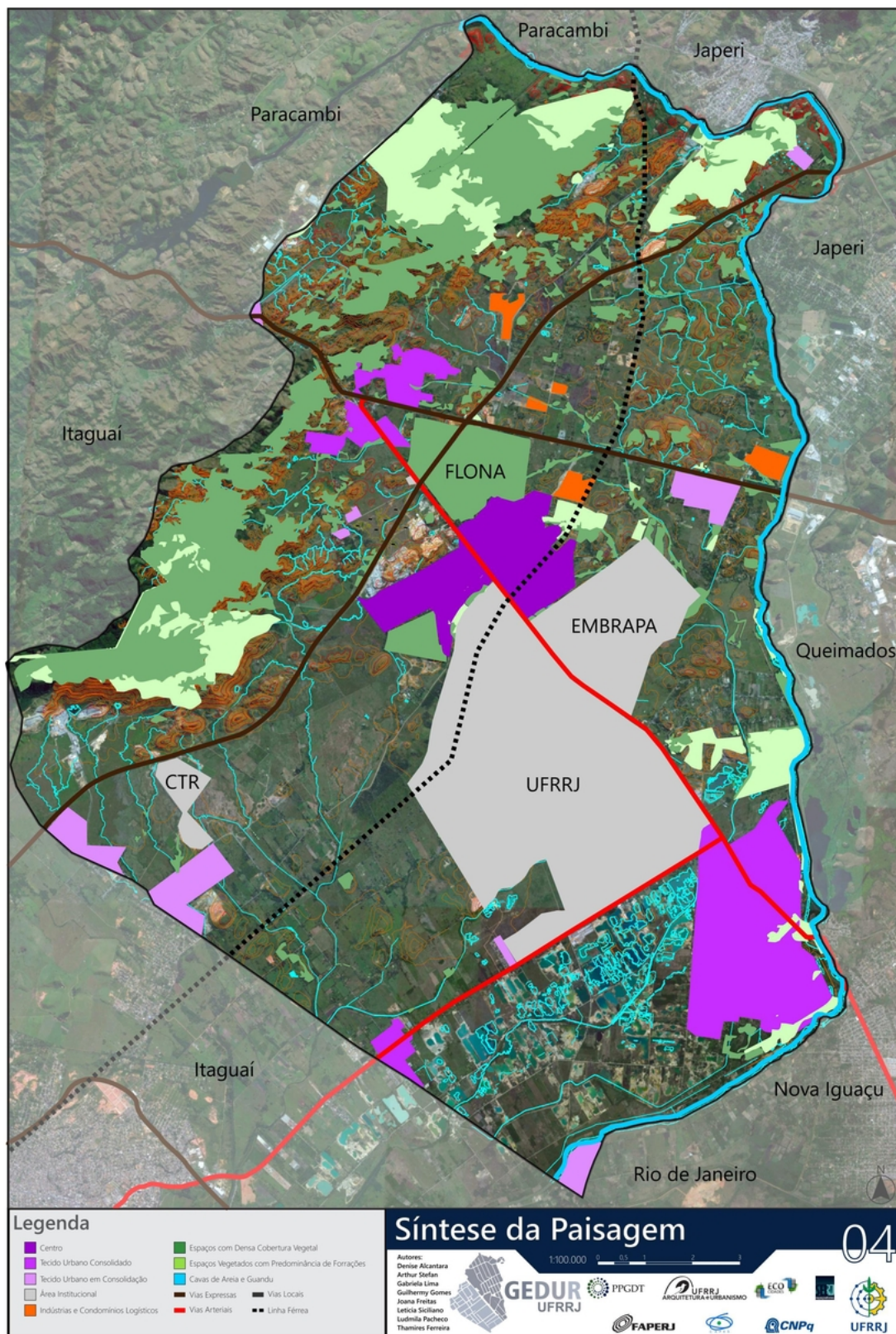
Como recorte espacial na escala macro, o município de Seropédica pertence à Região Metropolitana e é abrangido pela Baixada de Sepetiba. É analisado aqui como suporte territorial a partir de aspectos geofísicos, morfológicos, espaciais, históricos e contextuais. Nesse sentido, o material proveniente das investigações realizadas pelo GEDUR foram cruciais, proporcionando um valioso arcabouço contextual e informativo, complementados por dados socioeconômicos e demográficos levantados para dar suporte ao estudo e para caracterizar o universo da pesquisa cognitiva em nível local (Figura 2).

De modo a dar conta de um maior aprofundamento ao trabalho na escala meso, a classificação do território em unidades morfo-territoriais ocorre a partir das diferentes configurações dos espaços livres de edificações, de acordo com suas características de suporte físico, estrutura e padrão de drenagem, cobertura vegetal e manchas urbanas e padrões de ocupação (SILVA; LIMA; MAGALHÃES, 2015).

Na escala micro, ou local, foi eleito como recorte o núcleo urbano principal, conhecido como Km-49, ou apenas 9, onde se localizam os principais equipamentos públicos, as instituições administrativas como a prefeitura e a câmara de vereadores, bem como é o mais adensado e com maior concentração populacional, com boa oferta de serviços e comércio.

Dividido pela BR-465, o eixo estruturador municipal, o Km-49 está contido em dois bairros: no lado sudoeste da rodovia federal o bairro de Fazenda Caxias, e a nordeste o bairro Boa Esperança. Nesses dois bairros, bem como no eixo da BR-465, podem ser observados diversos espaços livres públicos: ora são configurados como praças, ora como estacionamentos, ora como campos e quadras esportivas, ora apenas como terrenos baldios ou subutilizados. São identificados todos os espaços livres públicos da mancha urbana relativa ao Km-49 e elencados para a pesquisa cognitiva aqueles que apresentam apropriação e uso por parte da população. Sendo assim, no recorte do Km-49, três espaços livres públicos categorizados como subtipo PRAÇA (Figura 3) foram selecionados para estudo mais detalhado. São conhecidos vulgarmente como: a Praça da Câmara; a Praça do Campinho de Areia; e a Praça da Rua Sete. Nestas praças e em seus arredores foi feita boa parte do trabalho de consulta à população local por meio da aplicação de entrevistas e questionário.

Figura 2 – Mapa Síntese da Paisagem, elaborado pelo GEDUR, indicando com as principais manchas de ocupação territorial, as redes viárias e a estrutura hídrica de Seropédica. O Km-49 se encontra no centro do município na cor roxa.



Fonte: Acervo GEDUR.

Figura 3 – Localização das três praças estudadas no Km-49 de Seropédica.



Fonte: Edição do autor sobre base do Google Earth.

A inserção da percepção da população no trabalho, aplicando ferramentas e técnicas de pesquisa cognitiva, com observação incorporada (ALCANTARA, 2008), entrevistas e mapeamento cognitivo (RHEINGANTZ *et al.*, 2009), permite levantar informações e demandas que poderão contribuir com o estudo dos espaços livres de edificações de uso público. Espera-se que as intervenções a serem realizadas sobre os espaços livres de áreas urbanas ou periurbanas possam atender mais eficazmente aos objetivos pretendidos e à promoção do uso, apropriação e do bem-estar no convívio coletivo nos espaços livres públicos em áreas periféricas. Segundo (MACEDO *et al.*, 2011, p. 36),

a ocorrência ou não de uma atividade no espaço depende das necessidades e das aspirações dos usuários e das suas potencialidades e limitações de tempo e do próprio espaço.

Questões norteadoras e hipótese

As principais questões que conduzem este trabalho são: As configurações das Unidades Morfo-territoriais interferem no uso dos espaços livres de edificação com a função de lazer? A qualidade dos espaços livres de edificação interferem na rotina, nos hábitos dos moradores da cidade periférica?

A hipótese é de que percepção e apropriação que a população faz da paisagem urbana e de seu sistema de espaços livres, bem como o modo com que este faz parte de sua rotina, apresentam uma relação direta com as características morfológicas, territoriais e com o perfil socioeconômico predominante do recorte em que se insere.

Objetivo geral

Esta dissertação objetiva apresentar uma possível relação entre as distintas configurações morfo-territoriais em um recorte espacial intraurbano e as possíveis e respectivas percepções e rotinas da população local em função da modificação ou permanência das configurações morfo-territoriais e requalificação dos seus respectivos espaços livres públicos.

Objetivos específicos

- Revisar os principais conceitos a serem utilizados no trabalho (território, paisagem, unidade morfo-territorial e espaços livres) com base em fontes bibliográficas primárias e secundárias;
- Caracterizar o objeto de estudo nas diversas escalas espaciais, macro, meso e micro, em seus aspectos socioeconômicos, histórico-evolutivos (história, evolução e configuração do tecido urbano, etc.), morfológicos e geobiofísicos;
- Mapear, classificar e analisar as unidades morfo-territórias do Km-49 identificando, caracterizando e categorizando os espaços livres públicos configurados por praças, parques, quadras, estacionamentos, terrenos baldios, etc.;
- Realizar pesquisa cognitiva com entrevistas a pessoas que usam e se apropriam dos espaços livres públicos;
- Apreender a percepção do usuário da paisagem urbana, suas expectativas quanto aos espaços livres de edificação e possíveis mudanças em sua rotina em um cenário que considerem ideal;
- Analisar comparativamente as possíveis relações espaciais entre as unidades morfo-territoriais, a relevância atual dos espaços livres nas suas respectivas configurações e as respostas coletadas nas entrevistas, além de demonstrar a importância da manutenção e gestão dos espaços livres públicos como política pública.

Estrutura

A estrutura desta dissertação está dividida em quatro capítulos além dessa Introdução.

No Capítulo 1 – Revisão de Literatura - são analisados conceitos e termos relacionados diretamente ao trabalho, a saber: paisagem, território, unidade morfo-territorial e espaços livres.

No Capítulo 2 – Aspectos Metodológicos – são apresentadas as metodologias empregadas a fim de se alcançar os resultados esperados na introdução, a saber: observação incorporada, entrevistas, questionários, ficha de categorização de espaços livres e realidade aumentada.

No Capítulo 3 – Caracterização do Recorte de Análise - é feita a caracterização do recorte a ser estudado em seus aspectos sócio-culturais e econômicos, e aspectos geobiofísicos.

No Capítulo 4 - Unidades Morfo-territórias e Espaços Livres no Km-49 - é apresentada a classificação do recorte em unidades morfo-territoriais a partir da aplicação das metodologias apresentadas no Capítulo 2. São apresentados os registros dos percursos experiências realizados nestas unidades e destacadas três praças para uma observação e estudo mais específico sobre o papel que este tipo de espaço livre público desempenha no recorte e a percepção que a população tem deste. Neste mesmo capítulo são colocadas reflexões e considerações parciais sobre a aplicação dos instrumentos e o contexto político econômico no qual se encontra o município.

O Capítulo 5 - Considerações Finais - retoma o que foi proposto na Introdução, comparando com o alcançado, discutindo os resultados obtidos e potenciais de aplicação e ampliação do trabalho realizado.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção tem por finalidade tratar dos principais conceitos a serem utilizados nesta pesquisa, a saber: paisagem, território, unidade morfo-territorial, e espaços livres. Se faz necessário neste trabalho encontrar entre os autores que serão referência consensos, complementariedades e divergências de modo que ao fim seja claro o que se quer dizer com cada um destes termos. O esclarecimento epistemológico se faz relevante em um contexto de uso inapropriado e generalista destes conceitos. Alguns destes termos sofrem variação epistemológica conforme o tempo, conforme os grupos sociais ou áreas do conhecimento que lancem mão deles, e suas aspirações (políticas, ideológicas ou de outro tipo). Tendo em vista que possuem significações diferentes de acordo com o tipo de abordagem a ser feita, tal seção se faz relevante para que haja clareza quanto aos termos que se relacionam diretamente com o tema trabalhado.

1.1 Paisagem

Tardin (2008) esclarece que os vários conceitos de paisagem têm relação com diferentes áreas e formas e uso deste. Destaca que :

a paisagem artificializada, isto é, a natureza trabalhada pelo homem, pode apresentar diferentes formalizações possíveis, embora finalmente, resultem um território ocupado, transformado, colonizado. Paisagem adaptada às necessidades humanas que comporta fisicamente os elementos indispensáveis para satisfazer estas necessidades. Paisagem vista a partir do artifício construído da mobilidade urbana, da exploração da terra de seus recursos e que, portanto, reúne diversos componentes em sua estrutura física: os assentamentos, as infraestruturas e os espaços livres. (TARDIN, 2008, p. 44)

Ademais, segundo a autora, a percepção da paisagem serveria ainda como recurso projetual, tendo seu papel cênico/simbólico e relação com a identidade territorial.

Schlee *et al.* (2009) identificam após análises de um conjunto de definições para o termo a possibilidade de classificá-los em dois grupos complementares e interdependentes, conforme a ênfase que dão na sua elaboração epistemológica. O primeiro seria a paisagem em sua dimensão morfológica, funcional e espacial. O segundo abordaria a dimensão histórica e simbólica da paisagem. Em introdução a estes dois grandes grupos os autores observam cinco dimensões sob as quais se pode tratar da paisagem, a saber:

(a) dimensão morfológica, na qual a paisagem é traduzida como um conjunto de configurações formais, derivadas da natureza e da ação humana; (b) dimensão funcional, relativa à organização, porque suas partes guardam relações entre si; (c) dimensão histórica, na medida em que é produto das transformações ocorridas ao longo do tempo; (d) dimensão simbólica, pois a paisagem carrega significados que expressam valores, crenças, mitos e utopias; e (e) dimensão dinâmica, a relacionar os padrões espaciais aos processos que lhes deram origem. (SCHLEE *et al.*, 2009, p. 232-233)

Schlee *et al.* (2009, p. 235), em conclusão, definem

a paisagem como produto que incorpora os processos biofísicos e os processos sociais nela refletidos, em diversos tempos e escalas, e apresenta elementos de integração ou fragmentação territorial, criando e recriando formas, funções e fluxos, com funções ecológicas diversas, em estágios diferentes de intervenção humana.

Queiroga e Benfatti (2007, p. 83) propõem o entendimento da paisagem como um sistema de objetos em uma porção do espaço, que está em contínua interação com o sistema de ações presente no mesmo espaço, entendendo, assim, que a paisagem por poder ser apreendida sensorialmente atua e interfere no processo social assim como o espaço atua.

Morfologicamente, Queiroga *et al.* (2011, p. 34-35) comentam que

a paisagem das cidades é definida basicamente pelo arruamento e pelas edificações de caráter habitacional, tanto horizontais como verticais, e os espaços livres a elas associados, implantados sobre o suporte físico local.

Silva, Lima e Magalhães (2015) não consideram paisagem “como uma imagem”, como “uma visão ou como tudo aquilo que comporta o olhar”, mas sim “como uma estrutura morfológica, cujo entendimento demanda a divisão em unidades diversas”. O autor objetiva “a paisagem apreendida como uma totalidade em diferentes escalas de visualização”.

Apesar de neste trabalho a representação das paisagens trazidas se dar por meio de imagens, a paisagem será tratada no seu aspecto morfológico estrutural, observando seus componentes diversos em diferentes escalas, tendo como possível componente vertebrador (TARDIN, 2008) os espaços livres de edificação. A paisagem tratada aqui é urbana com características também próprias do meio rural apresentando então elementos de ambos os meios. Será compreendida sua composição a partir de sua evolução histórica e a relevância do simbolismo na percepção que a população local tem desta paisagem na qual está inserida.

1.2 Território

São trazidas reflexões epistemológicas de Haesbaert (2014), de Reis (2005) e Schlee *et al.* (2009) sobre o termo território.

Para Haesbaert (2014) haveria inicialmente dois grandes paradigmas das questões territoriais: um hegemônico e outro contra-hegemônico (ou subordinado), o que está no poder e o que não está (HAESBAERT, 2014). Para este autor, o próprio estudo do conceito de território já revelaria problemáticas sociais, ambientais e econômicas. O território enfatizaria, e potencializaria as relações espaço/poder. Por conta da importância, seu uso indiscriminado poderia levar “à perda da capacidade problematizadora, explicativa e mobilizadora que poderia ter” (HAESBAERT, 2014, p. 54). Cada visão de mundo abarcaria uma série de conceitos que levariam à interpretações diferentes quanto à definição de território e seu papel.

Reis (2005) destaca a necessidade de uma epistemologia do território que traga clareza quanto ao seu conceito e possibilidades de uso adequado do termo e quanto ao estudo da relação espaço/poder (REIS, 2005, p. 51) com um viés promovedor de

igualdade. O autor buscou compreender as dinâmicas que formavam as distinções territoriais (sejam estas distinções sociais ou econômicas, de desenvolvimento, ou de déficit, de integração social ou fragmentação), e qual o papel da mobilidade na formação territorial. Sendo assim o território deveria ser abordado não apenas como suporte passivo das relações sociais, mas também como agente promovedor ou não destas e de relações econômicas por meio de seu domínio e exploração (REIS, 2005). É explorada pelo autor a relação deste conceito com o da nova dinâmica espacial em desenvolvimento: a da globalização, que tende a criar escalas territoriais favoráveis à expansão do capital (hoje as escalas local e global). O papel do território nas dinâmicas sociais poderia ser, então, observado sobre dois diferentes aspectos: o primeiro trata da problemática de que o ambiente desenvolvido para indivíduos e para a vida coletiva é determinado pelas necessidades que não são diretamente do indivíduo, mas sim de uma esfera acima deste como as determinantes do capital que atuam sobre o planejamento. O segundo trata dos fatores e instrumentalidades que dão força de ação aos atores sociais de modo a alcançarem propósitos e concretizarem objetivos.

Schlee *et al.* (2009, p. 231) definem território como:

uma construção social, a incorporar os processos econômicos e produtivos, definir estratégias de dominação sobre o espaço e seus recursos e manifestar-se sobre uma base física, por meio de múltiplas apropriações, individuais e coletivas, delimitando marcas e marcos de identidade cultural.

Complementam os autores que a maior parte dos que se debruçam em tratar do tema, o abordam sobre dois grandes vieses que seriam: os aspectos físico-espaciais, geopolíticos e socioeconômicos; e os aspectos simbólicos, subjetivos e perceptivos do território. Em pensamento aproximado, (HAESBAERT, 2014) observa que a compreensão etimológica do território passa por dois aspectos, o material e o simbólico, e se relaciona com a dominação da terra por parte do poder hegemônico e a criação do medo que impede que seja retomada pelos grupos contra-hegemônicos. O território, de início seria essencialmente ligado à questão de poder de dominação e de apropriação. A distinção entre os dois termos é dada por citação à Lefebvre (1974) que trata dominação (dominação, propriedade) como um processo “objetivo, funcional e vinculado ao valor de troca” (HAESBAERT, 2014, p. 57) e apropriação como um processo simbólico ligado ao espaço vivido, memória, identidade e cultura. A dominação seria prática do poder hegemônico funcionalista, já a apropriação seria vinculada ao poder contra-hegemônico que veria no território aspectos simbólicos.

Reis (2005) destaca a importância do conhecimento das dinâmicas e estruturas sociais para a compreensão epistemológica do território contemporâneo. Em Haesbaert (2014) e Reis (2005), fica destacado que território está ligado a relações entre o poder hegemônico e o contra-hegemônico. Os dois autores consideram a relação entre fixos e fluxos (ou mobilidades, de acordo com Reis). Reis (2005) acredita em um passo adiante da relação de subordinação entre ambos, observando-os não como complementares, ou como o território sendo o suporte para as mobilidades, mas como uma nova abordagem epistemológica para o território, na qual mobilidade é parte dele. A respeito desta dinâmica e do papel do capital nela, Haesbaert (2014) comenta sobre a apropriação do capital sobre o espaço geográfico de modo a torná-lo em produto, bem como a cultura local. Já Schlee *et al.* (2009) demonstram a relação entre identidade e

território, bem como a relação entre recursos, localização, construção social do território e seu desenvolvimento e evolução. A partir dos três autores sem dúvida pode-se dizer que território é um conceito em reformulação à medida que ainda não estão estáveis os fluxos e demais dinâmicas às quais sua epistemologia vem sendo associada. Apesar disto, todos os três não deixam de lado o aspecto social e conflituoso que está inserido em seu conceito. Território, portanto apresentaria aspectos materiais e simbólicos, que estão em contínuo processo de adaptação e evidenciam relações de poder definindo a sua morfologia nas sociedades contemporâneas (REIS, 2005, p. 59).

Sendo assim, o território aqui analisado revela contendas e disputas de poder e dominação, em que agentes econômicos e institucionais e sujeitos competem e especulam sobre seu uso e apropriação, em geral com perdas e danos voltados aos atores mais vulneráveis e com menos possibilidades de preservar seu domínio e identidade territoriais, ainda que subjetivos. Neste trabalho será então tratado território como sendo espaço físico e suprafísico de dominação e apropriação antrópica; passivo e ativo das relações sociais da qual faz parte, e dos fixos e fluxos que o compõem. São considerados os aspectos físicos/matérias e aspectos simbólicos/subjetivos, sendo o produto destes dois enfoques um contínuo processo retroalimentador de sua epistemologia ao longo do tempo.

1.3 Unidade Morfo-territorial ou Unidade de Paisagem

O termo Unidade Morfo-territorial é oriundo do termo Unidade de Paisagem (UP), não sendo, portanto, sinônimos, mas termos complementares. Silva, Lima e Magalhães (2015, p. 107-108) esclarece que o termo Unidade Morfo-territorial é um termo cunhado para dar maior precisão ao aspecto sob o qual é tratado o termo Unidade de Paisagem. Neste sentido, explica que Unidade de Paisagem é um conceito oriundo da Geografia que nem sempre leva em conta as variações morfológicas que ocorrem dentro do meio urbano e nem as particularidades dentro deste meio. Enquanto o primeiro termo foca na análise de grandes áreas espaciais, e tendem a considerar áreas urbanizadas como internamente homogêneas, o segundo tem um olhar sobre aspectos mais específicos do meio urbano principalmente por estar vinculado à área da arquitetura e do urbanismo. O conceito de unidade morfo-territorial tem origem no de unidade de paisagem, contudo com conferindo a ele um novo olhar, e permitindo maior precisão epistemológica. A designação de Unidade da Paisagem (UP) passou a ser questionada pelo grupo SEL-RJ por prevalecer um caráter direcionado ao paisagismo, que aparentemente excluía questões ligadas ao uso do território, assim Silva, Lima e Magalhães (2015) sugeriram a designação Unidade Morfo-territorial, mantendo a sigla UP.

A partir da observação de conceitos diversos sobre paisagem, Sampaio *et al.* (2014) afirma que as Unidades de Paisagem

podem ser consideradas como resultado da apreensão visual, da antropização, da intervenção humana e como resultado relativo aos processos de ocupação, usos e apropriação do território.

Para este trabalho o conceito de Sampaio *et al.* (2014) será somado ao do Ministério do Meio Ambiente (2006, p. 38) para o Projeto Orla, no qual Unidade de Paisagem:

É definida como um trecho que apresenta uma homogeneidade de configuração, caracterizada pela disposição e dimensão similares dos quatro elementos definidores da paisagem: suporte físico, estrutura/padrão de drenagem, cobertura vegetal e mancha urbana. Para efeito de estudo, qualquer uma das grandes unidades de paisagem litorânea pode ser subdividida em subunidades, de modo a permitir um aprofundamento do conhecimento. Trata-se, portanto, de uma ótica que observa diferentes escalas.

Complementarmente, Silva, Lima e Magalhães (2015, p. 107) afirmam que:

o termo parte da percepção que a definição de uma região onde a paisagem se mostra homogênea se apoia nas suas características morfológicas e, simultaneamente, na constituição de territórios formados pela ação de grupos sociais sobre um determinado suporte físico.

Silva, Lima e Magalhães (2015, p. 108) afirmam que:

a delimitação das áreas homogêneas de paisagem poderá não ser coincidente com o recorte administrativo ou com a área de planejamento, assim como não serão necessariamente coincidentes com os limites geográficos (ex.: bacia hidrográfica) ou administrativos (ex.: distrito). [...] Trata-se, portanto de um processo de análise proposto que não considera a paisagem 'como uma imagem', como 'uma visão ou como tudo aquilo que comporta o olhar', mas sim 'como uma estrutura morfológica, cujo entendimento demanda a divisão em unidades diversas'. O objetivo é a paisagem apreendida 'como uma totalidade em diferentes escalas de visualização'.

Em comum entre estes autores, fica evidenciado que se trata de uma unidade morfológica de identificação espacial caracterizada pela presença de elementos ou formas, semelhantes dentro de um mesmo recorte. Fica também evidenciado que é uma observação relativa, variável conforme a escala de observação. Neste trabalho, seguindo o formato de Silva, Lima e Magalhães (2015) será utilizado o termo Up para as diferentes Unidades Morfo-territórias encontradas no estudo de caso, sendo levados em conta para classificação as mesmas variáveis de Silva, Lima e Magalhães (2015, p. 116), a saber: formas de parcelamento, tipos de uso e ocupação, tendências ou constatações de transformação e por fim, espaços livres de edificação.

1.4 Espaços Livres

Segue-se um conjunto de definições complementares entre si tanto do termo espaços livres como do sistema urbano de espaços livres.

Tardin (2008, p. 43) relata que há uma imprecisão na definição de espaço livre como há também para os termos território e paisagem e que as diferentes áreas, como geografia e urbanismo, ecologia e paisagismo, apresentam distintas definições para o mesmo termo tanto destacando o seu lado físico-estrutural, quanto dando maior atenção ao aspecto sociocultural ou ainda ao seu papel no funcionamento dos ecossistemas existentes.

Queiroga e Benfatti (2007, p. 86) declaram que:

Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e conservação ambiental, etc.

Tardin (2008, p. 51) trata ainda do sentido perceptivo e cênico dos espaços livres destacando que:

Os espaços livres são elementos que participam na estrutura visual de um lugar e lhe outorgam características singulares, cuja manutenção favorece a diversidade visual local e significa valorizar algumas permanências depois de um longo processo de artificialização.

Sobre estas afirmações é relevante apontar que os espaços livres estão sendo observados sob o âmbito funcional (drenagem, convívio público, por exemplo, citados por Queiroga e Benfatti), âmbito ambiental (Tardin cita o seu papel no funcionamento dos ecossistemas existentes e Queiroga e Benfatti (2007) citam o seu papel na conservação ambiental), e âmbito perceptivo/cênico (TARDIN, 2008, p. 51).

Os sistemas urbanos de espaços livre têm papel relevante tanto na ordenação física do território quanto nos seus aspectos culturais, e socioeconômicos. Enquanto sistemas podem ser definidos como “os elementos e as relações que organizam e estruturam o conjunto de todos os espaços livres de um determinado recorte urbano - da escala intraurbana à regional.” (QUEIROGA *et al.*, 2011, p. 12-13). Nota-se nesta afirmação que o sistema de espaço livres pode ser analisados em diferentes escalas e recortes. As escalas variariam então do local (a quadra, o lote), passando pelo intraurbano (bairros, parques urbanos, etc) e chegando ao âmbito regional (bacia hidrográfica, região metropolitana, etc.).

Schlee *et al.* (2009, p. 242-243) comentam, a partir de diversos autores, que o termo espaços livres pode ter diferentes significados e é no meio urbano associado à preservação, recreação, convívio, circulação dentre outros fins. Mas não necessariamente o espaço livre apresenta uma função pré-concebida. São espaços livres de edificação, descobertos, estando constituídos ou destituídos de função específica. A estrutura dos espaços livres, no meio urbano e no rural, pode ter papel modelador do aspecto morfológico do território e ser campo de manifestação cultural. No meio urbano, se trata de um sistema não isolado, que se relaciona com os demais.

Assim com os autores afirmam este trabalho também associa seu significado quanto “à estrutura, função e lugar a uma base física, visando referenciar, quantificar, qualificar e definir atributos de valoração social, ambiental e cultural a ele associados” (SCHLEE *et al.*, 2009, p. 243). São focados aqui espaços livres de edificação (descobertos) públicos, estando constituídos ou destituídos de função específica.

A partir dos conceitos e termos analisados que correspondem às bases fundamentais deste estudo, passamos no próximo capítulo a apresentar as formas de aplicação dos conceitos a partir de instrumentos e ferramentas de pesquisa que possibilitaram a consecução dos objetivos propostos.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O primeiro passo para a efetivação da pesquisa, de modo a definir e dar significação aos diversos conceitos que fundamentam a análise e o marco teórico, é a realizada revisão de literatura, a partir de fontes primárias e secundárias. Foram revisados textos sobre os conceitos paisagem, território, unidades morfo-territoriais e espaços livres com respectivamente base em Queiroga e Benfatti (2007), Tardin (2008), Schlee *et al.* (2009), Silva, Lima e Magalhães (2015) para discussão sobre o conceito de paisagem; de Reis (2005), Schlee *et al.* (2009) e Haesbaert (2014) para discussão sobre o conceito de território; Ministério do Meio Ambiente (2006), Sampaio *et al.* (2014) e Silva, Lima e Magalhães (2015) para tratar do conceito de unidades morfo-territoriais; e Queiroga e Benfatti (2007), Queiroga e Benfatti (2007), Tardin (2008), Schlee *et al.* (2009) e Queiroga *et al.* (2011) para conceituação do termo espaços livres. Todos os conceitos acima fornecem os subsídios de aplicação da metodologia abaixo explicitada.

Da mesma forma, para a caracterização do objeto de estudo (as unidades morfo-territoriais de Seropédica e os espaços livres públicos representados por três praças da unidade morfo-territorial designada Km-49) nas escalas macro, meso e micro, foi realizado levantamento da evolução de ocupação e principais eventos da história do município e região da Baixada de Sepetiba e formação e evolução urbana de Seropédica, com base em Sampaio *et al.* (2014), Alcantara e Schueler (2015), Silva, Lima e Magalhães (2015) e entrevista a Ricardo Nogueira, geógrafo, chefe da Floresta Nacional (FLONA) Mário Xavier, bem como levantamento do contexto sócio-político do município, sendo analisados documentos e dados estatísticos, disponibilizados por órgãos e instituições públicas e privadas, tais como Prefeitura Municipal de Seropédica (2006) e IBGE (2010).

Em seguida, foi feita a apresentação de dados a partir de mapeamentos que localizam e caracterizam geomorfologicamente em distintas escalas de análise tanto o município, quanto o recorte de análise, o Km-49, sendo efetivada esta etapa por meio de revisão bibliográfica, consulta a trabalhos publicados pelo GEDUR (2015) e SEL-RJ, e consulta a dados de órgãos oficiais (IBGE, INEA, MMA, CEPERJ, entre outros). Os dados dizem respeito à sua localização, relevo, florestas, clima, pluviosidade e hidrografia. O acervo cartográfico do GEDUR foi importante aliado na caracterização e categorização das unidades morfo-territoriais; a equipe de bolsistas de iniciação científica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ foi de grande empenho nos trabalhos de levantamentos de dados físico-espaciais e elaboração de mapas temáticos aqui apresentados.

Para o mapeamento, classificação e análise das unidades morfo-territoriais, tipos morfológicos e tabela síntese foram considerados os critérios definidos por Silva, Lima e Magalhães (2015). O estabelecimento da relação que os espaços livres apresentam com suas respectivas unidades morfo-territoriais também seguiram Silva, Lima e Magalhães (2015); e o levantamento e análise qualitativa foram realizados a partir de tabelas do grupo SEL-RJ e GEDUR por meio da formação de fichas de categorização.

Para a pesquisa cognitiva e qualitativa de modo a apreender as formas de apropriação e uso dos espaços livres utilizamos observação incorporada, entrevistas semi-estruturadas e questionários semi-estruturados que foram aplicados a usuários dos espaços livres analisados, sendo estes residentes do entorno, usuários imediatos das praças ou trabalhadores e comerciantes do entorno. As entrevistas foram apli-

cadadas em dias e horários alternados seguindo parâmetros de estudos anteriormente realizados por participantes do GEDUR (ALCANTARA, 2002; ALCANTARA, 2008; MONTEIRO, 2015), bem como procedimentos de pesquisa de avaliação pós-ocupação desenvolvidos pelo ProLUGAR-UFRJ (RHEINGANTZ *et al.*, 2009).

Com base nestes autores foram realizados procedimentos de observação incorporada nas três praças selecionadas pra estudo, bem como por demais localidades do Km-49. Abaixo são descritos e analisados as principais ferramentas utilizadas na realização do estudo de caso.

2.1 Observação Incorporada

Segundo Rheingantz *et al.* (2009, p. 103), a Observação Incorporada é um “instrumento de avaliação de desempenho do ambiente construído” que se caracteriza por ser “uma abordagem aberta da experiência” (Ibid., p. 105) através de “uma deriva natural que é aleatória e ocorre independentemente de qualquer pressão seletiva” (RHEINGANTZ *et al.*, 2009, p. 105).

O instrumento é “basicamente, uma atitude do observador” que toma como referência a abordagem experiencial, considerando “as relações pessoa-ambiente de forma indissociável e interdependente” (Ibid., p. 107). Uma observação incorporada permite ao observador incluir a si e suas percepções sobre o ambiente. Ela objetiva, por meio da abordagem experiencial

contribuir para a avaliação do lugar (...) a partir do entrelaçamento e da qualificação dos olhares técnico e cognitivo-experiencial, de modo a enriquecer a compreensão de como os atributos do ambiente são percebidos e experienciados pelos usuários e observadores. (RHEINGANTZ *et al.*, 2009, p. 110)

O recurso possibilita a identificação de problemas e de impressões ambientais com o fim de promover uma melhor qualidade sócio-ambiental. Criado por pesquisadores do grupo Qualidade do Lugar e Paisagem para estudo de Avaliação de Pós-Ocupações, foi aplicado nos trabalhos de campo da tese de doutorado de Denise de Alcantara que participou da elaboração do instrumento (Ibid., p. 105 e 109).

O grupo parte do pressuposto de que a cognição não consiste na representação de uma realidade independente das nossas capacidades perceptivas e cognitivas (Ibid., p. 17). Para o grupo:

considerando que o homem é o fundamento do domínio cognitivo, o observador acontece no observar, e a explicação desta experiência ou acontecimento, corporifica o mundo; a observação precisa ser vista como o relato de um conjunto de acontecimentos produzidos nas interações recorrentes do observador com o ambiente, dentre as quais ambos mudam de modo congruentes. (RHEINGANTZ *et al.*, 2009, p. 109)

Duas características favoráveis da observação incorporada são o fato de fornecer informações subjetivas e “ampliação do significado e compreensão do sentido e da qualidade do lugar” (Ibid., p. 107).

Segundo Rheingantz *et al.* (2009, p. 109-110), o processo de aplicação de uma Observação Incorporada é composto por: preparação - momento de relaxamento e concentração; observação atenta - atenção do observador já relaxado aos acontecimentos no ambiente em que se encontra enquanto caminha à deriva por ele, bem como atenção aos efeitos, emoções e reações que o ambiente gera no observador com uso complementar de filmagens ou fotografias que registrem o que chamou a atenção do observador; conclusão 1 - revisão e registro logo após a experiência do que for considerado importante; conclusão 2 - troca de experiência com os demais observadores caso haja mais de um; e conclusão 3 - documentação sistemática da observação, um ou dois dias pós a mesma. A análise dos resultados é feita na releitura e entrelaçamento das observações e experiências que registram as impressões do pesquisador com relação ao ambiente (Ibid., p. 109-110).

Neste trabalho, a Observação Incorporada foi aplicada antes dos demais instrumentos para um pré-reconhecimento das praças e maior consistência e aproveitamento dos demais instrumentos. O recurso será utilizado nos três recortes a serem observados de modo mais próximo e será realizado individualmente pelo pesquisador. Acredita-se que permita um conjunto de informações perceptivas mais sensoriais do que técnico-funcionais dando detalhamento sobre como o ambiente afeta seus usuários e como estes o afetam, sendo, por este motivo o recurso utilizado nos percurso experienciais feitos pelas unidades morfo-territoriais que compõem o Km-49.

2.2 Entrevista

Entrevistas têm como objetivos examinar e determinar opiniões sobre fatos, sentimentos planos de ação e de conduta do presente e do passado, além de buscar motivos de opiniões, sentimentos e ações (RHEINGANTZ *et al.*, 2009 *apud* LAKATO; MARCONI, 1991, p. 196) de modo a “aprofundar as informações levantadas em outros trabalhos de campo no ambiente em análise, colentando dados que ficaram ocultos ou simplesmente preenchendo lacunas nas informações” (RHEINGANTZ *et al.*, 2009, p. 71). Neste trabalho o objetivo das entrevistas foi apreender a percepção e aspiração que a população usuária das praças públicas de Seropédica tem em relação a este ambiente e como ela se apropria dele ou os motivos pelos quais não o faz.

Segundo Rheingantz *et al.* (2009, p. 71) existem, basicamente, três tipos de entrevistas: a estruturada (na qual o entrevistado segue um roteiro já elaborado e impresso em um formulário), a semi-estruturada (em que o roteiro é “guia” para a entrevista), e a não estruturada (onde o entrevistador apenas incentiva o entrevistado a tratar de um assunto específico, mas com pouca interferência no discurso do entrevistado). Todas as entrevistas realizadas foram do tipo semi-estruturada por se considerar ideal para que o entrevistado pudesse falar abertamente, mas ao mesmo tempo se tivesse um conjunto de respostas a perguntas pré-estabelecidas consideradas fundamentais para esta pesquisa.

No que diz respeito às perguntas realizadas, Rheingantz *et al.* (2009, p. 82-88) registra diferentes modos de serem classificadas e prossegue mostrando que quanto ao formato as questões podem ser abertas (quando o respondente usa suas próprias palavras) ou fechadas (quando as alternativas de respostas são pré-determinadas com duas opções ou mais opções. Quanto ao objetivo as perguntas podem ser questões de fato (quando perguntam sobre dados e acontecimentos precisos); perguntas de

ação (quando questionam atitudes do respondente); questões de ou sobre intenção (quando buscam saber o posicionamento ou pretensão do entrevistado); ou questões de opinião (o que o respondente pensa sobre determinado assunto ou situação). Podem ser utilizadas ainda questões com imagens (mapas, desenhos, fotografias, esquemas ou jogos); com matriz; ou ainda questões compostas (quando as questões apresentam subdivisões e relativa pontuação sobre as respostas dadas). As perguntas aqui realizadas foram dos tipos abertas e fechadas. Foram feitas questões de fato sobre a praça próxima ao local da entrevista e seu funcionamento diário, questões sobre intenções de uso de praça pública, questões de opinião sobre o estado em que ela se encontra e o que poderia ser alterado nela.

Cabendo também ao entrevistador definir o grupo de respondentes, seja por nomes, por setor ou por categoria (RHEINGANTZ *et al.*, 2009), neste caso, o grupo de respondentes foi dividido entre usuários da praça, comerciantes do entorno, e moradores do entorno das praças.

Antes da aplicação da entrevista foi feito um pré-teste para avaliar a consistência, clareza e coesão das perguntas elaboradas, sendo necessário reelaborá-las, e testar a nova versão até um resultado satisfatório conforme Rheingantz *et al.* (2009, p. 89).

Entre as vantagens do uso deste instrumento estão o “aprofundamento de informações levantadas em outros trabalhos de campo no ambiente em análise e o maior entrosamento com o respondente além da maior variabilidade de informações” (Ibid., p. 71 e 74). Contudo a dificuldade de expressão pode limitar a entrevista; e há possibilidade de “o respondente ser influenciado, conscientemente ou inconscientemente pelo entrevistador e fazer uma interpretação falsa das perguntas feitas pelo entrevistador por parte do respondente” (Ibid., p. 75).

O instrumento foi selecionado por dar maior acesso ao comportamento não verbal dos respondentes e aos aspectos no momento e no local da entrevista, além de possibilitar esclarecimento e inserção ambientalmente contextualizada de questões durante sua realização.

2.3 Questionário

O principal objetivo do uso de um questionário é “descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio da comparação de respostas relativas a um conjunto de questões” (RHEINGANTZ *et al.*, 2009 *apud* ZEISEL, 1981).

Rheingantz *et al.* (2009, p. 79) comenta as principais vantagens do uso do questionário e algumas delas são: a segurança que o respondente sente no anonimato e impessoalidade do instrumento, a rapidez e relativo baixo custo para aplicação do questionário e a possibilidade de trabalho com universos maiores de respondentes e/ou áreas geográficas. Contudo, neste método existe a possibilidade de outro preencher o questionário, crianças e analfabetos não estão entre os respondentes e não há como esclarecer dúvidas e incompreensões dos respondentes (Ibid., p. 80).

Assim como sugerido por Rheingantz *et al.* (2009), o questionário foi aplicado neste trabalho após pré-testes do mesmo e respectivos ajustes e reelaboraões. O objetivo do uso do instrumento foi ampliar a coleta de informações enquanto as entrevistas eram realizadas. Os respondentes foram comerciantes, usuários, e residentes das 3 praças em estudo e seus respectivos entornos.

2.4 Ficha de Categorização dos Espaços Livres

A partir da base conceitual que se fundamenta no trabalho do grupo SEL-RJ (Sistema de Espaços Livres - Rio de Janeiro, que integra a rede QUAPÁ-SEL (Quadro de Paisagismo - Sistema de Espaços Livres) da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo), sobre as apropriações dos espaços livres públicos e privados (TÂNGARI *et al.*, 2012), e no desenvolvido pelo grupo GEDUR para análise e categorização dos espaços livres públicos de Seropédica, foram elaboradas Fichas de Categorização dos Espaços Livres. As fichas são uma ferramenta auxiliar que permitem um entendimento global do território em seus recortes específicos relacionados aos espaços livres de edificações de uso público. Esta ferramenta de análise é construída a partir de uma Tabela de Categorização dos Espaços Livres de onde se estrutura a classificação que relaciona os espaços e seus atributos, a partir do mapeamento e levantamentos de campo e pesquisas em diferentes níveis de detalhe.

A tabela proposta (...) parte da divisão dos espaços livres em: espaços de caráter ambiental, restritos à urbanização, espaços de caráter urbano e de caráter rural, conforme descritos abaixo.

Espaços de caráter ambiental – de uso sustentável e de proteção integral, aplicando-se essa categorização às legislações ambientais incidentes.

Espaços de caráter urbano – subdivididos em espaços relacionados à permanência; à circulação, à infraestrutura e espaços residuais.

Espaços de caráter rural – compreende espaços onde indicem usos e atividades agrárias, extrativistas ou pecuárias. (TÂNGARI *et al.*, 2012, p. 222)

Os espaços livres são classificados a partir de aspectos objetivos e subjetivos. A tabela permite a ampliação, adequação, substituição ou complementação, tornando possível aplicações em recortes espaciais específicos que apresentem distinções com os itens presentes na Tabela de Categorização dos Espaços Livres, conforme os tipos e subtipos de espaços livres identificados caso a caso, bem como suas especificidades, escala e contexto de análise. São então analisados os atributos de: caracterização da legislação incidente, situação fundiária e gestão (a quem compete a manutenção e administração do espaço, seja público ou privado); acessibilidade: acesso físico e protocolos de acesso, práticas sociais ou finalidade objetiva; atributos paisagísticos: estado de conservação, mobiliário, iluminação, sinalização, pavimentação, vegetação, obras de arte e monumentos; atributos perceptivos: sonoridade, olfato, luminosidade, cromatismo e conforto climático; e finalmente, mas não menos importante, aspectos socioculturais: modos e intensidade de uso e apropriação, memória afetiva e representações sociais.

A partir da Tabela de Categorização dos Espaços Livres, o GEDUR elaborou a Ficha de Categorização dos Espaços Livres Públicos, que apresenta os atributos definidos acima. Os resultados dos levantamentos e análises, realizados nos três recortes do Km-49 foram sintetizados em três fichas apresentadas na Seção 4.3.

Além dos atributos objetivos e subjetivos de cada recorte, as fichas contêm a localização dos espaços livres, mapeamentos dos aspectos físico-espaciais (realizados in loco e com base na tecnologia SIG, Google Earth e bases cadastrais municipais), bem como fotos representativas das questões e problemas identificados.

3 CARACTERIZAÇÃO DO RECORTE DE ANÁLISE

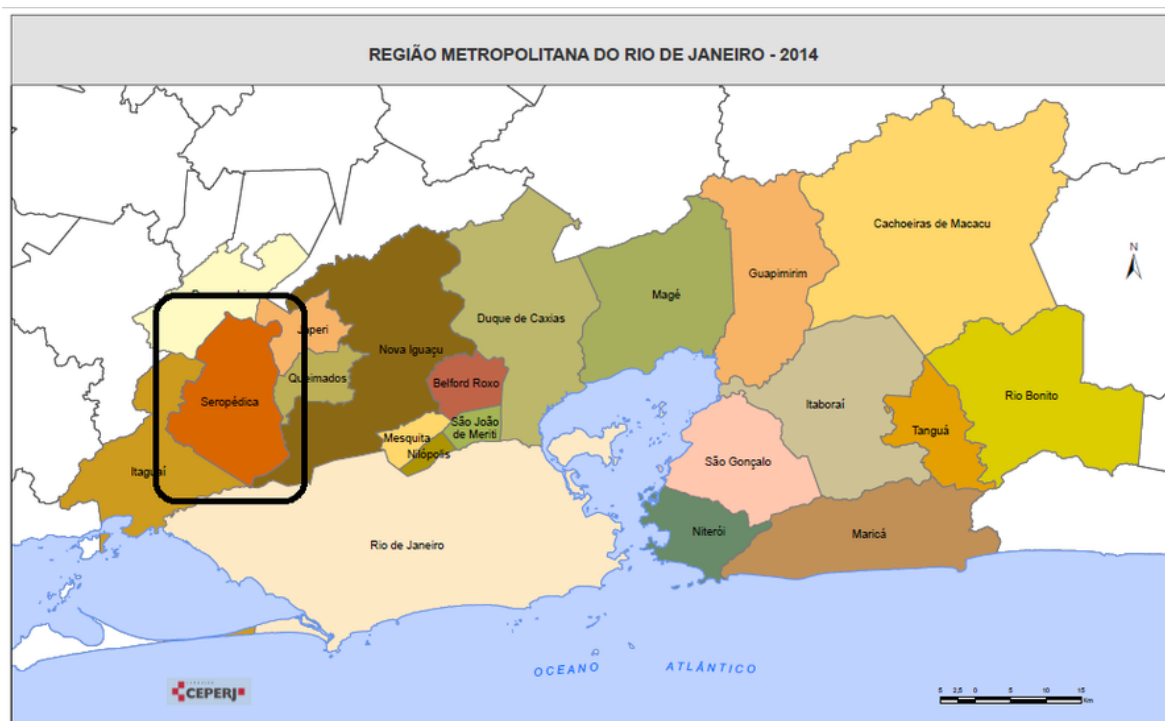
Neste capítulo são trazidas as principais características estatísticas referentes ao município de Seropédica e a região do Km-49 compreendida como a mancha urbana nos bairros Fazenda Caxias e Boa Esperança. O capítulo caracteriza as escalas de observação tratando aspectos sócio-culturais e econômicos na primeira parte e aspectos geobiofísicos na segunda parte. Estas informações são relevantes para uma correta avaliação e classificação das unidades morfo-territoriais que compõem o Km-49, e para os demais estudos e observações trazidos no capítulo seguinte.

3.1 Aspectos Sócio-culturais e Econômicos

3.1.1 Localização e Dados Socio-econômicos

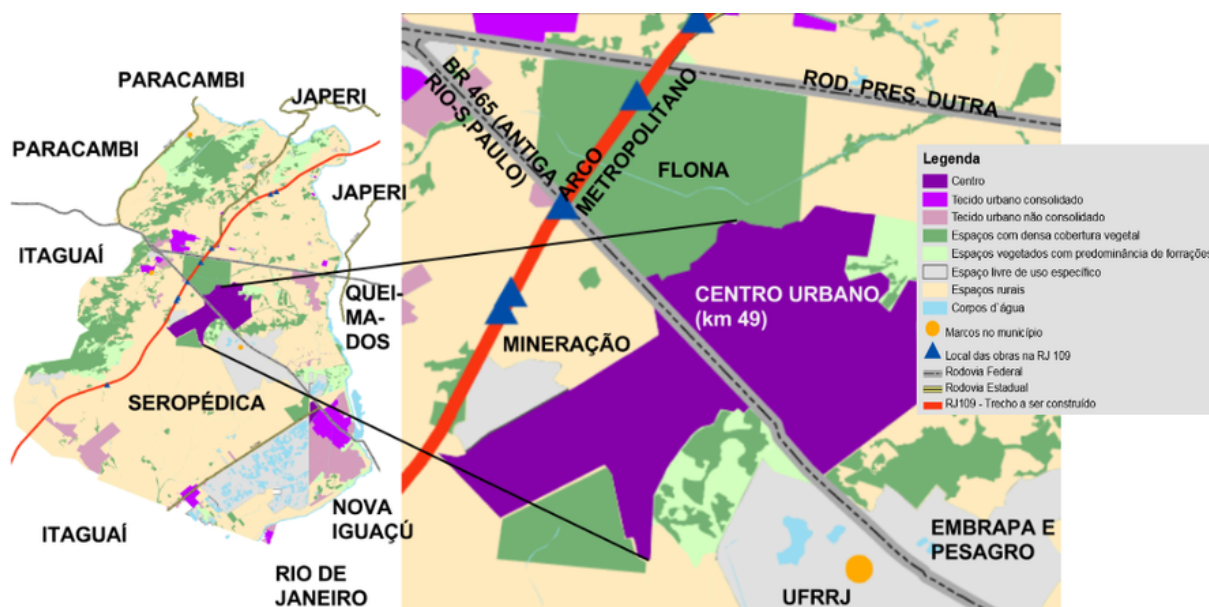
Localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Figura 4), Seropédica é delimitada pela cidade do Rio de Janeiro, e os municípios de Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Paracambi e Itaguaí (Figura 5). O município de Seropédica tem sua população urbana fragmentada no território (Figura 5), sendo ao todo de 64 285 a população urbana (IBGE, 2010), o que corresponde a 82% do total de 78 186 habitantes contabilizados no Censo de 2010. Para 2016, a estimativa foi de 83 667 habitantes. Apenas 18% da população vive em meio rural.

Figura 4 – Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro - RMRJ, com seus 21 municípios e o município de Seropédica em destaque à esquerda.



Fonte: Edição do autor sobre mapa de CEPERJ, 2014.

Figura 5 – (a) Mapa de localização de Seropédica e suas áreas urbanizadas, (b) com ampliação do núcleo urbano principal, vulgarmente conhecido como Km-49. Note-se em vermelho a passagem do Arco Metropolitano pela FLONA Mario Xavier.



Fonte: Edição sobre mapa elaborado pelo Grupo SEL-RJ.

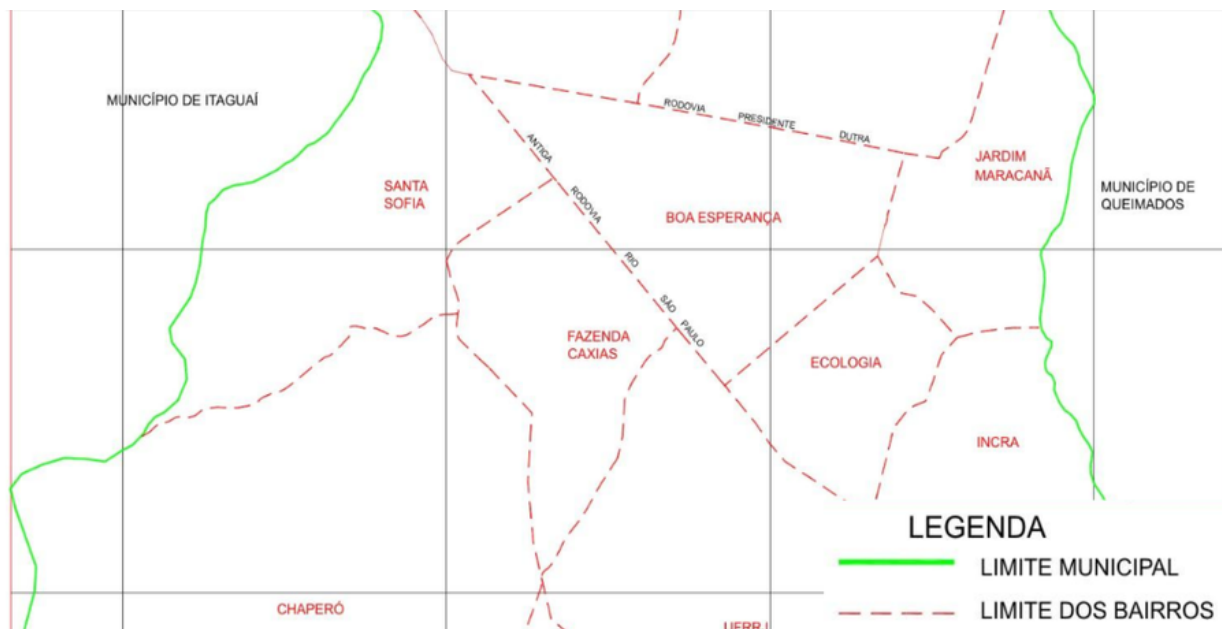
O foco de estudo desta pesquisa recai sobre o principal núcleo urbano de Seropédica, conhecido popularmente como Km-49 (Figura 5). É localizado entre o campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Unidade de Conservação (UC) Floresta Nacional (FLONA) Mário Xavier Filho, uma grande área de mineração a noroeste, e é margeado nos demais limites por espaços livres de edificação. O Km-49 se desenvolveu ao longo e às margens da BR-465 (a antiga Rio-São Paulo) (Figura 5) e fragmentado pela ferrovia logística MRS, de transporte de minério de ferro para o Porto de Itaguaí.

O crescimento previsto de Seropédica para os próximos 25 anos (SANTOS, 2016) é da ordem de 250%, prevendo-se um aumento de cerca de 80 mil habitantes em 2010 a 280 mil em 2040. A estrutura político-administrativa municipal não vem se preparando adequadamente para a expansão industrial, logística e urbana vislumbrada para as próximas décadas, focando apenas no crescimento econômico a despeito dos conflitos e ameaças socioambientais presentes (ALCANTARA, 2016). Novos empreendimentos logísticos, indústrias, condomínios residenciais de baixa e média renda se instalam de forma dispersa e sem restrições construtivas e urbanísticas, em função da falta de planejamento e controle da expansão. Adicionalmente, a infraestrutura urbana é precária, o saneamento e tratamento de esgotos inexistente, sendo o esgoto despejado sem tratamento diretamente sobre os corpos hídricos cada vez mais poluídos e a qualidade ambiental e urbana sofrem com edificações desprovidas de qualidade construtiva e de conforto, que se espalham de forma desordenada e desconectada do suporte biofísico.

Segundo o Plano Diretor Municipal, o Km-49 insere-se nos bairros Fazenda Caxias, a esquerda da BR-465, e Boa Esperança, à direita da BR (Figura 6). A Tabela 1 discrimina a população e a área de cada bairro, mostrando que estes concentram

33% da população residente.

Figura 6 – Mapa de abairramento de Seropédica com os dois bairros que incorporam o Km-49 ao centro (bairros Fazenda Caxias e Boa Esperança).



Fonte: Prefeitura, Plano Diretor, 2005 (edição do autor sobre o mapa).

O município apresenta um IDH-M de 0,713. Contudo, este índice não indica uma melhora do que diz respeito a qualidade de vida da população. Pode ser considerado fruto de uma relação de codependência entre o município e a universidade que leva à uma aparente distorção dos dados levantados, não considerando os inúmeros grupamentos sociais da faixa mais carente populacional. Assim, os principais fatores que compõem o IDH-M (renda, longevidade e educação) acabam distorcidos. Boa parte da fonte de renda da população do Km-49 é baseada na informalidade e na terceirização de serviços, sendo especulativa e mercadológica, resultante, por exemplo, de atividades relacionadas à serviços de alimentação, ou ainda quitinetes, de modo a suprir a grande demanda acadêmica e universitária, por sua vez temporária no território. Dessa forma, não se verifica efetivamente uma relação de benefício social ou cultural com a presença do campus universitário na região (ALCANTARA, 2014). O PIB de R\$ R\$1,8 bilhões não é o mais baixo, mas está entre os mais baixos, se comparado com a média metropolitana de R\$ 404,37 bilhões (IBGE/2016), e corresponde à 0,44% do PIB da RMRJ (IBGE, 2016 - Tabela 2).

Tabela 1 – Áreas urbanas de Seropédica.

NOME	AREA (m ²)	Total de Domicílios	Pessoas residentes	Homens residentes	Mulheres residentes
SÃO MIGUEL E BELVEDERE	14.618.858,77	1.187	2.965	1.425	1540,000
SANTA SOFIA	15.718.127,99	1.285	3.324	1.637	1.687
CABRAL E CARRETÃO	28.885.498,77	176	402	222	180
UFRRJ E ECOLOGIA	38.769.793,78	553	2.026	1.012	1.014
PARQUE JACIMAR	1.824.091,93	1.001	2.665	1.303	1.362
FAZENDA CAXIAS	9.197.822,45	3.894	9.125	4.394	4.731
BOA ESPERANÇA	15.645.541,24	7.396	16.953	8.194	8.759
NAZARETH	15.645.541,24	89	187	101	86
SANTA ALICE	22.112.929,03	367	832	439	393
JARDIM MARACANÃ	10.966.606,46	1.025	2.488	1.249	1.239
INCRA	13.966.061,23	754	2.070	1.030	1.040
JARDINS	3.015.315,17	2.195	5.962	2.914	3.048
CAMPO LINDO	12.127.660,47	5.671	15.212	7.529	7.683
CANTO DO RIO	623.807,29	610	1.785	881	904
PIRANEMA E BOA FÉ	45.190.243,55	1.528	3.959	1.975	1.984
SANTA ROSA E CHAPERÓ	41.121.107,89	3.216	8.231	4.128	4.103
TOTAIS	283.762.000,00	30.947	78.186	38.433	39.753

Fonte: IBGE, 2010.

Tabela 2 – Dados estatísticos do município de Seropédica comparados à RMRJ e aos municípios limítrofes

Município	Área territorial (Km²)	População estimada (2016)	PIB (2013)	IDH-M	Densidade demográfica
Itaguaí	274.433	120.855	RS7,0 bilhões	0,715	523,38
Japeri	1.869	100.362	RS999,8 milhões	0,659	1.219,79
Paracambi	179.772	50.071	RS600 milhões	0,720	275,47
Queimados	75.695	144.525	RS3,6 bilhões	0,680	1573,99
Seropédica	283.766	83.667	RS1,8 bilhões	0,713	292,11
RMRJ	6.744,634	12.330.186	RS404 bilhões	-	1.820,81

Fonte: IBGE, 2016.

3.1.2 Evolução Urbana

No século XVII, a partir das ocupações jesuíticas junto aos rios Tinguauçu e Itaguaí, tem início o processo de ocupação e expansão urbana dos municípios de Itaguaí, Seropédica e Paracambi, ainda unificados. Mais adiante foram usadas para aldeamento as terras da Fazenda Caxias, passando a se chamar aldeia de Itaguaí. Já em 1818, a denominação de aldeia deu lugar à de Vila de São Francisco Xavier de Itaguaí, cujo município foi desmembrado de territórios do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis. Até 1880 Itaguaí foi um grande exportador de cereais, café, farinha, açúcar e aguardente, entretanto, a produção entraria em crise a partir da abolição da escravatura (IBGE, 2010).

Com a insalubridade, perda de plantações, falta de transportes e o grassamento da malária, a população foi reduzida e economicamente a região ficou estagnada até as obras de saneamento iniciadas por Nilo Peçanha com a passagem da antiga rodovia Rio-São Paulo pelo seu território e a instalação da indústria têxtil no antigo distrito de Paracambi.

Outro ponto que favoreceu ao desenvolvimento local foi a criação do Centro Nacional de Estudos e pesquisa Agrícolas em 1938, onde hoje funciona a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Já no ano de 1948 a universidade tem seu campus transferido para junto da antiga rodovia Rio-São Paulo, um fator determinante para o aumento da demanda por

urbanização da área que hoje é conhecida como KM-49 de Seropédica. A abertura da rodovia Rio-São Paulo (Via Dutra) em 1940 facilitou o deslocamento entre diversos municípios próximos e mudou o cenário da localidade.

A Embrapa Agrobiologia (em 1993) e a Pesagro-Rio (1976) foram dois importantes centros de pesquisa instalados na mesma região que vieram a fomentar o processo de urbanização do que viria a se transformar no Centro de Seropédica, o Km-49.

Em 1997 Seropédica foi emancipada de Itaguaí pela Lei Estadual nº 2446, de 12-10-1995². Por haver sido conhecida por muito tempo pela qualidade da seda que produzia recebeu este nome.

Em 2014 ocorre o terceiro marco de transformação do território com a inserção e inauguração do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro, rodovia logística financiada pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) federal e o maior catalisador destas transformações. O Arco foi construído para conectar o COMPERJ (complexo petroquímico da Petrobrás, cuja construção foi interrompida em 2015), em Itaboraí, ao Porto de Itaguaí na Baía de Sepetiba atravessando oito municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, dentre os quais, Seropédica (TÂNGARI; REGO; MONTEZUMA, 2012).

3.1.3 Padrões de Ocupação, Tecido Urbano e Perfil do Mercado Imobiliário

Mais de 85% do território do município ainda constitui-se de espaços livres de edificações. A ocupação urbana surge rarefeita e concentrada em poucos núcleos fragmentados, descontínuos, com baixa densidade construtiva. Os núcleos urbanizados ocorrem principalmente nas partes planas e são conectados pelas rodovias que atravessam o território. A fragmentação do território deve-se a diversos fatores, dentre eles a construção de rodovias BR-116 (Via Dutra), da RJ-099 (Reta de Piranema), e da ferrovia. Este aspecto tende a piorar com a inserção do Arco Metropolitano, mais um elemento de ruptura socioespacial, que não promove sua integração. (ALCANTARA, 2014)

A BR-465 e a proximidade com a Universidade Federal Rural podem ser considerados dois dos principais fatores que viabilizam a concentração urbana na região do Km-49, havendo ainda na proximidade outros centros de pesquisa como a Embrapa Agrobiologia e a Pesagro-Rio, motivo pelo qual muitos pesquisadores acabam por residir no município e mais precisamente no Km-49.

Os vetores de ocupação da região se dão por transbordamento a partir da rodovia que a secciona. Quanto mais distante deste eixo menor a presença de indicadores de urbanização (infraestrutura, saneamento, pavimentação, calçamento, quantidade de residências por m², arborização urbana, etc.).

No que diz respeito a transportes, talvez haja, mas não foi encontrada ainda uma linha de ônibus ou uma alternativa que faça o transporte transversal à BR-465, interligando as duas áreas. A BR tem grande importância na fragmentação, mas também no desenvolvimento deste território. Outro agravante em relação à fragmentação interna é a linha férrea que divide parte do Km-49 em processo de urbanização. Este núcleo urbano se liga aos demais do município por meio da BR, sendo os principais meios

² Comissão de Assuntos Municipais e de Desenvolvimento Regional (1995) disponível em <<https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/144497/lei-2446-95>>.

de transporte ônibus, vans/kombis, carros, e bicicletas (muito utilizadas para o curto deslocamento até a Universidade). Seropédica tem apenas uma empresa municipal de ônibus realizando os serviços de circulação interna e de ligação entre as fragmentadas regiões urbanas e rurais.

A arborização urbana é precária estando em grande parte concentrada junto à rodovia.

O uso do solo margeando a BR-465 é misto (residencial, comercial e institucional) com predominância comercial. As demais áreas têm predominância residencial com alguns pontos comerciais e religiosos. O que diferencia estas áreas residências entre si são o tecido urbano, a presença de serviços de infraestrutura, pavimentação e calçamento, a presença de espaços livres de edificação, a largura média das vias, e o gabarito e qualidade das edificações.

A proximidade com a BR-465 aumenta o valor do solo. Assim sendo, apesar de não apresentar uma verticalização de destaque, pode-se perceber uma diferença entre os gabaritos das edificações próximas à via em relação às mais distantes, bem como uma diferenciação no que diz respeito a serviços de saneamento e infraestrutura, um pouco melhores nas proximidades da rodovia.

As características predominantes no Km-49 são de média densidade populacional em relação aos demais centros urbanos do seu redor, predomínio da horizontalidade, com lotes unifamiliares que podem, nos limites da região, ser entendidos como futuras áreas de expansão segundo indicado no zoneamento do Prefeitura Municipal de Seropédica (2006).

3.2 Aspectos Geobiofísicos

Seropédica tem como suporte físico a Bacia Sedimentar de Sepetiba (ALCANTARA, 2014). Encontra-se geograficamente na mesorregião metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, na região da planície fluminense, a Baixada de Sepetiba, que é limitada pelo Oceano Atlântico (sul), a Serra do Mar (oeste e noroeste), o Maciço da Pedra Branca (leste), a Serra da Mantiqueira (nordeste) e o chamado Mar de Morros (GASPARINI *et al.*, 2013, p. 298). Seropédica está localizada na Região Hidrográfica 8 – Bacias contribuintes à Baía de Sepetiba. Os principais rios desta região são o Piraquê, o rio Lajes e o Guandu. 67,3% do município está sobre a bacia do Rio da Guarda. O tipo de solo de Seropédica (planossolo) está:

associado à antigas áreas de floresta tropical sub-caducifólia e ao relevo plano ou suavemente ondulado das Planícies Litorâneas e Colinas costeiras da Região dos Lagos e da Baixada Fluminense. (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013, p. 6341)

3.2.1 Relevo

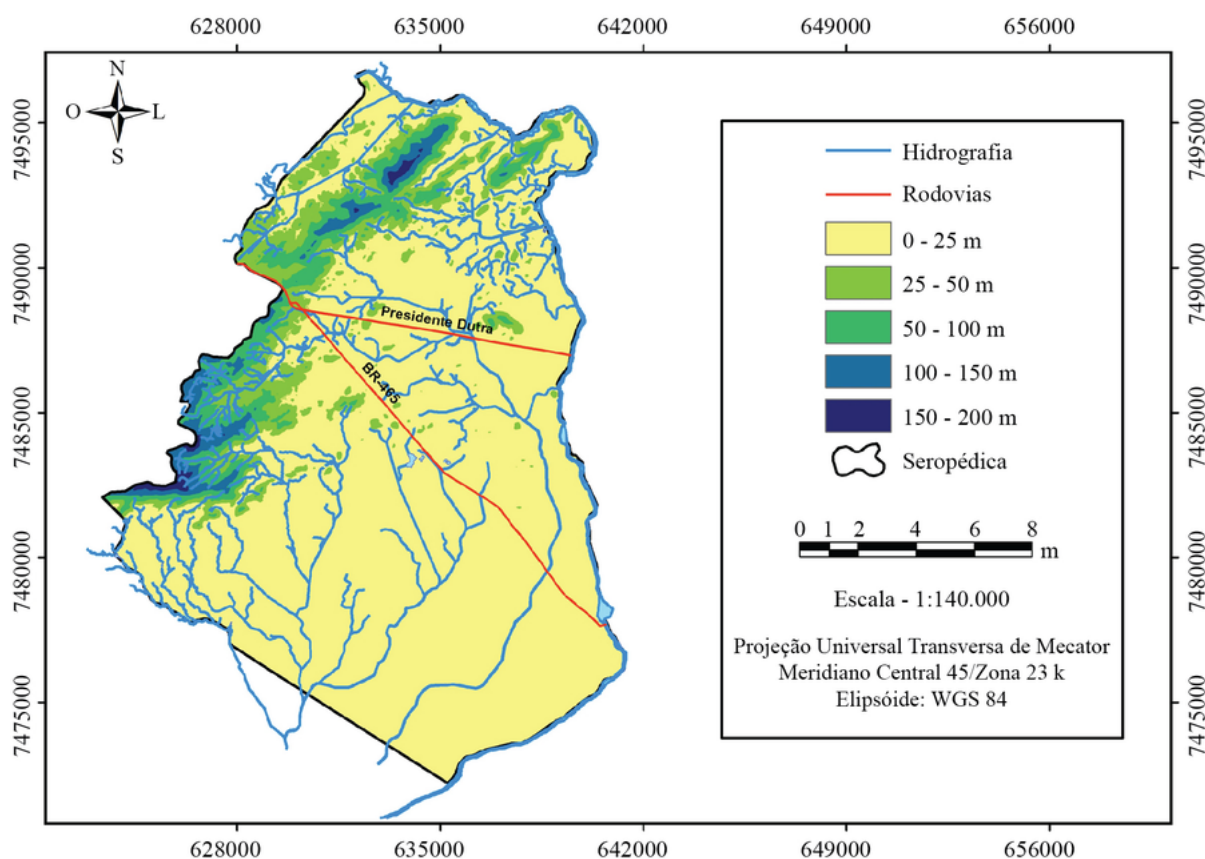
O município é de baixa amplitude de altitude (0-196m), principalmente na parte sul, tendo um aumento a partir das regiões central e norte (Figuras 7 e 8). Na área oeste do município se localiza a Serra das Araras. A maior parte do município tem altura de até 25 metros (81,97% do território), e as demais partes se dividem em 25-80m (9,35% do território), 50-100m (5,80%), 100-150m (2,48%) e 150-200m (0,41%). O

relevo predominante é, portanto, a planície com poucos morros e colinas. Quanto à declividade, 59,43% do território municipal é plano, 22,46% é suave ondulado, sendo restante dividido entre ondulado (11,66%) e forte ondulado (6,45%) (GASPARINI *et al.*, 2013, 2013, p. 302). O Km-49 se encontra na parte baixa desta região, que é predominante no território.

A topografia típica de baixada é constituída por areais e pântanos, fundindo-se ao território Itaguaí, similar, onde surgem brejais e mangues estendendo-se até a Baía de Sepetiba. (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 113)

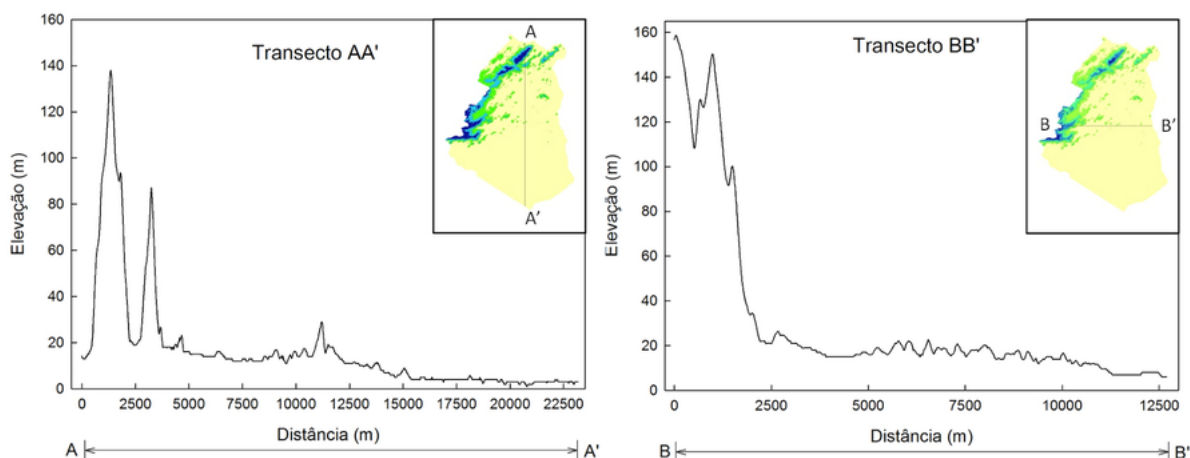
Esta característica define a região como grande fornecedora de recursos minerais, especialmente areia, para a construção civil da RMRJ. O distrito dos areais, caracterizado por mineradoras que exploram a areia em cavas a céu aberto, entre Seropédica e Itaguaí, vem se ampliando com o crescimento econômico registrado entre 2010 e 2014, causando enormes impactos e irreversíveis danos ambientais à região (ALCANTARA, 2014).

Figura 7 – Hipsometria do município de Seropédica-RJ.



Fonte: Gasparini et al, 2013.

Figura 8 – Variação do relevo de Seropédica representado por perfis topográficos.



Fonte: Gasparini et al, 2013.

3.2.2 Unidades de Conservação

A forma dinâmica como se dão os fatores biofísicos e socioeconômicos do território determinam as transformações da cobertura e uso da terra. Podendo haver efeitos positivos ou negativos na relação homem-natureza, a fragmentação da paisagem pode ser um efeito ecológico negativo ao isolar ecossistemas antes integrados, como florestas. Este é o caso da paisagem de Seropédica e das proximidades do Km-49, que sofrem problemas ambientais resultantes da ocupação urbana desordenada e da fragmentação da paisagem natural, que por vezes é substituída pela pastagem ou destinada a atividade industrial intensa. A floresta antes localizada na parte plana do município foi em grande parte substituída por pastagens e plantação de cana desde o século XVI, precisando para isto (e posteriormente para a expansão urbana e industrial) passar por modificações que permitissem ocupar uma área normalmente inundável (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013, p. 6340). O pouco que resta de cobertura vegetal densa são áreas naturais fragmentadas que precisam ser reconectadas por meio de florestas secundárias. Ainda que estas não mantenham as características de uma floresta natural são florestas que oferecem maior oportunidade de ocupação por espécies que as utilizem como recursos. Sendo assim, as florestas em regeneração no município deveriam ser consideradas áreas de preservação (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013). A conexão entre os fragmentos é relevante para se assegurar os recursos bióticos naturais e por proporcionar o aumento do tamanho das populações das faunas.

No que diz respeito às proximidades do Km-49, a unidade de conservação Floresta Nacional (FLONA) Mário Xavier, localizada ao norte,

criada pelo Decreto 93.369 de 1986, [...] abriga um pequeno (495,99ha), porém importante exemplar de bioma de Mata Atlântica, caracterizado como Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas (...). A floresta nacional é um fragmento do bioma de Mata Atlântica existente, porém desconectado de outros biomas similares. (GEDUR, 2015)

Em 1945, as terras pertencentes ao Horto Florestal de Seropédica eram habitadas por todos funcionários do local com suas famílias. Não existiam casas nem escolas nos quilômetros próximos. Hoje, a FLONA se destaca em meio à vastidão plana do município como uma das poucas áreas densamente florestadas. Podem ser identificadas ao menos duas ameaças a esta floresta devido a sua aos investimentos em infraestrutura feitos no município e a sua proximidade ao Km-49:

- A divisão de seu território feita pelo Arco Metropolitano que compromete a unidade florestal e o fluxo da fauna por seu território, bem como ameaça a permanência de uma espécie de anfíbio raro que tem a região como habitat: o *Physalaemus soaresi*.
- A possibilidade de expansão urbana e rural desordenada do Km-49 sobre a FLONA (Figura 9).

Figura 9 – Limites entre a FLONA e o Km-49.



Fonte: Foto de Francisco Tardioli (Acervo GEDUR)

De um modo geral, “as taxas anuais de mortalidade de árvores, dano às árvores e formação de clareira aumentam nitidamente até 100m da borda da floresta” (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013, p. 6344) e neste caso parte da borda está em contato com uma região em processo de urbanização.

O município de Seropédica já passou por diferentes ciclos agrícolas bem como a atividade pecuária, restringindo a floresta primária a fragmentos isolados que continuam ameaçados com intenso desmatamento, apesar do amparo legal. Algumas áreas

foram exploradas também para extração de areia, na região do Aquífero Piranema, inclusive às margens do Rio Guandu causando um aumento da sedimentação do seu leito (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013) (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013). Nas regiões mais impermeáveis a água acumula sedimentos suspensos. A extração de minerais ocupa aproximadamente 6,30% do território do município, enquanto a pastagem ocupa cerca de 43,40%, e está em contato com todas as classes de uso do solo, sendo, então o elemento definidor e articulador da paisagem municipal. “Apenas 10,4% da paisagem preserva características naturais e não foi ainda convertido em outro uso” (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013, p. 6343).

A importância da preservação da FLONA Mário Xavier deve-se ainda aos serviços ambientais prestados por este fragmento florestado em uma região de clima quente e úmido que sofre com as altas temperaturas ao longo de todo o ano como será visto a seguir. É aqui considerado, dentro do sistema de espaços livres de Seropédica, o espaço livre de caráter ambiental de uso sustentável de maior importância hierarquicamente, constituindo um bem comum que merece e precisa ser melhor conhecido pela população e protegido pelo poder público.

3.2.3 Clima e Pluviosidade

Entendendo a precipitação pluvial como a mais importante variável climatológica da Região Tropical (OLIVEIRA JÚNIOR *et al.*, 2014, p. 141) se torna relevante que esses dados sejam apresentados no que diz respeito à Seropédica e seu centro urbano.

A região [de Seropédica] classifica-se como de clima tropical quente (temperatura média superior a 18°C), sub-quente (entre 18°C e 15°C) e subtipo úmido (1 a 3 meses secos). (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 113)

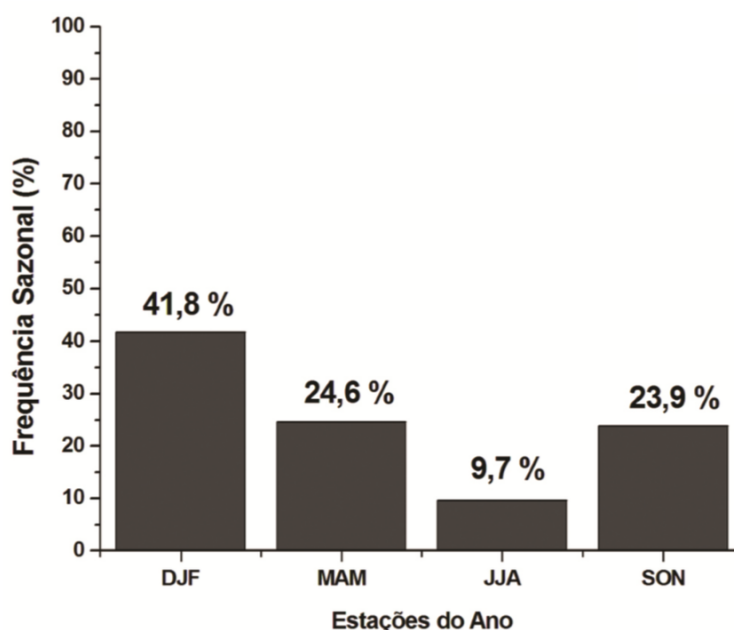
O conhecimento do regime de precipitação e a caracterização dos seus padrões espaciais e temporais são importantes no contexto deste trabalho por influenciarem diferentes atividades antrópicas, como a indústria, a agricultura, comércio, e planejamento urbano e o uso e apropriação dos espaços públicos livres de edificação que são o objeto de estudo do trabalho. A variabilidade dos sistemas meteorológicos ao longo do ano tem influência sobre o município de Seropédica e seu centro urbano. No caso da Região Metropolitana do Rio de Janeiro a inibição ou produção de chuva é um fator afetado pelos principais sistemas meteorológicos que atuam na região (como os Sistemas Frontais - SF, a Zona de Convergência do Atlântico Sul - ZCAS e a Zona de Convergência de Umidade - ZCOU). Alguns eventos climáticos influenciam os sistemas meteorológicos como o El Niño, que afeta a variabilidade temporal da chuva em Seropédica. Os Maciços da Pedra Branca, Tijuca e Gericinó, na RMRJ, formam barreira para que o ar não se desloque do mesmo modo nas partes baixas da atmosfera, sendo assim, estas áreas então tem um diferente padrão de circulação e de condições de tempo local (OLIVEIRA JÚNIOR *et al.*, 2014).

As chuvas no município de Seropédica são concentradas entre os meses de novembro e março (OLIVEIRA JÚNIOR *et al.*, 2014, p. 143). Sobre avaliação média sazonal (verão - Dezembro, Janeiro e Fevereiro - DJF; outono – Março, Abril e Maio – MAM; inverno – Junho, Julho e Agosto – JJA; e primavera – Setembro, Outubro e

Novembro – SON) e anual, quando relacionadas aos principais sistemas produtores de chuva (SF, ZCAS e ZCOU) e aos eventos de ENOS (El Niño e La Niña). Oliveira Júnior *et al.* (2014, p. 146) observam que “os SFs são observados com maior frequência em anos de El Niño do que em anos de La Niña, (...) influenciando na variabilidade temporal da chuva em Seropédica.”

A Figura 10 apresenta a frequência sazonal das precipitações no município no período de 2000 a 2012. Durante o verão (DJF) a precipitação acumulada foi em média 41,8% do total anual, a mais alta do ano. No outono (MAM) houve uma queda média para 24,6%; no outono (JJA) a média acumulada foi de 9,7% do total anual, e na primavera (SON) a média foi de 23,9% (OLIVEIRA JÚNIOR *et al.*, 2014, 146).

Figura 10 – Gráfico de frequência sazonal de precipitações.



Fonte: OLIVEIRA JR, DELGADO e GOIS, 2014, p. 146.

A precipitação pluviométrica média anual atinge 1.224,9 mm, com os maiores valores ocorrendo no período de novembro a abril (meses mais quentes), com médias mensais variando entre 109,2 mm (abril) e 196,1 mm (janeiro). Nos demais meses, o índice médio varia entre 30,7 mm e 93,6 mm (outubro). (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 113)

A relação entre o fator clima e as problemáticas urbanas de adaptação do Km-49 são exemplificadas nas enchentes e alagamentos ocorridas na região, demonstrando o despreparo urbano para um processo de regime de chuvas que é natural. Parte deste problema se dá pela impermeabilização dos solos e uma outra parcela se relaciona com a canalização dos rios dentro desta área.

3.2.4 Hidrografia

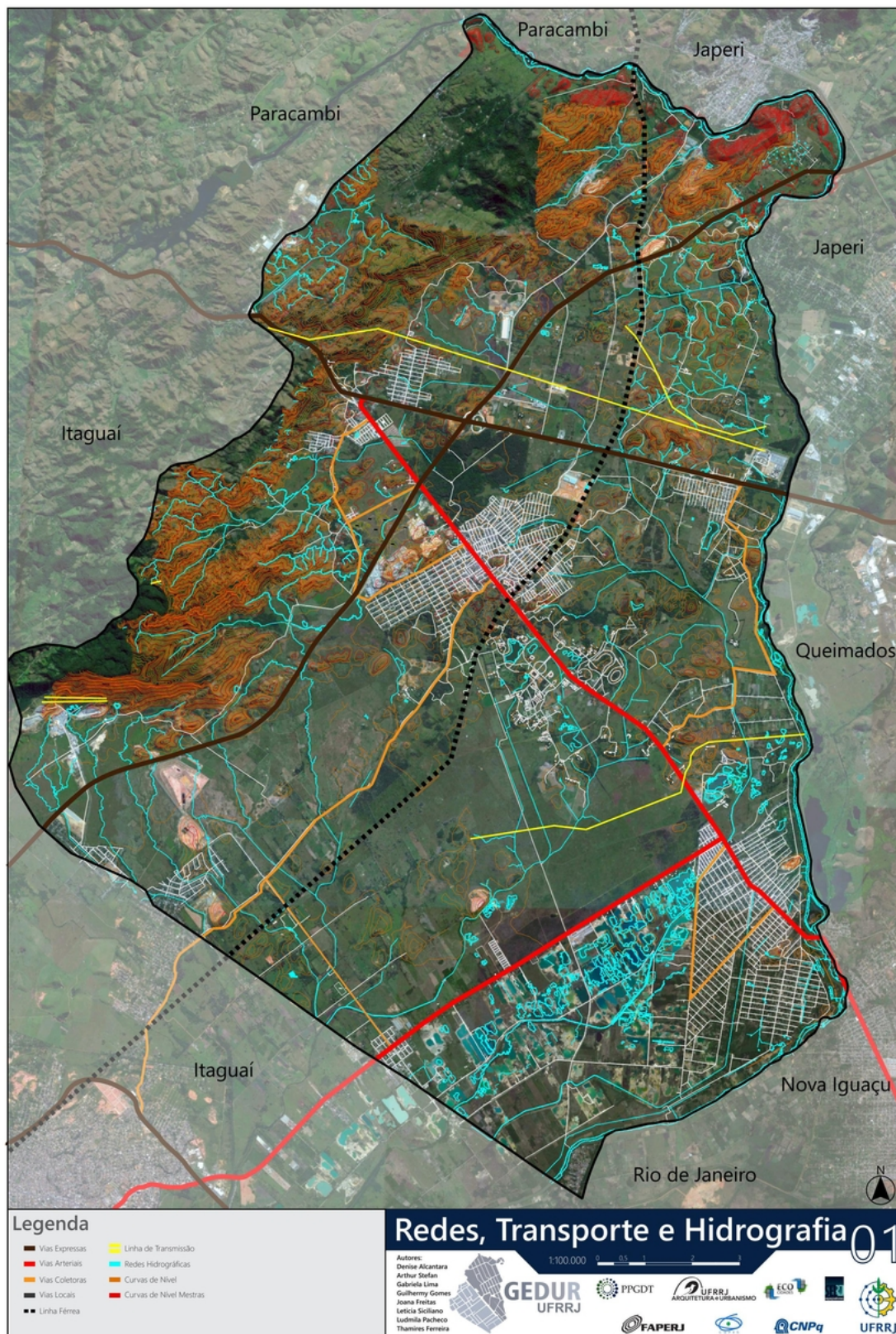
Seropédica apresenta seis classes de Áreas de Preservação Permanente (APP) relacionadas à rede hidrográfica que ocupam 15,01% do território municipal (ou seja, ocupam 40,02km²). São elas: a APP de lagos urbanos (0,10km²-0,04%), lagos rurais (0,18km²-0,07%), nascentes (0,80km²-0,30%), cursos d'água maior (3,00km²-1,13%), cursos d'água menor (16,66km²-6,25%), e o rio Guandu (19,28km²-7,23%) que se destaca por ser considerado Área de Preservação Ambiental (APA Guandu) pelo Decreto 40.6270/07. Estas áreas correspondem não apenas à superfície ocupada por água, mas também ao respectivo entorno conforme as determinações legais para cada categoria. Os poucos lagos existentes em área urbana estão localizados dentro do campus da UFRRJ (GASPARINI *et al.*, 2013, p. 302).

Muitos conflitos relacionados ao uso e ocupação do solo podem ser encontrados quando relacionados à APPs hídricas. 5,01% das áreas de mineração estão em APP; e o mesmo ocorre para áreas destinadas à pastagem tendo estas 21,19% de suas áreas em APP; o solo classificado como solo exposto tem 65,30% de suas terras em APP (GASPARINI *et al.*, 2013, 304).

O Aquífero Piranema localizado na região hidrográfica do Guandu é um importante recurso hídrico para o município e toda a RMRJ que é ameaçado pelas atividades de extração mineral, com risco de contaminação de suas águas. O Rio Guandu, que demarca grande parte do perímetro municipal é responsável pelo abastecimento de 80% da população fluminense (cerca de 9 milhões de habitantes). A urbanização e a atividade de mineração dentro de sua faixa de 500 metros causa danos ao ambiente local e ao seu devido funcionamento (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 115).

No que tange às proximidades ao KM-49, nota-se a contaminação de um dos córregos que deságua no Rio Guandu devido à falta de tratamento do esgoto que eflui para este proveniente dos empreendimentos habitacionais de interesse social (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 116-117). Um outro problema relacionado à urbanização do Km-49 são os já citados alagamentos e enchentes que têm relação não apenas com o regime de chuvas e a impermeabilidade do solo, mas também com a dinâmica de drenagem que os rios realizavam na região e que foram modificadas quando estes foram canalizados e dragados. Considerando este um solo areal e pantanoso o processo natural seria a rápida absorção da água da chuva pelo raso solo arenoso, ininterrompida pela camada espessa de solo argiloso, de baixa permeabilidade, o que geraria um efeito de transbordamento (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 113), contudo, com a extensão plana o espraiamento das águas pelos rios e córregos da região a drenariam (ALCANTARA, 2014, p. 7). A Figura 11, além de mostrar os aspectos hídricos da região, mostra também sua rede viária.

Figura 11 – Mapa das redes, transporte e hidrografia em Seropédica.



Fonte: GEDUR, 2015.

3.3 Considerações Parciais 1

A região do Km-49 sofre problemas ambientais relacionados ao seu processo de urbanização desordenado decorrente dos grandes investimentos que vêm recebendo por sua proximidade ao Porto de Itaguaí. Os zoneamentos mostram a importância destes investimentos no planejamento superficial do município. As áreas de mineração se demonstram uma ameaça as fontes hídricas, apesar de serem geradoras de emprego e renda. A importância de se observar os aspectos geobiofísicos do território trabalhado e seu entorno foram constatadas ao se tratar de problemas urbanos como enchentes e alagamentos que afetam o Km-49, bem como para se tratar de problemas ambientais como contaminação de córrego que atravessa a FLONA junto a empreendimentos habitacionais de interesse social, fragmentação da FLONA pelo Arco Metropolitano e possibilidade de expansão urbana e rural em direção ao Km-49. Já há propostas para alguns destes problemas identificados, contudo, dado o cenário ambiental, a demanda se apresenta ampla e complexa.

4 UNIDADES MORFO-TERRITORIAIS E ESPAÇOS LIVRES NO KM-49 DE SEROPÉDICA

Neste capítulo, damos início ao estudo direcionado aos espaços livres abrangidos pela unidade morfo-territorial (UP) Km-49. Para isso, foi realizado um trabalho de identificação das UPs inicialmente por meio de análise visual de imagens aerofotogramétricas com uso dos aplicativos Google Earth e Street View. A partir daí, foram realizadas observações incorporadas, levantamentos e mapeamentos presenciais de aspectos físico-espaciais que complementaram a primeira delimitação, comprovando sua validade. O capítulo é subdividido em quatro partes. A primeira trata da definição das unidades morfo-territoriais que compõem o Km-49. A segunda diz respeito aos Percursos Experienciais realizados atravessando estas UPs com destaque a três praças. A terceira parte trata destas três praças de modo mais aproximado e da percepção que seus usuários têm dos espaços livres públicos que lhes são oferecidos. A quarta parte disserta sobre o estudo apresentado neste capítulo sob o viés das políticas públicas e traz considerações sobre o trabalho num todo já introduzindo às considerações finais. A seguir são apresentadas a delimitação das UPs, seguidas dos principais registros da aplicação da observação incorporada ao longo dos percursos experienciais realizados em dias e horários alternados, ao longo da manhã, da tarde e da noite.

4.1 Mapeamento das Unidades Morfo-territoriais (UP)

Com os dados levantados por meio da análise visual das bases aerofotogramétricas e dos estudos bibliográficos realizados foram determinados pontos dispersos pelo núcleo urbano; em seguida os pontos dispersos sobre o mapa foram correlacionados com outros pontos contíguos, sendo aglutinadas no caso de semelhanças ou delimitadas no caso de diferenças significantes em relação ao(s) ponto(s) adjacente(s). A caracterização das Ups foi feita por observação dentro das variáveis apresentadas por Silva, Lima e Magalhães (2015) conforme Tabela 3.

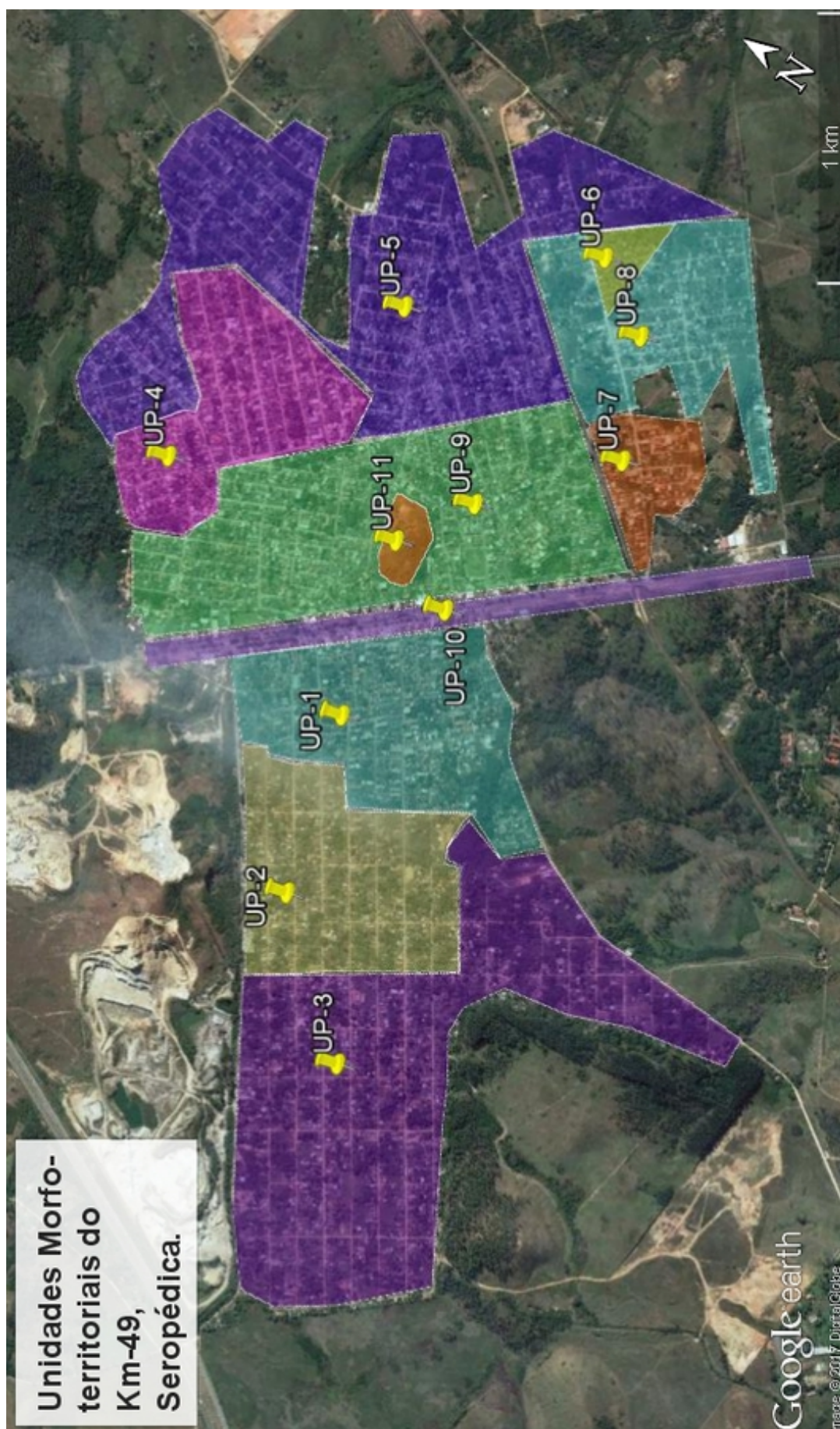
Contextualizando estas observações à realidade encontrada, foram utilizadas também variáveis como: infraestrutura, pavimentação, calçamento, quantidade de residências por metro quadrado, arborização urbana, presença de espaços livres projetados para uso, largura média das vias, fluxo de pessoas e veículos, pontos comerciais, gabarito e acabamento das edificações e configuração do tecido urbano. O resultado com a delimitação inicial das UPs sobre a mancha urbana que define o recorte na escala meso de análise, representado pelo Km-49, pode ser visto no mapa a seguir (Figura 12) com descrição na Tabela 4.

Tabela 3 – Quadro com critérios para definição das Unidades Morfo-territoriais

Ítem	Sub-ítem
Forma do parcelamento	Constituição das vias; Dimensões de quadras; Quantidade e distribuição dos espaços de lazer; Presença de espaços institucionais; Presença de áreas de preservação e proteção ambiental.
Tipos de usos e ocupações	Padrão edílico; Números de afastamentos e existência de recuos; Tamanho de lote.
Tendências ou constatações de transformação	Potencial edílibio permitido pela legislação; Existência de processo de verticalização; Existência de processo de desmembramento ou remembramento; Presença de alteração de uso.
Espaços livres de edificação	Padrão viário; Dimensões das calçadas; Tipos de cercamentos dos lotes Dimensões e articulações das praças; Presença de parques urbanos.

Fonte: Silva et al (2015, p. 116).

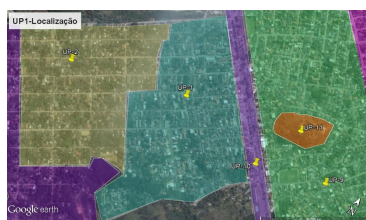
Figura 12 – Unidades Morfo-territoriais (UPs) do centro urbano de Seropédica/RJ.



Fonte: Edição pelo autor sobre imagem do Google Earth.

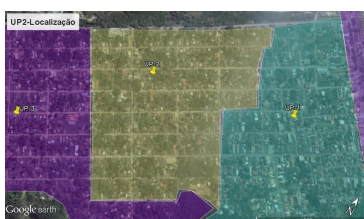
Tabela 4 – Classificação das Unidades Morfo-territoriais (UPs) do Km-49

UP
1



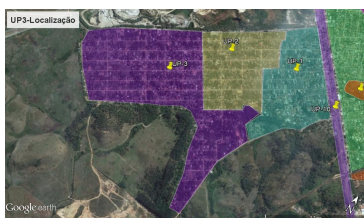
A UP-1 margeia a BR-465 em sua porção sudoeste. Apresenta grande adensamento construtivo em comparação às demais UPs e edificações de dois ou mais pavimentos, muitas das quais de uso comercial, de serviços ou misto, dado a sua proximidade com o principal eixo estruturador do município. Apesar de sua ocupação predominantemente comercial, podem ser observadas carências quanto à mobilidade e à circulação, com vias de larguras variáveis, algumas bloqueadas por usos informais (quiosques, estacionamento), bem como passeios sem acessibilidade e com barreiras físicas. Apresenta arborização nas vias públicas ao longo da rodovia.

UP
2



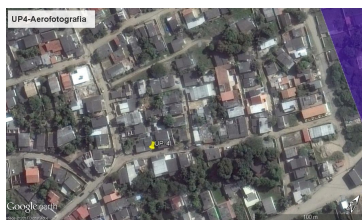
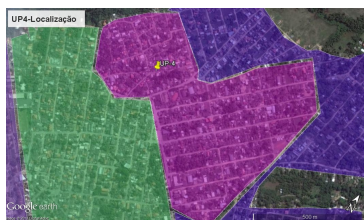
A UP-2 corresponde a uma mancha cujo adensamento é mais rarefeito e menos consolidado em termos construtivos. A análise visual e físico-espacial identificou vias em grelha ortogonal com certa homogeneidade de quadras e lotes com maiores dimensões, bem como edificações em centro de terreno, murado ou cercado, com arborização densa nos espaços livres privados, mas não nas vias. Foi verificada a presença de muitos lotes não construídos e sem uso, caracterizando terrenos baldios. Esta UP-2 é uma UP de transição tendo vestígios tanto da UP-1, quanto da 3. Ela vai tendo suas configurações alteradas a medida que se afasta da BR, até o marco de não ter mais pavimentação e apresentar forração mediana sobre o recuo que seria destinado à calçada.

UP
3



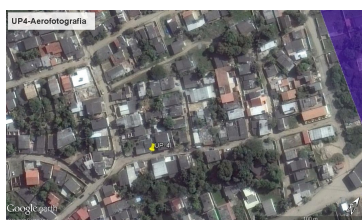
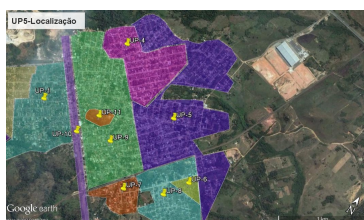
A UP-3 encontra-se mais afastada do eixo da BR na porção sudoeste e apresenta características de zona limítrofe entre o urbano e o rural. Ali os lotes são menos construídos, pouco ocupados por edificações ou vazios, muitos apresentando atividades agropastoris. As vias não apresentam pavimentação, calçamento, iluminação, nem infraestrutura de drenagem. A arborização urbana ali é praticamente inexistente, enquanto os lotes e quadras apresentam arborização mais densa, onde não construído.

UP
4



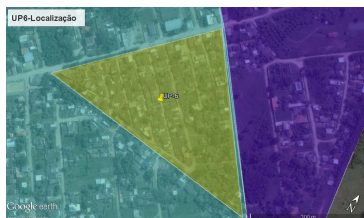
A UP-4, está localizada próxima à FLONA e apresenta características construtivas de padrão elevado (algumas edificações de dois pavimentos ainda sendo construídas, com garagem e espaço externo amplo e com vegetação abundante). Contudo se observa o oposto quanto aos espaços livres públicos, em relação a serviços de infraestrutura, pavimentação, calçamento e arborização.

UP
5



A UP-5 apresenta os mesmos fatores no que diz respeito a infraestrutura viária, mas não a mesma qualidade e concentração das edificações, estando situadas de modo mais disperso e precário, remetendo à características das UPs 3 e 2; estas três UPs fazem limite entre o rural e o urbano do centro.

UP
6



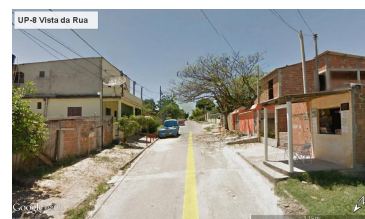
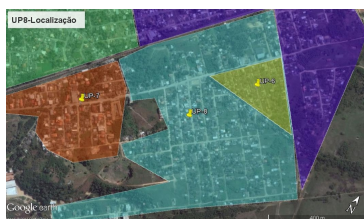
A UP-6 corresponde a um pequeno conjunto de edificações que se destacam devido à diferente configuração de suas vias e lotes (vias mais estreitas do que as demais da região com largura para apenas um veículo, calçadas estreitas e lotes bem adensados construtivamente) sendo encontrada em um ponto relativamente distante da BR.

UP
7



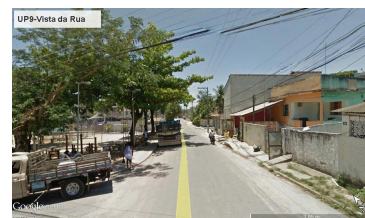
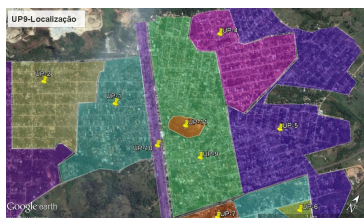
A UP-7 apresenta características peculiares, tendo em seu território edificações de 3 ou mais pavimentos destinadas a habitação, sejam provisórias ou permanentes, formais ou informais. A delimitação causada pela presença da linha férrea a isolou em relação às demais UPs.

UP
8



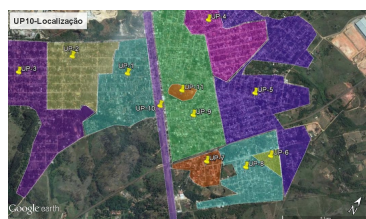
A UP-8 apresenta características mistas tanto da UP-7 quanto da UP-5; algumas áreas com ocupação rarefeita e outras já mais ocupadas, largura das vias suficientes para o trânsito de dois veículos em paralelo, e algumas áreas sem pavimentação. É uma área de transição entre estas duas outras UPs com predominância de edificações residenciais.

UP
9



Na UP-9 são encontrados apartamentos mistos, com o primeiro andar de uso comercial e o segundo de uso residencial. Nesta UP foi encontrada uma regular distribuição de espaços livres projetados, além de se diferenciar em grande parte das UP de seu entorno por apresentar vias pavimentadas e calçamento, ainda que com precariedade em alguns pontos. Ainda assim, a arborização planejada não é uma característica deste e de nenhuma UP. O pequeno morro no centro desta UP corresponde à UP-11, e é o elemento modelador da malha viária que o circunda. Observou-se que as UP mais próximas à rodovia, como é o caso desta, têm uma maior concentração de comércio apesar da predominância residencial.

UP
10



A UP-10, que corresponde à BR-465, pode ser considerada o centro de atividades sociais, econômicas e viárias da região. Além da BR-465 possui em cada lado uma via auxiliar de largura inferior para circulação dentro do Km-49. É marcada pelo comércio, edificações de uso comercial de até três pavimentos, edificações institucionais e religiosas, e poucas edificações de uso residencial. Seu marco visual e referencial são as duas passarelas que permitem a travessia segura pela BR.

UP
11



A UP-11 corresponde ao pequeno morro privado junto a BR-465 no Bairro Boa Esperança. É cercada pela UP-9, mas se distingue dela por ser basicamente composta de espaços livres de edificação, com poucas construções no seu interior.

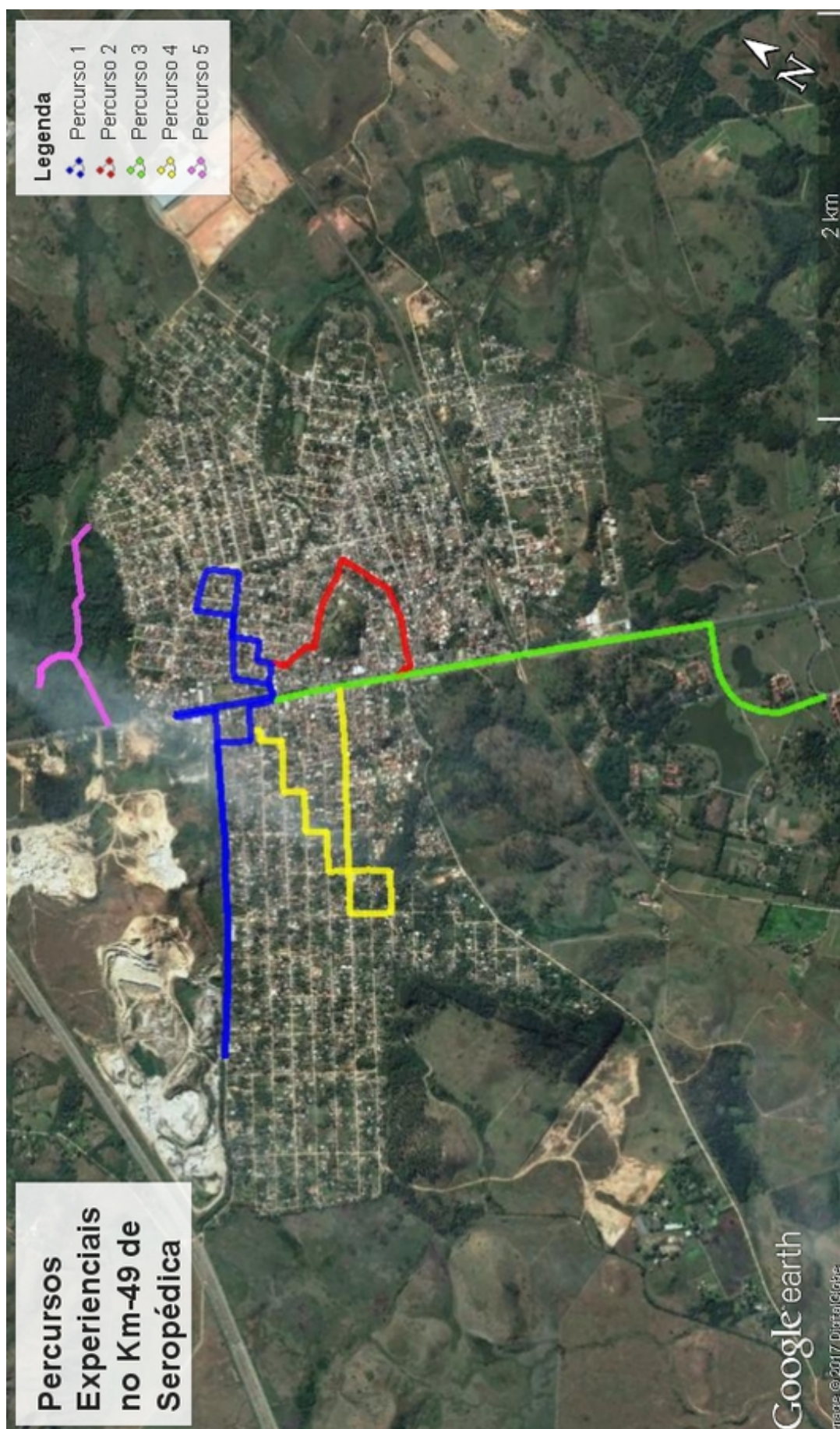
Fonte: Autor. Imagens editadas sobre base Google Earth e Google Street View.

Devido ao modelo de expansão da urbanização (a partir da rodovia principal), foram encontradas semelhanças entre paisagens equidistantes e paralelas tendo como eixo a BR-465. Foram encontradas também diferenças relevantes no que diz respeito à qualidade e dimensão das habitações próximas à rodovia de ambos os lados. Afim de se apresentar com mais clareza as nuances entre as diferentes Unidades morfo-territoriais, tanto no seu aspecto morfológico quanto no social e cognitivo o trabalho segue apresentando a descrição de cinco caminhadas feitas à deriva pelo Km-49.

4.2 Percursos Experienciais

A partir das definições das unidades morfo-territoriais foram feitos percursos à deriva (ALCANTARA, 2008; RHEINGANTZ *et al.*, 2009) pelos dois bairros e pela BR-465. Seguem abaixo com indicação em mapa (Figura 13) os percursos realizados bem como a descrição das percepções ao longo deles. Há informações disponíveis em realidade aumentada sobre os mapas que iniciam cada subseção a seguir. Estas informações podem ser acessadas seguindo as instruções contidas no Apêndice A.

Figura 13 – Indicação dos principais percursos experienciais realizados no Km-49/Seropédica.



Fonte: Edição pelo autor sobre imagem Google Earth.

4.2.1 Percurso 1

UP-10, UP-9, UP-1, UP-2 e UP-3.

Ruas percorridas: BR-465 ; Av. Prefeito Abelardo Goulart de Souza; Rua Macaé; Rua Itaboraí, Rua do Carmo; Av. H; Rua Jaime Martins Reis; Rua Duque de Caxias; Rua do Carmo; Rua Piraí; BR-465; Rua João Fernandes de Oliveira Neto; Rua Demétrio de Brito; Rua João Moura de Oliveira; BR-465.

Figura 14 – Percurso 1 (com informações disponíveis em realidade aumentada).



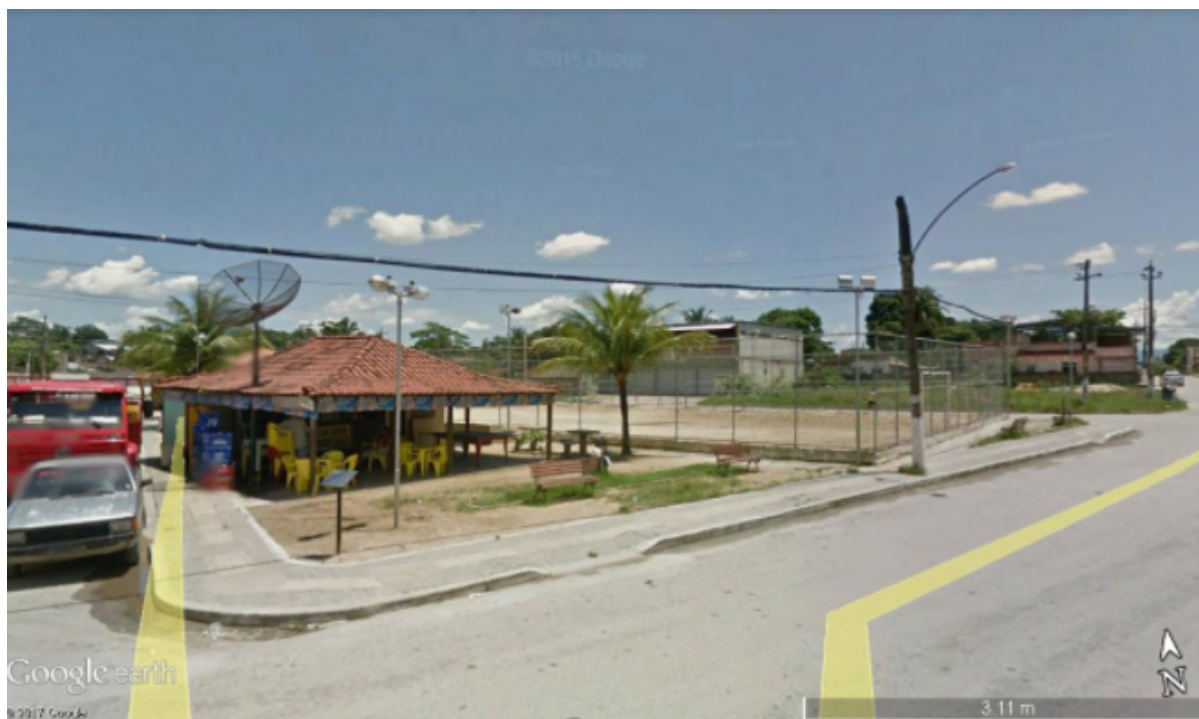
Fonte: Edição do autor sobre base do Google Earth.

O primeiro percurso à deriva para reconhecimento do território (Figura 14) foi realizado em um dia quente e seco de primavera, iniciado na parte da manhã na BR-465, na altura do Seropédica Atlético Clube, com caminhada a pé até o Campinho de Areia no Bairro Boa Esperança, e dali para o ponto final da empresa de ônibus Real Rio, seguindo até a altura da lanchonete Subway, ponto onde foi feita a travessia da BR-465, retornando pelo outro lado da rodovia entrando na Av. Presidente Washington Luiz, que marca o limite entre o Km-49 e a área destinada à mineração, já no bairro Fazenda Caxias. Após seguir por esta rua, foi feito o retorno, e seguiu-se para o Posto de Saúde e dali foi feita uma caminhada pela BR-465, já no final da tarde.

Ao longo deste percurso foi notada uma variação dos espaços livres de edificação, tanto públicos quanto privados. Junto à BR-465, o espaços livres predominantemente públicos são cercados de edificações comerciais e delimitados pelas principais vias do Km-49. A caminhada alcançou a Rua do Carmo que tinha como principais espaços livres de edificação as vias e os quintais residenciais privados do percurso, o que caracteriza as edificações residenciais deste trecho, chegando ao ponto da

Praça do Campinho de Areia (Figura 15), que além da praça possui no seu entorno predominantemente residencial quintais, lotes sem ocupação construtiva e as vias. Ou seja, a predominância junto à rodovia é uso comercial e misto, e a partir do segunda quadra, torna-se residencial.

Figura 15 – (a) Praça conhecida como Campinho de Areia; (b) Praça Zumbi dos Palmares no Bairro Boa Esperança – imagem capturada em 2013, quando da inauguração da praça, hoje degradada.



Fonte: Google Streetview.

O mesmo pôde ser observado na Praça Zumbi dos Palmares (Figura 15), seguida por um percurso que vai até a BR-465, mas pelas ruas Duque de Caxias (Figura 16) e Piraí, onde os espaços livres são novamente as vias e os quintais privados, com poucos pontos comerciais, em comparação com a BR-465 e o trecho subsequente até

a Praça do Campinho de Areia. Há uma redução gradativa de pontos comerciais, uma constância na largura das vias, um aumento das edificações residências com quintais e uma diminuição no fluxo de veículos e pessoas. Há também uma piora nas vias no que diz respeito à qualidade da pavimentação; não uma redução que chega a ausência de asfaltamento, mas a uma redução de qualidade deste (por avaliação visual).

Figura 16 – Rua Duque de Caxias no Bairro Boa Esperança.



Fonte: Google Streetview.

Ao longo do percurso as únicas praças públicas encontradas foram o Campinho de Areia e a Praça Zumbi dos Palmares. Em todo o percurso a ausência de vegetação arbórea nas vias é notada principalmente por conta da exposição ao sol e a reflexão de seus raios sobre o asfalto, potencializando o desconforto térmico e visual. Este último é ampliado pelo ofuscamento da visão causado pela poeira elevada em todo o percurso após a BR-465.

Sonoramente, o ambiente sofre alteração com a redução de veículos e o ambiente mais silencioso próximo às praças (o burburinho diminui bem como a redução de veículos). Enquanto na BR-465 se ouvem veículos e anúncios em alto falantes ruidosos, ali os ruídos dão lugar ao som de pássaros e o vento nas árvores, com certa regularidade. O ambiente se torna, ao longo da caminhada, mais interiorizado, mais familiar ao que parece, sendo os lotes gradualmente menos ocupados do que na BR-465.

Na parada feita na Praça Zumbi dos Palmares verifica-se que esta não é ocupada por pessoas, tem bancos destruídos, a vegetação descuidada, poste de iluminação e placa de identificação caídos e está degradada. Entretanto possui um gazebo que oferece sombreamento. Aquela parada foi importante para se perceber uma suave transição.

O aumento de edificações do tipo residencial é acompanhado por uma mudança no perfil das edificações comerciais e no modo de apropriação dos espaços livres, com moradores já assentados em frente a seus portões próximos à Praça do Campinho de Areia. A gradação para um ambiente mais residencial com estas características passa a sofrer redução alguns metros após a Praça Zumbi dos Palmares, na parte do

percurso que retorna a BR-465, na altura da Rua Piraí. Já no trecho da BR-465 que faz parte do percurso, a predominância da apropriação dos espaços livres era como local de passagem, salvo nos pontos de ônibus e estabelecimentos de alimentação.

A partir deste momento o percurso feito ao longo da BR-465, segue até o ponto final da empresa de ônibus Real Rio. Neste trecho os espaços livres de edificação se diferem daqueles do bairro Boa Esperança e do primeiro trecho da BR-465.

Os espaços livres de edificação são predominantemente a rodovia e seus calçadões não pavimentados ocupados por quiosques para alimentação em precário estado de conservação no trecho que vai até o ponto final do ônibus. Não houve neste trecho contato com a população, apenas a percepção de um ambiente menos receptivo, talvez pelo horário de preparação e limpeza para a noite que se aproxima. Os desníveis, a falta de pavimentação e o estreitamento da parte útil da calçada por conta do comércio tornam desconfortável a passagem por este trecho e em alguns momentos levam a uma proximidade com os veículos da BR-465. Pela largura da calçada e ocupação por elementos que bloqueiam fisicamente o caminhar, há um distanciamento entre o espaço destinado ao pedestre e as edificações atrás dos pontos comerciais até se chegar à igreja católica Santa Terezinha (Figura 17). Aqui já se nota um desconforto causado pelo ofuscamento da visão por conta da poeira levantada pela passagem de veículos. Apesar deste entorno a igreja em si é um marco na paisagem local. A cobertura vegetal rarefeita faz com que apenas embaixo dos quiosques haja sombreamento em dias ensolarados. São também os únicos locais de proteção para pedestres em caso de chuva. Neste mesmo trecho da BR-465 há um gramado relativamente amplo com localização e amplitude potenciais para se tornar uma área de lazer, contemplação e descanso, porém sem uso, ou parcialmente usado como área de estacionamento de veículos. Apesar da localização, observa-se ausência de equipamentos e instalações de uso público nos espaços livres neste trecho da BR-465.

Atravessando para o outro lado da via após a igreja, é feito retorno onde há uma rua interna paralela à rodovia, com pouco fluxo de veículos, que acaba funcionando com um tipo de calçadão. Este retorno foi feito até a Rua João Fernandes de Oliveira Neto; antes disto a via tem um conjunto de bancos e mesas de concreto em mal estado de conservação que funciona como um pequeno local de estar, uma pequena praça. O entorno deste trecho é comercial com mercados, lojas de peças de carros, pontos de alimentação, um pequeno centro comercial em frente ao ponto de ônibus com bancos e mesas em concreto, trailleres que funcionam principalmente à noite, uma pequena igreja evangélica no caminho, clínica particular para exames médicos e algumas outras lojas como as citadas. Os tipos de estabelecimento são citados por se considerar relevantes no processo de percepção ambiental e dos objetivos dos fluxos de pessoas, fator que influencia o uso e apropriação deste trecho, bem como de potenciais espaços livres de uso público que possam ser projetados e estabelecidos.

A rua auxiliar está em um nível abaixo da BR-465. A grande calçada com quiosques do trecho anterior tem seu nível acima da rodovia a partir de determinado trecho e depois retorna ao mesmo nível. Como nos demais trechos, a ausência de cobertura vegetal é percebida, contudo há um pequeno trecho com um canteiro gramado e algumas árvores marcando o talude de diferença de nível entre a rodovia e a rua paralela auxiliar. Dali, adentrando Av. Presidente Washington Luís (Figura 18), os percursos com algumas exceções são bem homogêneos. Observa-se um pequeno campo de futebol sem uso no momento e alguns pequenos estabelecimentos para alimentação.

Figura 17 – Igreja Santa Terezinha.



Fonte: Google Street View.

De modo geral, o percurso é trajeto de caminhões que transportam minérios, passando nos dois sentidos da via asfaltada, mas coberta por grossa camada de terra. Entrando na rua até o seu fim, do lado direito notam-se espaços livres de edificações com árvores, que mais adiante é sucedido pelas áreas de mineração. Do lado esquerdo da rua são vistas residências e os acessos às demais ruas do bairro Fazenda Caxias. O percurso é marcado pelo fluxo ininterrupto de caminhões e a subida de poeira. Por ser uma rua extensa, que atinge o final da mancha urbana, configura-se um dos limites do bairro.

Pode ser observada ao longo do caminho a diferença da qualidade e cuidado das ruas e nas edificações, morfologia e ocupação do solo (usos residenciais, mas com formatos de ocupação distintos ao longo do percurso). Há uma redução da qualidade das edificações, percebida pela falta de revestimento, pela precariedade de manutenção das edificações e dos espaços livres ao longo deste trecho. As ruas paralelas e mais próximas à rodovia são asfaltadas e com edificações muradas, revestidas e com quintais internos. As mais distantes já apresentam tijolo aparente ou reboco, ruas não asfaltadas com poças d'água, grandes buracos com riscos potencializados pela topografia mais acidentada. Além disso, os lotes são delimitados por cercas de madeira, nos quais se criam aves e cavalos. As residências são mais simples à medida que se atinge o final desta rua com algumas exceções.

Figura 18 – Av. Presidente Washington Luís dá acesso à mineradora com intenso e ininterrupto tráfego de caminhões.



Fonte: Google Streetview.

O fluxo de pessoas é rarefeito, contudo, no retorno, feito pela mesma rua, além destes aspectos houve a abordagem por um senhor que terminou seu horário de trabalho passava pela rua rumo ao Campinho de Areia. Ele iniciou uma conversa, se identificou e falou sobre a poeira que subia, e a proximidade que os pedestres têm dos veículos (esta rua não tem uma calçada demarcada de modo constante em sua extensão). Fez perguntas sobre o motivo de estarmos passando por ali e contou parte de sua história e os motivos de viver em Seropédica, pois não havia crescido na cidade. Antes da conversa terminar e ele se preparar para partir um ponto da conversa o fez continuar a falar por cerca de vinte minutos mais, quando mencionou o que faria no período noturno, localizou sua igreja e, interessadamente, ensinou-nos o sistema de identificação das ruas por números, pelo fato da igreja ficar na rua conhecida como Rua 4. Além disso, ofereceu local de acolhida no caso de haver a necessidade de pernoite em outras visitas a campo. Conduziu-me até o posto de saúde, mostrando que sempre que sentisse sede pelas caminhadas ao sol, ali era um lugar onde poderia beber água, e dali se despediu.

Junto ao posto de saúde observou-se um espaço livre asfaltado e não arborizado, com potencial de se tornar um equipamento de uso público, tal como uma praça para servir a população (Figura 19). Hoje está sendo utilizado como estacionamento de ônibus, carros e trailers.

Figura 19 – Espaço livre, usado como estacionamento do Posto de Saúde, entre a Av. Min Fernando Costa (BR-465) e R. João Moura de Oliveira.



Fonte: Google Streetview.

4.2.2 Percurso 2

UP-10, UP-9.

Ruas percorridas: BR-465; Rua José Tunula, Rua Quinze; Rua Vereador Alcir Medeiros, Rua Macaé.

Figura 20 – Percurso 2 (com informações disponíveis em realidade aumentada).



Fonte: Edição do autor sobre Google Earth.

Este segundo percurso (Figura 20) compreendeu o caminho que partiu da Av. Min. Fernando Costa (BR-465), junto à primeira passarela, adentrou o bairro Boa Esperança pela Rua José Tunula, conhecida popularmente como a “rua do Grêmio”, seguindo até a praça junto à Rua Quinze, dali até a Rua Macaé pela Rua Vereador Alcir Medeiros.

O primeiro trecho pode ser demarcado a partir da primeira passarela (Figura 21), considerada na análise como um marco referencial local, até a esquina da rua do Grêmio. Os espaços livres deste primeiro trecho são predominantemente do tipo rodoviário (a BR-465 e a via auxiliar paralela a esta). A BR-465 proporciona uma sensação de amplitude, boa visão de céu, um fluxo de veículos regular, que constitui a paisagem visual e sonora do trecho. A visão para o lado sudeste é ainda mais ampla pela baixa densidade construtiva presente no final da mancha urbana. O sentido oposto em direção à cidade já é mais adensado construtivamente. O trecho do lado do bairro Boa Esperança é marcado pela presença de lojas e comércio local (copiadora, padaria), além de uma igreja evangélica. O canteiro que fica entre a via auxiliar paralela e a BR-465 é ocupado por quiosques de alimentação que à noite fazem parte da praça de alimentação que ocupa este canteiro ao longo do Km-49, tornando aquele trecho muito ativo à noite. O ambiente deste trecho durante o dia é mais um local de passagem, não havendo local público para estar que não seja o banco do ponto de ônibus da primeira passarela.

Figura 21 – Confluência entre a Av. Min Fernando Costa (BR-465) e Rua Jairo Ramalho, com a primeira passarela à direita.



Fonte: Google Streetview.

Seguindo daí pela suave subida da rua do Grêmio, se segue um percurso com menor amplitude e largura, calçadas estreitas, comércio concentrado à direita de quem caminha no sentido oposto à rodovia, havendo à esquerda o grande muro branco do grêmio esportivo, que dá o nome conhecido à rua e que deforma visualmente a perspectiva e a sensação de continuidade, dando ao trecho o ar de ser um local de passagem (Figura 22).

Figura 22 – Rua José Tunula, conhecida como Rua do Grêmio, com o campo de futebol gramado e murado à esquerda.



Fonte: Google Streetview.

Após o muro há estabelecimentos comerciais e residenciais, sendo uma farmácia um importante ponto do recorte por oferecer o único Banco 24h de todo o Km-49. Há ainda uma igreja evangélica à direita, e mais adiante uma praça (Figura 23). O fim do trecho murado oferece maior amplitude, se comparado ao anterior, enfatizado pela chegada à esquina com a Rua Jaime de Oliveira. No momento de nossa passagem, próximo à esquina, havia cerca de cinquenta pessoas circulando ou paradas, predominantemente jovens neste trecho.

Figura 23 – Praça na confluência da Rua José Tunula e Rua Quinze, com boa arborização, bom estado de conservação e com equipamentos e instalações em condições de uso.



Fonte: Google Streetview.

Chegando à praça junto à Rua Quinze (Figura 23), o entorno já é residencial com apenas uma padaria próxima, havendo nesta praça um campo em saibro, em estado de conservação regular, tendendo para precário. Apesar disto a praça estava sendo usada durante o dia, principalmente por ser bem sombreada com altas amendoeiras de copas grandes e densas. Porém não se observou ocupação intensa no horário próximo de meio dia, quando foi feita a observação, apenas uma pessoa em horário de almoço, um

senhor idoso descansando e duas crianças brincando na quadra de saibro. Apesar do horário e do calor, pareceu um uso proporcional ao potencial oferecido pelas dimensões da praça e pela sombra das árvores, escassa na região. Em outras passagens pelo local pudemos observar uma maior utilização e apropriação da praça pelos moradores, especialmente crianças e jovens.

Seguindo o percurso pela Rua Quinze os espaços livres são caracterizados predominantemente pelas vias, por lotes não ocupados e quintais residenciais privados. No que diz respeito às vias, a topografia variava ao longo do percurso de modo significativo. As calçadas nem sempre eram presentes no percurso e quando existiam, eram por vezes estreitas, sem pavimentação ou arborização, contudo quase sempre asfaltadas. A qualidade e conservação das edificações era regular: casas com acabamento (pintadas), muradas, algumas com quintais e vegetação arbustiva. O fluxo de pessoas durante o dia era esporádico e o tipo predominante de edificações residencial, com alguns pequenos pontos comerciais para lanche, padarias, e algumas igrejas evangélicas. Ao contornar a parte da pequena elevação que se destaca no bairro Boa Esperança (espaço livre privado), em alguns momentos, o topo e algumas outras partes podia ser acessadas visualmente, mas de modo geral as edificações do seu entorno eram suficientemente altas para não possibilitar um ângulo de visão ampla deste espaço. Apesar do desconforto pela exposição quase continua ao sol, as ruas largas, a altura média de um pavimento das edificações e a quase ausência de trânsito de veículos, compõem um ambiente calmo e potencialmente bem ventilado. Já ao fim do percurso, na esquina da Rua Macaé com Rua das Flores (Figura 24) foi encontrada uma praça de formato triangular, pouco utilizada; com uma quadra poliesportiva de concreto e com alambrados quebrados, rampa de skate, bancos de concreto, brinquedos infantis em precário estado de conservação e vandalizados; havia nela uma única área sombreada pela copa de duas árvores, sendo o restante exposto ao sol.

Figura 24 – Praça na confluência da Rua Macaé com Rua das Flores, em más condições de uso.



Fonte: Google Streetview.

4.2.3 Percurso 3

UP-10.

Traçado do percurso linear ao longo da BR-465 a partir do Campus da UFRRJ (Figura 25).

Figura 25 – Percurso 3 (com informações disponíveis em realidade aumentada).



Fonte: Edição do autor sobre Google Earth.

Afim de se observar as percepções em um percurso de acesso ao Km-49 e de transição entre a Universidade e o recorte, o primeiro trecho compreende a saída da Universidade Rural pela ciclovia. A caminhada começou no final da tarde. O trecho é marcado por uma tranquila caminhada ao ar livre com extensas áreas gramadas à esquerda e à direita com algumas árvores, lagos (um em de cada lado), passagem de pedestres e ciclistas realizando exercícios físicos, ou apenas saindo e na universidade. Há pouca ocupação das áreas gramadas para descanso, contemplação, prática de esporte ou outro tipo de atividade, sendo vistos no horário, cerca de 5 pessoas fazendo uso do espaço com este fim.

Alguns jovens eram vistos entrando na universidade com sacolas de mercado, o que indica ser este um caminho utilizado por aqueles que moram no campus universitário e fazem compras no Km-49. Dali a ciclovia segue em paralelo à BR-465 (Figura 26), sendo o seguinte trecho até a chegada à primeira passarela. Neste percurso além dos pedestres e ciclistas, passa-se a ouvir o som de veículos de forma mais elevada. Do outro lado da rodovia há uma oficina e residências, enquanto do lado esquerdo no sentido do núcleo urbano é vista junto à ciclovia uma extensa área verde acompanhando o percurso, com alguns taludes de altura de aproximadamente 8 metros, com densa vegetação arbórea marcada predominantemente pela presença de eucaliptos; segue-se assim até a travessia de uma ponte de concreto abaixo da

qual cruza a ferrovia logística da MRS. Ao longo da BR-465, a ciclovia fica, neste sentido da caminhada, com o talude a esquerda e a direita um amplo espaço livre de largura que vai até a rodovia (cerca de 8 metros) e comprimento que acompanha a BR-465 e a ciclovia. É uma área gramada onde no caminho fica localizado um ponto de ônibus. Já escurecendo, a área verde da esquerda dá lugar ao Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Brizolão 155 Maria Joaquina de Oliveira (Figura27), que marca visualmente a entrada no Km-49 pela rodovia.

Figura 26 – Talude e ciclovia à esquerda na BR-465.



Fonte: Google Street View.

Figura 27 – CIEP Brizolão 155 Maria Joaquina de Oliveira no acesso ao Km-49.



Fonte: Google Street View.

A iluminação no percurso parece ser suficiente em alguns pontos e escassa em outros, chegando um momento em que a ciclovia é interrompida por um talude, é necessário contorná-lo beirando a rodovia, sem passeio e depois é possível retornar a área mais afastada da via. A ausência de pavimentação é problemática para o pedestre,

principalmente em dias mais úmidos e chuvosos, e à noite. Chega-se então a primeira passarela (Figura 28) com um entorno pavimentado, mais atividades comerciais, perceptíveis visual e sonoramente, trânsito mais intenso de veículos e pessoas. Até a primeira passarela, o perfil predominante dos que faziam o mesmo percurso era de jovens de ambos os sexos, praticamente não sendo vistos adultos com aparência de idade acima de 40 anos, idosos, ou crianças. Isso pode ser justificado pelo anoitecer, com fluxo de jovens retornando da UFRRJ. Já próximo à primeira passarela passam a ser vistos estudantes de escolas públicas, e as demais faixas etárias com exceção de crianças (com aparência menor de 12 anos de idade). Para ciclistas, a partir deste ponto o caminho já se torna indefinido, não havendo mais ciclovia e o percurso tendo que ser compartilhado, seja pela calçada ou pela rua, com pedestres e com veículos.

A partir da primeira passarela os espaços livres são dispersos, sem uma regularidade ou unidade formal, na sua maior parte utilizados como estacionamento (principalmente do lado esquerdo da via) ou ocupados por trailers para alimentação rápida com conjuntos de mesas e cadeiras ocupando de informalmente esses espaços. O comércio se encontra em pleno funcionamento, tanto varejo, quanto espaços de alimentação, e demais setores. Há padarias, restaurantes, cafés, funerária, farmácias, posto de gasolina, trailers e quiosques entre a via auxiliar e a BR-465, além de outros tipos de estabelecimentos; em sua maioria edificações de um ou dois pavimentos. O eixo da rodovia iniciado neste ponto é o mais intenso e adensado em termos de uso e ocupação do solo.

Figura 28 – Rodovia BR-465 no sentido do núcleo urbano do Km-49, próximo à primeira passarela.



Fonte: Google Streetview.

A topografia se torna relevante de ser apontada principalmente no início de algumas ruas que dão acesso ao interior do bairro Fazenda Caxias devido ao aclave (Figura 29). Percebe-se a ausência de uma unidade formal para a via e espaços livres destinados a circulação e permanência de pedestres, e de segurança para os mesmos em alguns trechos do percurso pela proximidade com veículos.

Figura 29 – Rodovia BR-465 com a variação topográfica nos acessos ao Bairro Fazenda Caxias à esquerda.



Fonte: Google Streetview.

Não há uma linguagem unificadora na pavimentação, estruturação dos espaços livres, tipologia edilícia, e demais elementos que compõe a paisagem nesse percurso. As duas passarelas são marcos visuais importantes neste caminho e referências de localização comumente utilizadas. Ao longo da caminhada havia sempre a sensação de ser um lugar onde as pessoas se reconhecem na lida diária, ainda que não intimamente. Percebe-se grande interação entre as pessoas, na sua maior parte andando, esperando o ônibus (ou van), ou lanchando em pequenos grupos. Depois da segunda passarela outras duas referências visuais são a Primeira Igreja Batista em Seropédica (Figura 30), que chama a atenção na paisagem local e, mais adiante, já no extremo oposto do eixo rodoviário que marca o Km-49, outro marco referencial na paisagem é a igreja católica Santa Terezinha.

Figura 30 – Primeira Igreja Batista em Seropédica configura um marco referencial na paisagem da cidade, que assim como a Igreja Católica Santa Terezinha, é mais perceptível pela via auxiliar paralela a Rodovia BR-465.



Fonte: Google Streetview.

4.2.4 Percurso 4

UP-10, UP-1, UP-2.

Ruas percorridas: BR-465, Rua Tharssis e Paula, conhecida e denominada aqui como Rua Sete, Rua Fazenda do Caxias, Rua Ana Fraga, Rua Fazenda do Caxias, Rua Isidoro Borges, Rua Ana Faustino Fraga, Rua Joana Rezende, Rua Vereador Omespere Moreira, Rua Vereador Jaime de Azevedo, Rua Benedito Rosa, Rua Benedito Coelho de Castro, Rua Demétrio de Brito, Rua Maria Lourenço, Posto de Saúde.

Outra caminhada partindo da BR-465, esta no bairro Fazenda Caxias, compreendeu o percurso que vai pela Rua Sete (Rua Tharssis e Paula) até a praça que fica nesta rua, seguindo após ela até a Rua Fazenda Caxias, fazendo uma volta pela quadra, chegando novamente à praça e dali partindo em zigue-zague até o Posto de saúde (Figura 31).

Figura 31 – Percurso 4 (com informações disponíveis em realidade aumentada).



Fonte: Edição do autor sobre Google Earth.

Neste percurso (Figura 31), o trecho compreendido da BR-465 à praça da Rua Sete apresenta gradual diferença no que diz respeito aos tipos de edificação, uso e ocupação do solo, qualidade das vias e topografia. O primeiro trecho é o acesso àquela rua pela BR-465. Nele, há uma intensidade sonora causada pelo fluxo de veículos e fluxo de pessoas durante o dia, principalmente próximo ao horário de meio-dia, em que muitos restaurantes começam seus serviços, e é o horário de almoço para os que estão a trabalho ou estudo no Km-49. A subida de acesso à Rua Sete possui estabelecimentos comerciais voltados para o varejo, alimentação e manutenção de eletrônicos como restaurantes, papelarias e supermercados. Apesar do acesso ainda

possuir pontos comerciais, em poucos metros o ambiente já é residencial com alguns apartamentos, casas, um condomínio de residencial e alguns poucos restaurantes ao longo da topografia acidentada. A via é o único espaço livre público para circulação até a chegada à praça, sendo os demais, áreas de estacionamento logo no início da rua, alguns quintais, lotes não ocupados e o condomínio horizontal com espaços livres privados. As calçadas são estreitas, mas parecem suficientes para o fluxo de pessoas. A rua também é usada pelos pedestres pelo baixo fluxo de veículos se comparada à BR-465, o que permite uma caminhada despreocupada (Figura 32).

Figura 32 – Trecho da Rua Sete no sentido oposto à BR-465, de ocupação predominantemente residencial e pouco fluxo de veículos.



Fonte: Foto de Denise de Alcantara, acervo GEDUR.

O ambiente é cada vez menos caracterizado pelo som de veículos e pessoas. As variações topográficas oferecem em seus pontos de maior elevação vistas únicas do bairro ao longo de uma caminhada de pelo menos um quilômetro até se chegar à praça. Neste percurso as edificações residenciais se tornam mais simples e precárias, em termos de qualidade construtiva, acabamentos e conservação a medida que se adentra ao bairro. Começam a ser vistos lotes privados murados, não ocupados por edificações. A exposição ao sol durante a caminhada pela ausência de cobertura vegetal ou de outro tipo prejudicam o percurso no que diz respeito ao aumento da sensação de distância para se chegar à praça, que é o único espaço livre de uso público encontrado naquele trecho.

Ao chegar à Praça da Rua Sete, nota-se que também é desprovida de uma adequada cobertura e conforto para permanência durante o dia, motivo pelo qual ela permanece desocupada e sem uso na maior parte do dia, sendo encontrados apenas cerca de alguns homens adultos sentados em áreas cobertas próximas à praça. Em suas imediações, é verificada a existência de dois pontos comerciais e uma igreja evangélica, além de um lote não ocupado, no lado da rua oposto à praça na Rua Sete (Figura 33).

Figura 33 – Praça da Rua Sete, na esquina da Rua João Ana Flasino Fraga, um dos únicos espaços livres públicos encontrados no Bairro Fazenda Caxias. Note-se a arborização rarefeita.



Fonte: Google Streetview.

Várias edificações residenciais ocupam os lotes murados, muitas delas inacabadas ou em processo de construção, com alvenaria exposta ou em reboco com uma significativa exceção: uma residência com jardim amplo bem cuidado, vegetação de porte que chega a oferecer sombra em uma das calçadas em frente à praça; possui vegetação arbustiva, forração, alguns cavalos e cães. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, surgiu em uma entrevista a informação de que seria a casa do atual prefeito da cidade, eleito em 2016, ocupada hoje por seus filhos.

Seguindo a partir da praça a topografia se torna menos acidentada, quase plana. Metros após a praça o ambiente definitivamente difere totalmente daquela mais próximo a BR-465, o que reforça a classificação de uma nova unidade morfo-territorial, como apresentado anteriormente em mapa. A qualidade das edificações diminui, bem como a ocupação dos lotes; a pavimentação da via diminui, até não haver pavimentação ou calçamento. Passa-se a um recorte em que atividades agropastoris denotam o caráter ainda rural da região.

Na sequência, foi feito o retorno pela Rua Ana Fraga onde é visto um grande talude que dá para uma área não ocupada e densamente arborizada. As edificações do entorno são simples. Desta esquina, retornando pela Rua Isidoro Borges se chega novamente a praça por outro ângulo de visão, de onde se avistam residências ao lado da quadra de saibro e pode ser observada uma ocupação indevida deste espaço público, o que foi reafirmado dias depois em uma entrevista a um morador e comerciante local. Seguindo após a praça em ziguezague até o Posto de Saúde, já mencionado no Percurso 1 (Seção 4.2.1), foi sendo observada uma melhoria das edificações, pouco fluxo de pessoas e de veículos, uma topografia mais suave, espaços livres que mais uma vez se limitavam às vias, lotes não ocupados e quintais residenciais; calçadas gradualmente reaparecem, ainda estreitas em todo o percurso, e com ausência de cobertura vegetal ou de outro tipo, como marquises ou beirais largos, em um percurso ensolarado.

Mais próximo ao Posto de Saúde foram vistas algumas edificações de três pavimentos, mas ao longo do percurso o predomínio de edificações era de edificações térreas. A maior parte dos usos eram do tipo residencial e aos poucos surgem pontos

comerciais de uso local, tais como minimercados, lanchonetes e pequenos bares.

4.2.5 Percurso 5

FLONA Mario Xavier.

Foram realizadas cerca de oito incursões em dias e horários alternados na Floresta Nacional Mário Xavier Filho (FLONA - Figura 36) havendo nelas a oportunidade de conversar com o diretor responsável pela mesma, estar com funcionários da unidade e conversar com visitantes daquela Unidade de Conservação (UC) que utilizam a área conhecida como Talhão das Sapucaias como espaço de orações.

Figura 34 – Percurso 5 (com informações disponíveis em realidade aumentada).



Fonte: Edição do autor sobre Google Earth.

Na área de orações conhecida como Talhão das Sapucaias, observou-se que o lugar é conservado e mantido pelos próprios usuários, havendo inclusive a oportunidade de conversar com um dos que fazem a limpeza e organização dos espaços e setores destinados às orações e meditações individuais e coletivas. É um ponto de reunião de diversas igrejas evangélicas e também católicas. Um ambiente ao ar livre calmo, sereno, bem ventilado, agradável e convidativo. Seu acesso se faz por uma das trilhas dentro da UC e, conforme o Chefe da Flona, em entrevista a estudante de graduação da Lívia Netto, a limpeza feita pelos usuários, que consiste em varrer a folhagem que cobre o solo arenoso prejudica a produção de nutrientes para a vegetação arbórea; este fato permite a criação de locais de permanência para oração e de caminhos para acesso a eles.

Além deste uso também foram vistas na FLONA pessoas fazendo caminhadas. O espaço é geralmente mais utilizado na parte da manhã, ficando mais deserto à tarde. A noite talvez, por não haver iluminação artificial e pelo horário oficial de fechamento

dos portões da FLONA ser às 17h, já não há movimentação. Apesar do horário oficial de funcionamento, pelo fato da FLONA funcionar como passagem para pessoas que querem cortar caminho para chegar a determinado ponto do bairro Boa Esperança e também por não haver como saber se ainda há alguém na Unidade, há junto ao portão de saída de veículos uma pequena saída de pedestres sem portão; além disso, os usuários acessam a floresta por pontos do limite entre a FLONA e o bairro Boa Esperança, já que a floresta não é cercada em sua totalidade. Um dos problemas encontrados pela administração diz respeito justamente à ocupação indevida dentro dos limites da FLONA por criadores de gado, o que prejudica o solo arenoso. Em entrevista com o Chefe da FLONA, foram relatados outros problemas relacionados ao uso de pontos no interior da floresta para uso e comercialização de entorpecentes ilegais. O diretor comentou ainda que devido à desproporcionalidade entre a extensão da floresta e a quantidade de funcionários para vigilância, manter este controle se torna difícil. Vale ressaltar, neste trabalho, que por conta do contexto histórico da floresta, os entrevistados de modo geral não a conhecem como FLONA, mas como Horto Florestal. O que assim que identificado nas entrevistas trouxe uma melhor comunicação quando mencionada a Unidade.

Em frente à entrada, do lado oposto da rodovia, há uma área destinada à mineração (Figura 35). O acesso principal à FLONA (Figura 36) é feito pelo portão existente na rodovia BR-465, na altura do quilômetro 50 (Km-50), aonde pode se chegar a pé partindo-se do Km-49.

Figura 35 – Mineradora em frente ao acesso principal à FLONA.



Fonte: Autor.

Figura 36 – Trecho da BR-465 com o portão de acesso principal à Floresta Nacional Mário Xavier Filho.



Fonte: Google Streetview.

Entrando pelos portões da FLONA a primeira impressão é a de ser um ambiente de livre circulação, pois só é visto algum tipo de edificação e funcionários depois de alguns minutos de caminhada, sendo os dois lados da estrada de acesso, áreas com vegetação arbórea de porte médio e alto (Figura 37).

Figura 37 – Rua da Oficina. Acesso à FLONA.



Fonte: Autor.

A área administrativa é formada por um conjunto de edificações de dois pavimentos e pode ser acessada seguindo a pista de acesso ou cortando caminho a partir da área com galpões pela floresta em uma pequena trilha.

O acesso ao Talhão das Sapucaias é por meio de uma trilha (Figura 38). Um caminho silencioso, tranquilo, com umidade do ar perceptivelmente maior que a do Km-49, som de aves, do vento nas folhas e trapoerabas na forração delimitando a

trilha com algumas bifurcações estreitas; esporadicamente passam alguns carros pela trilha principal que acabam por reforçar o caminho sobre a terra. A área com grande concentração de sapucaias tem o solo coberto por areia nas áreas onde deve caminhar e coberto pelas folhas secas caídas das árvores nos limites dos caminhos (Figura 39). A areia no solo à luz do sol da manhã ganha um realce e contraste luminoso que sublima o lugar. Além do uso para meditação chegou a ser vista em uma das visitas uma família aproveitando o espaço para descansar e crianças brincarem. Foram vistos grupos de diferentes igrejas em oração. Alguns chegavam pelo acesso principal outros pelo acesso criado pelo bairro Boa Esperança. Chegavam a pé de bicicleta, carro, e moto, sós, em duplas ou pequenos grupos. Jovens, adultos, idosos, e crianças acompanhadas. Os locais para se assentar são troncos caídos de árvores distribuídos ao longo da área conforme as dimensões de cada subárea das Sapucaias. Os usuários se mostraram bem receptivos e o responsável pela limpeza da área chegou a fazer o convite para passar o dia com ele e sua família ao sair após a conversa durante a manhã. Foram vistos ao longo da conversa alguns micos que fazem parte da fauna local.

Figura 38 – Trilha de acesso ao Talhão das Sapucaias.



Fonte: Autor.

Figura 39 – Talhão das Sapucaias, uma das áreas apropriadas para atividades religiosas da FLONA Mário Xavier.



Fonte: Foto de Denise de Alcantara, Acervo GEDUR.

4.2.6 Considerações Parciais 2

De modo geral, o Km-49 apresenta inicialmente uma homogeneidade, sendo segmentado tipologicamente entre BR-465, as áreas mais urbanizadas e áreas de aspecto mais rural (tanto no bairro Fazenda Caxias, quanto no Boa Esperança). Apesar desta ser uma classificação que já subdividiria o Km-49 em cinco unidades morfo-territoriais (BR-465, duas no bairro Fazenda Caxias e duas no bairro Boa Esperança), ao longo dos percursos experienciais outras percepções e vivências permitiram uma mais estratificada observação e categorização do Km-49 em unidades morfo-territoriais conforme apresentado no início deste capítulo.

Nos percursos registrados e em outros realizados foi notada uma lacuna no que diz respeito à infraestrutura e urbanização e conservação dos espaços livres públicos. Considerando característico do momento de desenvolvimento em que o município vive a dualidade urbano/rural se torna relevante, dentro deste processo a preservação dos costumes locais e da forma de vida típica da população. Pode-se perceber também que os tipos de espaço livre de edificação mudam de acordo com

a proximidade à via principal. Mais próximo da via há praças projetadas e os lotes são quase totalmente ocupados por edificação restando como outro tipo de espaço livre apenas as ruas. Quanto mais distante da via principal maior a área de espaços livres de edificação dentro dos lotes e a quantidade de de lotes não ocupados fatores intrínsecos à morfo-territorialidade.

Dentre as diversas percepções que se pôde ter a partir destas observações, uma foi que o centro urbano de Seropédica é periférico em relação aos centros dos demais municípios da RMRJ; e sua região periférica interna, o é assim, duas vezes. A paisagem num todo talvez possa ser considerada como uma paisagem peri-urbana, com características intermediárias entre o rural e o urbano. Uma região economicamente vulnerável, fragmentada e dependente, que tende sempre a avançar ao urbano ou à estagnação, mas dificilmente retornaria ao rural. Caberia talvez um estudo sobre este tipo de paisagem muito presente no Brasil, transitória e com características peculiares. Apesar de sua aparente homogeneidade, ela ainda pode ser internamente fragmentada e desigual, como se verifica neste trabalho, quase que em um infinito concêntrico de desigualdade dentro da desigualdade.

A partir das classificações em unidades morfo-territórias e dos percursos experienciais feitos foram selecionadas três praças de diferentes unidades morfo-territórias - UP-10, UP-9 e UP-2 – para um levantamento sobre a qualidade dos espaços livres públicos locais do ponto de vista da população. Uma praça está localizada na BR-465, uma no bairro Boa Esperança e a terceira no bairro Fazenda Caxias, como segue.

4.3 Estudo de Caso - Três Praças do Km-49

A partir do mapeamento das unidades morfo-territórias e da observação incorporada, foram definidas três praças para serem analisadas. Para esta etapa foram feitas fichas de categorização de cada praça, levantamentos de aspectos físicos-espaciais, entrevistas e questionários. As três praças selecionadas como recorte espacial desta parte do trabalho são: a Praça da Câmara; a Praça do Campinho de Areia; e a Praça esportiva da Rua 7 (Figura 40). Elas são analisadas com o objetivo de buscar a percepção que a população tem de seus espaços livres públicos, como esta se apropria deles e as diferenças entre os espaços livres de acordo com a Unidade Morfo-territorial em que estão inseridos.

Para isto as fichas de categorização de cada uma das praças foram feitas com base no quadro desenvolvido pelo grupo SEL-RJ, que foi adaptado como ficha pelo grupo GEDUR para Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo (da UFRRJ/Departamento de Arquitetura e Urbanismo) em 2016; foi então realizada pelo grupo a ficha para categorização das 3 praças do Km-49 selecionadas com base nesta anterior. As informações coletadas sobre cada praça são resumidas e analisadas abaixo juntamente com os demais instrumentos aplicados para estudo. Foram aplicadas também entrevistas e questionários semi-estruturados aos moradores e usuários no local e pessoas que estavam trabalhando em estabelecimentos do entorno das três praças. Pelo objetivo do trabalho ser tratar das respostas de modo global, os entrevistados não foram identificados, sendo esta uma opção que não influencia os resultados obtidos. Foram abordados moradores, comerciantes do entorno das praças, usuários das praças e demais pessoas no seu entorno. O Modelo de Questionário aplicado se encontra no Anexo I (Figura 45) deste trabalho. As entrevistas e questionários foram

aplicados pelo autor do trabalho e pelos bolsistas e voluntários do grupo GEDUR (Nadjaíne Santiago, Fernanda Manuela Mendes Madanelo, Guilhermy Paz Gomes dos Santos, Thais Lima e Ludmilla Baldez Brum), orientados e acompanhados em campo pela professora Denise de Alcantara e pelo autor. Os quatro últimos colaboradores citados também foram os autores das fichas de categorização apresentadas neste trabalho.

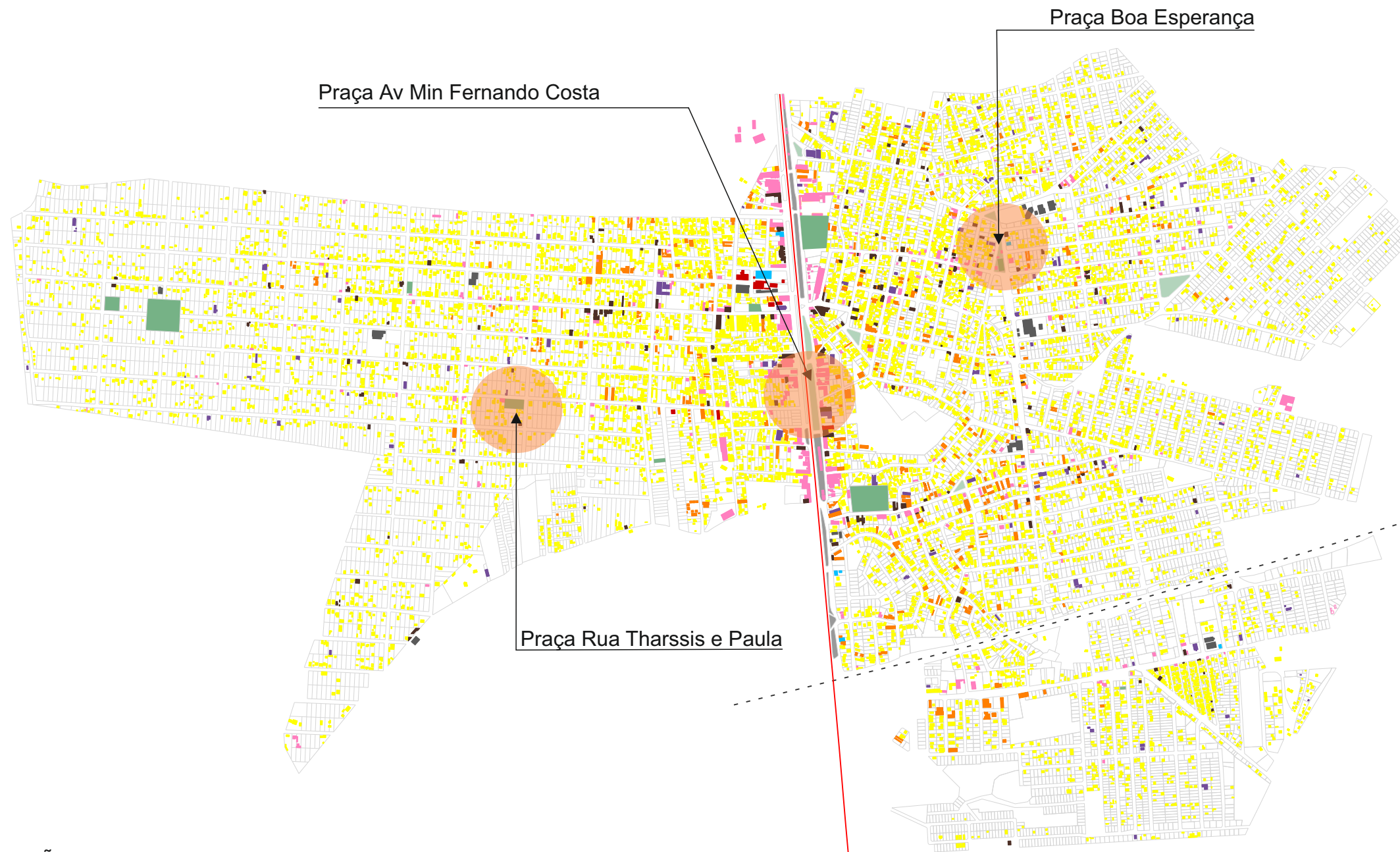
As três praças foram escolhidas por um conjunto de motivos. Sendo tanto por características de cada praça, quanto pela possibilidade de correlacionar características entre elas. Um dos fatores foi a localização e relação destas com a morfo-territorialidade correspondente. Cada praça se encontra dentro de uma diferente unidade morfo-territorial, além da das praças da Rua 7 e do Campinho de Areia estarem em bairros distintos (respectivamente bairros Fazenda Caxias e Boa Esperança). Já a Praça da Câmara (Figura 40) está localizada na principal via do município: a BR-465. Além de estarem localizadas em bairros e unidades morfo-territórias distintos, a Praça da Rua 7 e a Praça do Campinho de Areia apresentam algo em comum: o fato de ambas terem um campo de saibro para atividade esportiva sendo usado pela população do entorno, o que permite comparações quanto a influência da localidade e do entorno para o uso deste espaço livre público categorizado como praça, bem como da importância do comércio dentro e no entorno das praças. A Praça da Câmara e a do Campinho de Areia são respectivamente as mais relevantes do Km-49, sendo as que recebem mais eventos e são mais usadas pela população do recorte (conclusão a que se chegou após a aplicação dos instrumentos Observação Incorporada e Entrevistas, que demonstraram que a Praça do Campinho de Areia é uma referência localizacional para bairro Boa Esperança, e que outra grande referência no bairro é o Grêmio). A Praça da Rua 7 se comparada com a do Campinho de Areia é a que está mais distante da via principal, além de ter um acesso topograficamente acidentado; tal característica é importante para se observar se há neste caso influência da morfologia urbana no uso da praça por parte de outros moradores que não vivem no entorno imediato da praça.

De modo geral o tipo de uso do solo predominante no Km-49 é residencial e próximo a BR-465, comercial, seguindo deste tipo de uso encontramos o institucional e o religioso. As extremidades nordeste e sudoeste do recorte são menos ocupadas e apresentam menos sinais de urbanização, que se dá por espraiamento a partir da BR-465. Outro ponto importante é observar que a quantidade de praças no lado a nordeste (bairro Boa Esperança) da BR-465 é maior do que do lado sudoeste (bairro Fazenda Caxias - Figura 40). Para uso recreativo da população, o Km-49 apresenta também quatro campos de futebol. Três localizados no bairro Boa Esperança e um no bairro Fazenda o Caxias. São espaços livres privados, mas de uso público. A malha viária constitui um importante estruturador do recorte. O bairro Fazenda Caxias se apresenta uma malha viária mais regular em relação ao Boa Esperança que tem parte de suas vidas modeladas a partir do pequeno morro que corresponde neste trabalho à UP-11. Além destes espaços livres pode ser encontrada uma grande quantidade de espaços livres privados sem uso definido, demonstrando assim o potencial de expansão de praças em seus respectivos entornos e também de ocupação construtiva. A incipiência e não uniformidade do processo de urbanização do km-49 são relevantes para este estudo devido à potencialidade de ainda se remodelar este processo levando-o a um modo sustentável de ocupação e uso.

Segue, nas subseções seguinte, o estudo feito sobre as três praças.



NORTE



ENTORNO IMEDIATO



Praça Rua Tharssis e Paula



Praça Av Min Fernando Costa



Praça Boa Esperança

LEGENDA

- Limite Lotes
- Rodovia Principal
- Ferrovia

SISTEMA DE ÁREAS VERDES

- Praças
- Campo de Futebol
- Área Expansão de Praças

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

- Residencial Unifamiliar
- Residencial Multifamiliar
- Misto
- Comércio e Serviços
- Institucional
- Educacional
- Saúde
- Religioso

LOCALIZAÇÃO E VISTA PRAÇAS

Praça Boa Esperança				
Praça Av Min Fernando Costa				
Praça Rua Tharssis e Paula				



MAPA KM 49



01

4.3.1 Praça da Câmara

Localizada na principal via do município (a BR-465), a Praça da Câmara (Figura 41) tem seu entorno majoritariamente de uso comercial e é frequentada por moradores do Km-49 e de outros centros urbanos devido aos serviços que são oferecidos em seu entorno. No que diz respeito a praça em si é a praça com maior arborização no km-49, e que se encontra em bom estado de conservação apesar das pontuais falhas como nas placas da pavimentação. A praça é composta por quiosques (um de alimentação, um de sorvetes e um de flores), arborização nas suas bordas, pergolado, um pequeno gazebo em seu centro e bancos em concreto para assento (Figura 41). A pavimentação da praça é em piso intertravado com algumas falhas e sem indicação para locomoção de cegos (piso podotátil), mas em regular estado de conservação. É uma das praças mais próximas ao CIEP Néelson Antelo Romar, recebendo uma parcela de seus estudantes no horário próximo de meio-dia. A praça possui uma iluminação artificial regular que permite o seu uso adequado durante a noite como praça de alimentação. O seu entorno é predominantemente comercial, sendo ao nordeste lojas; ao sudeste e ao noroeste espaços livres com quiosques e estacionamento, que antes (a noroeste), era ocupado rampa de skate e mobiliário para recreação infantil; à sudoeste, há mais pontos comerciais.

Ao longo da pesquisa cognitiva por meio das observações incorporadas na praça foi notado que a arborização é um relevante diferencial dela, e que os usuários durante o dia se concentram nos canteiros onde há árvores. O gazebo não foi visto sendo utilizado durante o dia, mesmo para descanso. O descanso e a espera são os principais motivos de uso da praça. Talvez, por ela não apresentar mobiliário destinado a crianças ou a exercícios físicos a maior parte dos usuários vistos durante o dia foram, jovens, adultos e adolescentes no horário próximo ao meio-dia. O comércio dentro das praças (os 3 quiosques) tem importância no uso e apropriação deste espaço, mas o fato de seu entorno ser predominantemente comercial tem maior peso sobre este fator de uso. Mesmo no horário de maior incidência solar, a praça apresenta uma movimentação constante. Também utilizada como passagem, a Praça da Câmara é uma referência localizacional, mas não tanto quanto as duas passarelas da BR-465. A presença da vegetação arbórea gera uma visão de céu reduzida, se comparada com as demais praças em estudo. A proximidade com a BR-465 traz a praça um maior fluxo de pessoas e uma constância de ruídos característicos de trânsito de veículos. O próprio entorno da praça é cercado por carros estacionados (Figura 41). A disposição dos quiosques e a presença de vegetação ao longo da mesma ajuda na distribuição mais homogênea dos usuários (próximo a quiosques ou debaixo das árvores). A praça pareceu ser relativamente limpa e sem problemas com mau cheiro. Pela falta de locais para se assentar ao longo de uma caminhada pela via, esta praça é um ponto usado para este fim. O pergolado vegetado proporciona mais uma área sombreada, o que é relevante dado o trânsito e o fluxo de pessoas e veículos em seu entorno ao longo de um dia ensolarado, como foi o caso da maior parte dos dias observação. À noite a praça conta com apresentação musical ao vivo e projeção com exibição de músicas em um dos quiosques. Neste período, além do ambiente ser mais fresco e convidativo, são ofertadas mais opções de alimentação com a chegada de trailers não só na praça, mas nos espaços livres ao seu lado.

Dentro do estudo sobre as possibilidades de mudança na rotina da população e sobre a forma de apropriação dos espaços livres públicos, fica evidenciado nas entrevistas e questionários aplicados que os principais motivos de não apropriação da Praça da Câmara podem ser divididos entre:

- Distância das extremidades do bairro Boa Esperança: Apesar de reiterar seu apreço pela Praça da Câmara e suas expectativas de urbanização para o seu entorno, um dos entrevistados, morador do bairro Boa Esperança (UP-5) relatou que faz uso da Praça da Câmara ao longo da semana, como local de descanso e de espera para o exercício de sua profissão, mas não costuma levar sua esposa e filhos nos fins de semana pela distância. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de levá-los ao Campinho de Areia, o morador, a considerou uma praça também distante para levar seus filhos pequenos, que acabam por ter como local único para brincar com outras crianças na rua em frente a sua casa. Seus relatos evidenciaram a necessidade de uma praça próxima de sua casa, e levam a entender que a distância é uma questão que envolve outros moradores da localidade. Considerando a UP-5 uma área não só com menor urbanização, mas também com edificações mais simples que evidenciam um menor poder aquisitivo, pode-se considerar a dificuldade de deslocamento familiar para espaços livres públicos relativamente distantes como a Praça da Câmara ou a FLONA;
- Limpeza: Apesar de não ser visto em entrevista queixa sobre a limpeza da praça, dentre os respondentes de questionário, foi quase unanimidade a crítica à limpeza;
- Iluminação: De igual modo dentre os respondentes dos questionários foi frequente o relato sobre a precariedade da iluminação na praça, o que pode ser associado a sensação de insegurança relatada por alguns abordados;
- Ausência do mobiliário desejado: muitos dos respondentes comentaram que não usam a praça pela ausência de mobiliário para exercícios físicos para idosos, e mobiliário infantil.

Os principais motivos e modos de apropriação da praça foram:

- Centralidade: a localização da praça é o seu principal fator de uso. Devido aos serviços prestados no seu entorno e a falta deles nos bairros e municípios vizinhos, a praça acaba por ser utilizada como local de estar por moradores de outros bairros e municípios enquanto resolvem questões durante a semana. O fato da praça estar localizada próxima a primeira passarela e não em uma das extremidades do trecho da BR-465 que passa pelo Km-49, leva também ao uso mais frequente da mesma por moradores do recorte;
- Eventos: dentre os principais motivos de uso e apropriação da praça estão a sua vinculação a eventos promovidos pelo governo. Os mais citados foram o carnaval, a festa do dia do trabalhador, a feira de artesanato aos domingos e as festas de fim de ano;

- Descanso: outro motivo citado para uso e apropriação da praça é a possibilidade dela ser um local de descanso em meio a movimentação da BR-465;
- A possibilidade da praça ser um ponto de encontro e conversa foi um motivo citado para uso da mesma;
- Conforto térmico: o fato da praça ter locais de se assetar a sombra favorece o uso da mesma como citado pelos respondentes;
- Música e serviços de alimentação: além do entorno oferecer serviços, a própria praça contém 3 quiosques que possibilitam uma estada por mais tempo na praça durante o dia, sendo a noite um deles com musica ao vivo. A noite ainda são colocados traillers vendendo alimentos.

Fica também evidenciado a partir dos relatos trazidos que mudanças ocorreriam no caso de uma requalificação dos espaços livres.

- Exercícios físicos: quase todos os respondentes confirmaram que havendo na praça a oferta de mobiliário voltado para exercícios físicos, eles fariam uso do mesmo;
- Brincadeira com crianças: foi também muito comentada a falta de mobiliário infantil, sendo este um fator que ampliaria as possibilidades de uso e apropriação da praça. Um dos entrevistados chegou a dizer que há alguns anos a praça era mais extensa com mobiliário infantil e uma rampa de skate, contudo hoje o mesmo espaço está ocupado por quiosques de alimentação nas imediações da praça e serve como estacionamento.

Quanto à influencia do perfil socioeconomico nas respostas: quase todos tinham a mesma faixa salarial (0-3 sm), contudo nos questionários a escolaridade influenciou a clareza e completude das respostas. Clareza não foi problema nas entrevistas semi-estruturadas que fizeram uso das mesmas perguntas do questionário, mas com a possibilidade de esclarecimento no caso de dúvidas e de fazer a mesma pergunta de formas e ordens diferentes de acordo com o andamento das entrevistas eliminando quase que totalmente qualquer tipo de dúvida sobre as perguntas realizadas.

Foi constatado também na Praça da Câmara a influência da morfo-territorialidade sobre os tipos de uso e ocupação dos espaços livres. Seu uso sofre influência de fatores como localização, fluxos de veiculo e pedestres, dimensões para circulação estrutura física do entorno correlação com demais tios de espaços livres da unidade morfo-territorial em que a praça está situada, dentre outros. A praça é usada por sua centralidade no trecho da BR-465 que está inserido no Km-49; ainda que estivesse em estado insuficiente de conservação, sendo a única opção na UP cogita-se que seria utilizada. As configurações de uso da fluxo de veículos e de pessoas favorece o uso da praça por ela estar localizada no percurso dos que transitam pela rodovia e se relacionar às dimensões da largura de calçada das suas imediações, além disto os usuários da praça encontram nela características que não encontram ao longo da BR-465 (arborização e sombreamento, local para sentar que não seja um ponto de ônibus ou um ponto um ponto comercial, etc).

CATEGORIZAÇÃO DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES - PRAÇA



USO DO SOLO

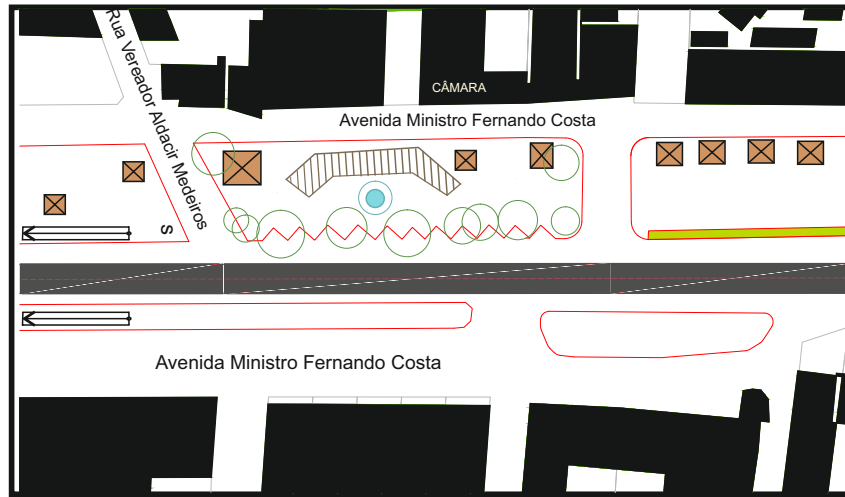
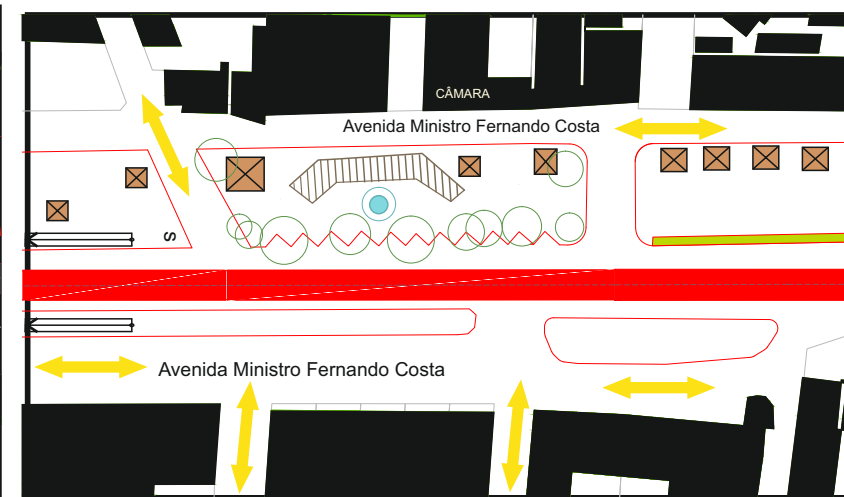


FIGURA E FUNDO



HIERARQUIA VIÁRIA



NORTE



NORTE



NORTE

FICHA DE CATEGORIZAÇÃO – Sistema de Espaços Livres de Edificações

DATA: 17/04/2017

PROJETO: Categorização e Análise tipomorfológica dos espaços livres urbanos

EQUIPE: Fernanda Madanelo, Guilhermy Gomes, Ludmilla Baldez, Paulo Antonio Santos e Thais Lima.

UNIDADE DA PAISAGEM: KM 49

PERCURSO: Praça contida entre a BR 465 e a Av. Ministro Fernando Costa

MUNICÍPIO: Seropédica LOCAL: Boa Esperança

TIPO:

Caráter de urbanização

Relacionado a permanência

SUBTIPO: Praça

CARACTERIZAÇÃO:

Legislação: Não há. Situação fundiária: Em posse do poder público Gestão: Prefeitura

ACESSIBILIDADE:

Acesso físico: Todos os limites são abertos, não há barreiras físicas.

Protocolo: Não foi identificado nenhum tipo de protocolo.

Acesso visual: Dificultado pelo estacionamento de carros ao redor da praça.

Acesso sonoro: Se houve perfeitamente ao entorno imediato a sonoridade da praça.

PRÁTICA SOCIAL/ATIVIDADE (permanentes e temporários)

Usos Permanentes: Presença de equipamentos fixos no local:

* Quiosque para Floricultura * Quiosque Sorvete * Bar

* Palco fixo em concreto

* Pequena estrutura Metálica Coberta para eventos.

Usos Temporários:

* Caminhadas * Pessoas Sentadas e descansando, em geral nos locais protegidos

do sol embaixo dos arbustos ou propiciado pelas edificações.

ATRIBUTOS PAISAGÍSTICOS

Conservação: Regular.

*Pavimentação encontra-se em bom estado; *Não há presença de lixo exposto;

*Fonte de água não funciona; * Pichações em bancos, no palco e numa placa indicativa;

Mobiliário: Insuficiente. *Há presença de Bancos de concreto; *pergolado em madeira;

*não há lixeiras na parte interna somente alguns tambores nos limites externos;

Iluminação: Boa * Presença de postes altos no interior da Praça.

Monumento/arte: * Placa informativa que esta pichada, relacionado a ato de vandalismo.

Pavimentação: *Em piso cimentício pequenas placas quadrangulares nas cores, vermelho, verde e xadrez em preto e branco.

Vegetação: Presente *Presença de árvores, arbustos e pequenas cercas vivas.

ATRIBUTOS PERCEPTIVOS

Sonoridade: *Por não possuir barreiras, é influenciado tanto pela sonoridade externa principalmente do tráfego ao seu redor quanto interna, tudo o que acontece com maior intensidade sonora na praça se ouve desde fora do seu perímetro. Aspecto olfativo: *Não foi identificado nenhum fator de destaque.

Luminosidade: *Por ser um local aberto está exposto a bastante radiação solar.

Cromática: *Predominam as cores do piso em tons mais pastel, do mobiliário típico de barzinhos com mesas e cadeiras de plástico e tons vermelho e amarelos vibrante bem como o destaque das copas verdes intenso da vegetação;

Ventilação: *Por ser um local aberto está exposto as condições climatológicas locais. Destaca-se a presença de ventos quentes durante os dias, principalmente no verão e a noite tendem a uma brisa fresca.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

Por estar localizado no núcleo central da cidade, atrai mais pessoas inclusive observando-se presença noturna. Abriga aos domingos pela manhã uma feira no seu entorno. É utilizado para atividades diárias e em eventos e datas festivas.

ENTORNO IMEDIATO



LEGENDA

- Residencial Unifamiliar
- Residencial Multifamiliar
- Misto
- Comércio e Serviços
- Institucional

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

- Educacional
- Saúde
- Religioso

FIGURA E FUNDO

- Figura
- Fundo

- Quiosque
- Árvores

HIERARQUIA VIÁRIA

- Rodovia Federal
- Local

LOCALIZAÇÃO E VISTA PRAÇA - BR 465



MAPA KM 49



02

No que diz respeito às demais informações coletadas nas entrevistas e questionários se destacam as referências dadas para melhorias propostas para a praça e seu entorno. Foi citado o calçadão de Campo Grande como referência para transformação da via auxiliar à BR-465 em um grande calçadão, e a feira de Itaguaí como referência para modificação da praça. Esta informação é importante por demonstrar que as referências mentais citadas dizem respeito ao conteúdo conhecido, o que afeta diretamente a percepção quanto a qualidade dos espaços livres em estudo, em especial da Praça da Câmara e seu entorno.

A ficha de categorização, observações incorporadas, entrevistas e questionários aplicados na Praça da Câmara apresentaram uma população de modo geral aberta, simples, convidativa, que sente necessidade de fazer uso dos espaços livres públicos que lhe são oferecidos, mas que por motivos tratados neste acima, não o faz plenamente.

4.3.2 Praça do Campinho de Areia

Sendo a segunda principal praça do Km-49, a praça conhecida como Campinho de Areia está em formato triangular localizada entre as ruas H, Rua do Carmo, e Rua 2, no bairro Boa Esperança (Figura 42), a um raio de 760 metros da Praça da Câmara; seu entorno é predominantemente residencial. O Campinho de Areia é frequentada por moradores do entorno da praça e por moradores mais distantes do bairro Boa Esperança pela falta de praças nas áreas mais periféricas. No que diz respeito a praça, ela é marcada pela quadra de saibro cercada por alambrado em más condições, a presença de 3 quiosques e um coreto. A praça possui pouquíssima arborização, apenas algumas palmeiras em pontos chave; o seu estado de conservação não é bom principalmente se comparado ao da Praça da Câmara. A praça apresenta também uma área com conjunto de mobiliários para exercícios físicos e outra para recreação infantil, ambas em mal estado de conservação; há também bancos de madeira distribuídos no limiar da praça, e um conjunto de mesa de jogos (Figura 42). A pavimentação da praça é em piso intertravado com indicação para cegos (piso podotátil) com algumas falhas, e rampas de acesso para idosos, gestantes e deficientes físicos. Ela recebe uma parcela de seus estudantes no período próximo de meio-dia. A praça possui uma iluminação regular que permite o seu uso adequado durante a noite por parte de moradores do entorno como praça de alimentação. O entorno imediato é predominantemente residencial, mas com quatro pontos comerciais (uma padaria, uma loja de roupas, academia, e um salão de beleza) e uma igreja evangélica. Junto à praça funciona um posto de saúde da prefeitura de Seropédica e a poucos metros a noroeste, seguindo pela Rua H, há uma outra praça menor (Zumbi dos Palmares). O maior uso da praça ocorre durante a noite, horário em que o ambiente é mais fresco e há trailers e outros comerciantes próximos à praça. A altura média das edificações no entorno da praça é de um pavimento e a densidade construtiva ao redor da praça é visivelmente baixa se com parada à praça anterior (a da Câmara) com espaços livres de edificação em terrenos construídos com lotes não ocupados (Figura 40 - Mapa de cheios e vazios). Além dos quiosques, há também na praça um pergolado desprovido de cobertura vegetal e, mal conservado, o coreto, já citado, é um dos poucos locais de sombra, onde se concentram os poucos usuários do período diurno para descanso durante os dias ensolarados.

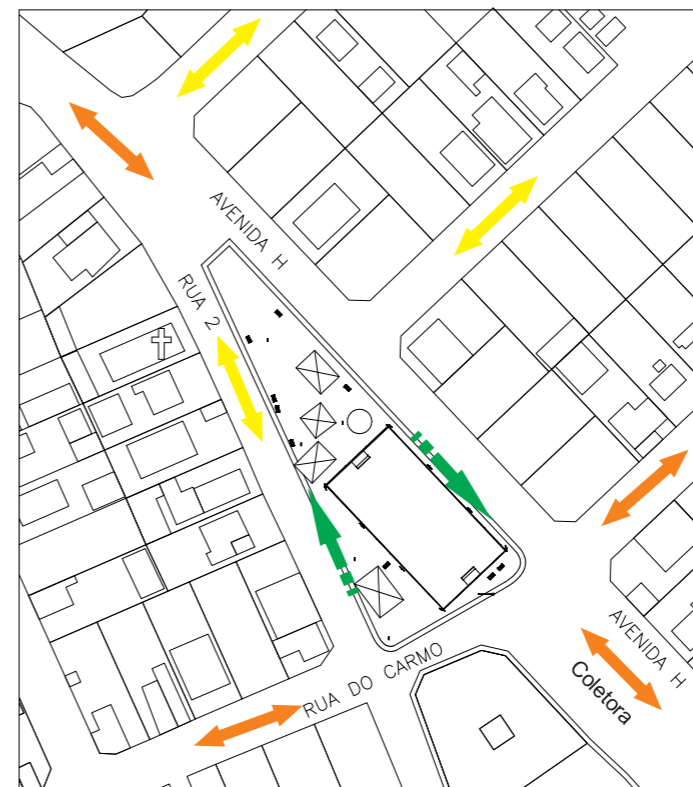
CATEGORIZAÇÃO DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES - CAMPINHODE AREIA



USO DO SOLO



FIGURA E FUNDO



HIERARQUIA VIÁRIA



NORTE

ENTORNO IMEDIATO



PRAÇA DO CAMPINHO DE AREIA



LEGENDA

- SISTEMA DE ÁREAS VERDES**
- Praças
 - Campo de Futebol
 - Área Expansão de Praças
- USO E OCUPAÇÃO DO SOLO**
- Residencial Unifamiliar
 - Residencial Multifamiliar
 - Misto
 - Comércio e Serviços
 - Institucional
 - Educacional
 - Saúde
 - Religioso
- FIGURA FUNDO**
- Figura
 - Fundo
- HIERARQUIA VIÁRIA**
- Coletora
 - Local
 - Passeio

FICHA DE CATEGORIZAÇÃO – Sistema de Espaços Livres de Edificações

DATA:

PROJETO: Categorização e Análise tipomorfológica das praças

EQUIPE: Ludmilla Baldez, Thais Lima, Fernanda Madanelo, Paulo Antonio e Guilhermy Gomes

UNIDADE MORFOTERRITORIAL: Km 49

PERCURSO: Rua do Carmo, Rua 2 e Avenida H

MUNICÍPIO: Seropédica

LOCAL: Bairro Boa Esperança

TIPO:

CARÁTER DE URBANIZAÇÃO – RELACIONADO À PERMANÊNCIA:

SUBTIPO: Praça

CARACTERIZAÇÃO:

Legislação: Plano Diretor de Seropédica

Situação fundiária: DESCONHECIDA

Gestão: Pública

ACESSIBILIDADE: ACESSO FÍSICO

Acessível, há presença de rampas para cadeirante, piso podotátil e pavimentação apropriada

PRÁTICA SOCIAL/ATIVIDADE: PERMANÊNCIA

Presença de prática social. Ocorrem jogos organizados pelos moradores no final de semana, além de alguns eventos em datas comemorativas, contando também com a presença de moradores de bairros mais próximos.

ATRIBUTOS PAISAGÍSTICOS: MOBILIÁRIO:

Coreto, presença de bancos, aparelhos de ginástica e infantis mal conservados e quiosques.

ILUMINAÇÃO:

Existente, mas falta manutenção, inviabilizando a permanência em determinados horários.

PAVIMENTAÇÃO:

A pavimentação do passeio é boa, apropriada e mas mal conservada em alguns trechos devido à falta manutenção.

VEGETAÇÃO:

Existente apenas no entorno com poucos fragmentos na própria praça.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS: APROPRIAÇÃO

A praça é apropriada por grupos organizados para promoção de festas e campeonatos – algumas vezes limitada para os não pertencentes destes grupos, que também “sugerem” o não funcionamento do comércio local.

LOCALIZAÇÃO E VISTA PRAÇA DO CAMPINHO



MAPA KM 49

0 20 50 170

04

Ao realizar da pesquisa cognitiva por meio das observações incorporadas foi percebido no aspecto de localização que a praça devido sua extensão se torna um marco visual e referencial para a população do 49, sendo a principal no bairro Boa Esperança. No que diz respeito ao entorno o predomínio residencial afeta o uso durante o dia, e os pontos comerciais diurnos não afetam diretamente o uso da praça. Durante o dia, ela é mais um lugar de passagem, principalmente pelo desconforto térmico causado pela falta de cobertura (apenas o coreto). Os que se concentram no coreto são em geral, estudantes próximo do horário de meio dia, e pessoas trabalhadores em horário de almoço, para descanso. Mesmo não tendo a praça um entorno predominantemente comercial, ela está ligada a uma rua que concentra o comércio da proximidade (Rua do Carmo), e é a praça mais próxima desta rua. O principal trajeto feito da BR-465 à praça é por ruas com um comércio local de varejo e alimentação (farmácia, mercado, lojas de produtos de decoração, padarias, lanchonetes, e bares). Apesar de ser a praça mais próxima, praticante não foram encontrados funcionários usando-a para descanso durante o almoço. No período da noite o comércio e a instituição religiosa têm um papel importante no uso e ocupação da praça, juntamente ao conforto térmico neste horário e o fato de ser um horário onde os que trabalham durante o dia podem sair para descansar. As entrevistas feitas demonstraram que boa parte dos abordados sente necessidade da praça ser um lugar mais familiar e faz alusão ao perfil jovem de ocupação associado ao poderio paramilitar sobre os eventos que ocorrem na praça. Os mobiliários disponíveis na praça são utilizados ao longo do dia por uma faixa etária predominantemente infanto juvenil, que no período da tarde se concentra no coreto (área sombreada da praça) e no período da noite além da ocupação do coreto, se concentra no mobiliário infantil com bancos no entorno, e próximo aos quiosques. O conforto térmico parece estar diretamente relacionado ao uso e ocupação da praça, de acordo com a localização dos usuários ao longo do dia. A população do entorno se mostrou em geral, bem receptiva, curiosa, e atenta às necessidades que percebe para a praça conforme suas preferências pessoais, fato este que afetou positivamente a entrevista.

O trajeto até a praça foi feito na maior parte das vezes pelas ruas indicadas no Percurso 1 (Seção 4.2.1). O ambiente é bastante empoeirado, fato comentado também por um dos entrevistados. A praça apesar de ser uma referencia para o bairro, não se apresenta bem conservada havendo inclusive lixo concentrado em algumas de suas áreas. Entretanto, uma característica positiva é a boa visão de céu que a extensão da praça e a baixa altura das edificações, seguido da largura das vias, possibilita. O trajeto até a praça feito pelo caminho mais movimentado dá a ela uma sensação de amplitude, vastidão e horizontalidade. Foram vistos poucos veículos em circulação no entorno, tanto durante o dia quanto durante a noite e poucos pedestres e usuários durante o dia. A praça apresenta uma incorporação do ambiente ao redor. Esta percepção talvez se de pela relação do campo de saibro extenso com as ruas também com bastante areia. Não é necessariamente uma unidade positiva, mas constatada. Além disso, a extensão da quadra é proporcional à extensão da praça. O posto de saúde junto à praça apresenta maior movimento nas manhãs de segunda e sexta feira.

Dentro do estudo sobre as possibilidades de mudança na rotina da população e sobre a forma de apropriação dos espaços livres públicos, fica evidenciado pelas entrevistas e questionários aplicados que os motivos de não apropriação podem ser divididos entre:

- Limpeza e manutenção: Além de ser um fato mencionado nas observações incorporadas, as entrevistas e questionários aplicados reforçaram esta percepção de estado de ineficaz manutenção e limpeza da praça pública, chegando a inviabilizar a plena circulação e apropriação da praça; quase todos os respondentes fizeram a mesma crítica sobre a praça. Por conseguinte, os problemas de limpeza corroboram para outros dois motivos apontado em muitos questionários: o mau cheiro e a sensação de abandono quanto e esquecimento ao ver o estado em que se encontra a praça;
- Eventos do poder paramilitar: foi muito citado nas entrevistas o receio com relação aos organizadores dos eventos promovidos na praça. Este foi inclusive um motivo de não participação de entrevistas por diversas pessoas abordadas, tanto moradores, quanto comerciantes. Segundo os respondentes um poder paramilitar organiza os eventos que ocorrem na praça impedindo o consumo de alimentos e bebidas fora dos termos da praça enquanto os eventos acontecem e coibindo os demais pontos comerciais a fecharem;
- Foi observado nas respostas recebidas que muitos dos entrevistados não fazem uso da praça por estarem na região apenas a trabalho. São funcionários de padaria, academia, loja de roupas, etc, que passam o dia no estabelecimento, e dali vão embora da região não tendo ligação vivencial com a praça, apenas a observação cotidiana;
- Ambiente não familiar: o fato de muitos respondentes que já são chefes de família não consideraram a praça um ambiente familiar os leva a não ficar na praça e a não levarem seus filhos. Dentre os motivos para parte dos respondentes não considerar o ambiente familiar estão a venda e consumo de bebidas alcólicas nos quiosques da praça e nos bares do entorno, o som alto a noite, e os eventos já citados acima. Apesar do descontentamento da maior parte dos entrevistados quanto ao ambiente não ser considerado familiar, muitos relataram considerar o ambiente familiar, mas com ressalvas quanto às questões trazidas;
- Desconforto térmico: Durante o dia é o principal motivo de não apropriação da praça segundo os respondentes;
- A não organização de eventos esportivos foi apontada nas entrevistas, citando os respondentes que havia uma organização quanto a isto, mas não permanece hoje.

Os principais motivos e modos de apropriação do praça foram:

- O fato de ser uma área livre: o simples fato de ser uma área livre se mostrou suficiente para uma respondente que não faz uso da praça propriamente dita, mas fica no seu portão sentada de frente para ela. O mesmo modo de apropriação é usado por outros moradores durante o dia;
- Descanso a noite: apesar da oposição ao tópico anterior foi levantado em questionário também a possibilidade da praça ser um local para descansar a noite como um motivo de apropriação da mesma;

- Futebol: a possibilidade de praticar futebol no campo de saibro é um motivo de apropriação da praça;
- Tranquilidade.

Fica também evidenciado a partir dos relatos trazidos que mudanças ocorreriam no caso de uma requalificação dos espaços livres:

- Exercícios físicos: apesar da praça ter mobiliário para exercícios físicos, eles não se encontram em bom estado de conservação;
- Usaria a praça. Muitos respondentes que não fazem uso da praça relataram que passariam a frequentá-la caso passasse pelas mudanças que os mesmos propuseram;
- Levaria a família.

Quanto a influência do perfil socioeconômico nas respostas: assim como na Praça da Câmara quase todos tinham a mesma faixa salarial (0-3 sm), contudo nos questionários a escolaridade influenciou a clareza e completude das respostas, o que não foi problema nas entrevistas semi-estruturadas que fizeram uso das mesmas perguntas do questionário, mas com a possibilidade de esclarecimento no caso de dúvidas e com a possibilidade de fazer a mesma pergunta de formas e ordens diferentes de acordo com o andamento das entrevistas eliminando quase que totalmente qualquer tipo de dúvida de compreensão das questões levantadas.

Foi constatado também na praça Campinho de Areia a influência da morfo-territorialidade sobre os tipos de uso e ocupação dos espaços livres considerando que seu uso sofre influência de fatores como localização, forma e dimensões relacionadas diretamente à estrutura física do entorno, correlacionando a praça com demais tipos de espaços livres da unidade morfo-territorial em que a praça está situada (UP-9). A praça é usada por suas dimensões se relacionarem não apenas com o entorno mas com o bairro Boa Esperança e em especial com a UP-9; o trânsito de veículos viabiliza uma praça com mobiliário infantil sem o risco de induzir crianças a uma situação de risco de atropelamento favorecendo o uso para crianças e adolescentes. A relação de fluxo de pessoas na praça durante o dia é semelhante ou menor ao fluxo de pessoas na UP-9, em que está inserida, talvez por ambos não oferecerem uma boa proteção, com áreas sombreadas durante a circulação nas suas imediações, fato este que relaciona negativamente a praça e seu entorno.

Assim como na Praça da Câmara, as fichas e categorização, observações incorporadas, entrevistas e questionários aplicados na praça Campinho de Areia apresentaram uma população de modo geral aberta, simples, convidativa, que sente necessidade de fazer uso dos espaços livres públicos que lhe são oferecidos, mas que por motivos tratados neste acima, não o faz plenamente.

4.3.3 Praça da Rua Sete

A praça da Rua Sete (Figura 43) está localizada entre as ruas Tharsis e Paula, e João Ana Flaustino Fraga, no bairro Fazenda Caxias. Sua arborização é escassa ficando restringida às árvores nas calçadas do seu entorno. Próximo à praça não há quaisquer equipamentos públicos. A pavimentação da praça apresenta piso podotátil (para cegos), apesar de, de modo geral, os intertravados não estarem em um bom estado de conservação. A noite a praça apresenta uma iluminação defeituosa e insuficiente para iluminar a quadra de saibro, que ocupa quase todo o espaço da praça. Além da quadra há um pergolado de madeira sem vegetação, alguns bancos com mesas de jogos em concreto e um quiosque.

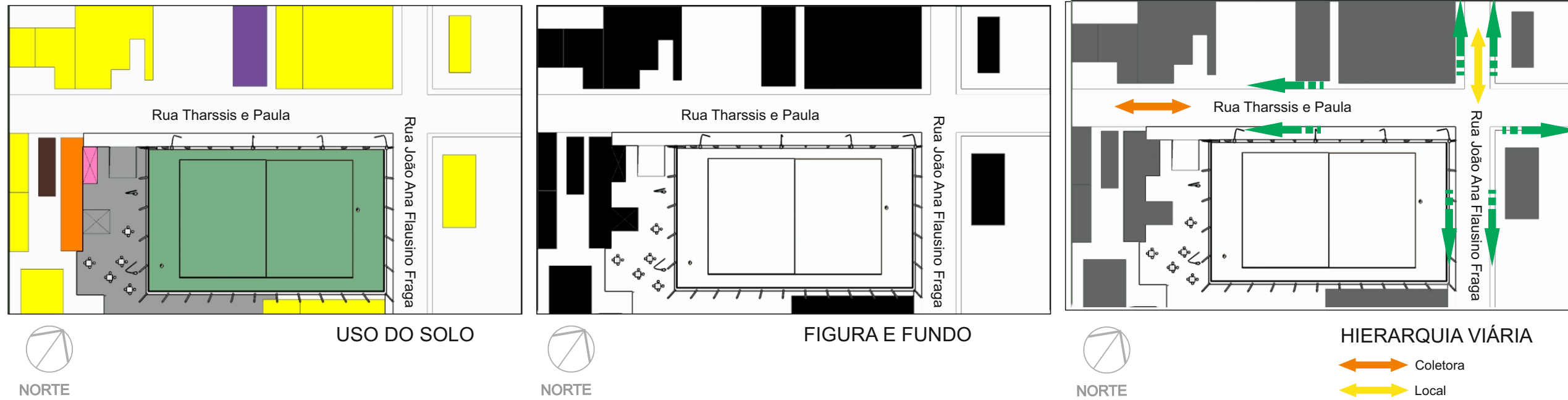
Diferente das demais praças, em que mesmo em situação de receio e medo boa parte dos abordados decidiu falar sobre suas percepções e perspectivas quanto a respectiva praça, nesta os moradores e comerciantes não foram tão abertos ao diálogo. Apesar disto, na primeira observação feita, um grupo específico de moradores se mostrou um dos mais receptivos ao longo de todas as observações incorporadas feitas no 49. Ao verem a minha exposição ao sol sentado no banco da praça sem nenhuma cobertura no horário próximo de meio-dia, me chamaram para assentar-me com eles na calçada em um dos poucos locais com sombra perto da praça. Conversamos, ofereceram água. Eram cerca de 5 homens de faixa etária aparentemente entre 25 e 35 anos de idade.

A praça é a mais distante da BR-465 e a de mais difícil acesso a pé por conta da topografia acidentada em um trajeto da BR-465 até ela. Talvez por estas limitações de acesso não seja tão utilizada durante o dia por estudantes, mas a exposição ao sol durante o dia tampouco possibilita que os próprios moradores façam uso desta praça. Além deste lugar sombreado há outro próximo à praça com cobertura de uma árvore residencial de grande copa que alcança a calçada. Sob sua sombra pode-se assentar durante o dia. Mas foi uma unanimidade por parte de todos os abordados que o período da noite é o de maior apropriação da praça por parte dos moradores. Seja pela manhã ou pela tarde, a praça não apresenta movimentação, ficando esta restrita às duas áreas sombreadas próximas a ela.

Devido a falta de cobertura, o desconforto térmico durante o dia é notório. A relação de dimensão da quadra de saibro com o espaço de estar com bancos se mostra desproporcional.

A má conservação da praça apontado no parágrafo anterior, traz uma sensação de abandono e desinteresse de seu uso efetivo e do aproveitamento do seu potencial como local de congregação, descanso e recreação dos moradores, que nas proximidades não possuem equipamentos públicos para estes fins. As caminhadas feitas próximas à praça dão a sensação dela estar localizada em um ponto de transição entre as características urbanas e rurais próprias do 49. Isto se nota na transição da pavimentação e calçamento das vias e da qualidade e tipo das edificações seguindo a Rua Sete (Rua Tharsis e Paula) um pouco após a praça. No trajeto de acesso à praça é vista esta transição, partindo de prédios residenciais e casas com quintal amplo, muradas e bem conservadas com pavimentação nas vias e calçamentos, até, já um pouco após à praça, casas sem emboço, de um pavimento cercadas com arame e pequenas criações de animais nos quintais. Apesar do desconforto durante o dia por conta da exposição a radiação solar, o entorno é bem ventilado. Em alguns momentos nuvens de poeira tomam o ar.

CATEGORIZAÇÃO DO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES - PRAÇA



FICHA DE CATEGORIZAÇÃO – Sistema de Espaços Livres de Edificações
 DATA: 08/04/2017
 PROJETO: Categorização e Análise tipomorfológica das praças
 EQUIPE: Ludmilla Baldez, Thais Lima, Fernanda Madanelo, Paulo Antonio e Guilhermy Gomes
 UNIDADE MORFOTERRITORIAL: Km 49
 PERCURSO: Rua Tharssis e Paula com Rua João Ana Flausino Fraga
 MUNICÍPIO: Seropédica
 LOCAL: Bairro Fazenda Caxias
 TIPO:
 CARÁTER DE URBANIZAÇÃO – RELACIONADO À PERMANÊNCIA:
 SUBTIPO: Praça
 CARACTERIZAÇÃO:
 Legislação: Plano Diretor de Seropédica
 Situação fundiária: DESCONHECIDA
 Gestão: Pública

ACESSIBILIDADE: ACESSO FÍSICO
 Boa, há rampa para cadeirantes e pavimentação apropriada com piso podotátil,

PRÁTICA SOCIAL/ATIVIDADE: PERMANÊNCIA
 Sem muita prática social. Ocorrem jogos organizados pelos moradores no final da tarde, contando também com a presença de moradores de bairros mais próximos.

ATRIBUTOS PAISAGÍSTICOS: MOBILIÁRIO:
 Presença de mesas de xadrez e pergolado

ILUMINAÇÃO:
 Existente, mas falta manutenção, inviabilizando a permanência em determinados horários.

PAVIMENTAÇÃO:
 A pavimentação do passeio é boa, apropriada e conservada, mas falta manutenção em alguns trechos

VEGETAÇÃO:
 Existente apenas no entorno.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS: APROPRIAÇÃO
 Observou-se ao decorrer das visitas que a população não se apropria do local.

ENTORNO IMEDIATO



- ### LEGENDA
- SISTEMA DE ÁREAS VERDES**
- Prças
 - Campo de Futebol
 - Área Expansão de Praças
- USO E OCUPAÇÃO DO SOLO**
- Residencial Unifamiliar
 - Residencial Multifamiliar
 - Misto
 - Comércio e Serviços
 - Institucional
 - Educacional
 - Saúde
 - Religioso
- FIGURA E FUNDO**
- Figura
 - Fundo

LOCALIZAÇÃO E VISTA PRAÇA - RUA THARSSIS E PAULA



Dentro do estudo sobre as possibilidades de mudança na rotina da população e sobre a forma de apropriação dos espaços livres públicos, fica evidenciado que os motivos de não apropriação podem ser divididos entre:

- Desconforto térmico pela exposição da praça ao sol durante o dia. Por conta deste desconforto os usuários ficam nas áreas cobertas próximas a praça, sem entrar nela;
- Má conservação do mobiliário. Os entrevistados comentaram a falta de manutenção do mobiliário, e dos refletores da praça. Em entrevista foi relatado que os próprios moradores fazem a manutenção para poderem usar o campo de futebol à noite, pois além dos refletores defeituosos, no momento falta uma trave no campo. Os usuários se organizam para juntar o dinheiro necessário para fazer as manutenções;
- Tipo de movimentação a noite (uso e comércio de entorpecentes). Alguns dos entrevistados relataram não fazer uso da praça durante a noite por conta do consumo de drogas que ocorre em paralelo às partidas de futebol e ao fato de ser servido pelo quiosque (chamado na entrevista de botequim) bebidas alcoólicas, onde antes era vendido apenas refrigerante. Sendo este o principal motivo de em entrevista o lugar ser considerado impróprio para se levar os filhos e ficar em família. Pelas mudanças ocorridas na praça ao longo dos anos, um dos entrevistados mostrou seu descontentamento e revelou estar pensando em se mudar depois de viver nas suas imediações por 45 anos (desde os 2 anos de idade);
- Ausência do mobiliário desejado. Outro motivo apontado em entrevista foi a ausência de mobiliário apropriado para crianças em bom estado de conservação. Foi comentado em entrevista que foi levada aos moradores uma proposta de requalificação da praça há cerca de 4 anos, mas que não foi continuada;
- Falta de eventos. A carência de eventos que excedam às partidas de futebol foi um motivo apontado para a não apropriação da praça Rua Sete.

Os principais motivos e modos de apropriação do praça foram:

- Esportivo: Por meio das partidas e campeonatos de futebol organizados, que segundo relatado, recebem moradores do bairro Boa Esperança e de outros bairros vizinhos;
- Poder sentar-se à sombra fora da praça olhando para ela. Assim como na praça do Campinho de Areia, uma forma de se apropriar da praça era estar sentado em área sombreada diante dela, em pequeno grupo ou sozinho. Os entrevistados no entorno da praça estavam em grupo.

Fica também evidenciado a partir dos relatos trazidos que mudanças ocorreriam no caso de uma requalificação dos espaços livres:

- Voltaria a usar a praça levando crianças e família.

Ademais, a pesquisa feita constata também a influência da morfo-territorialidade sobre os tipos de uso e ocupação dos espaços livre, em específico da praça da Rua Sete, a partir das observações e relatos apresentados. Sendo a praça mais distante e de mais difícil acesso é a menos frequentada durante o dia e a com o entorno menor movimentado sendo encontrada por vezes deserta. A ausência de equipamentos públicos próximos e as poucas ofertas comerciais no entorno, afetam o uso e apropriação da praça, além dos motivos já trazidos. O evento esportivo organizado a partir do final da tarde é o impulsionador do uso. O estado de conservação da praça está negativamente em diálogo com o entorno no qual se encontra, ilustrando a unidade morfo-territorial em que está inserida (UP-2). Os fluxos de veículos e pessoas são diretamente proporcionais ao fluxo na praça. Apesar disto, a praça é um espaço livre público com potencial humano e localizacional de se tornar boa referência para a UP-2 e para o bairro Fazenda Caxias.

A ficha de categorização, observações incorporadas e entrevistas e questionários aplicados apresentaram uma população de modo geral menos aberta que as demais abordadas, chegando o responsável pelo quiosque da praça da Rua Sete a se recusar a ser entrevistado e a ter qualquer tipo de conversa sobre a praça. Houve uma dificuldade de abertura dos moradores do entorno para serem entrevistados ou responderem a questionários. Contudo havia também um parcela aberta e convidativa, que demonstrou seu desejo de fazer uso dos espaços livres públicos que lhe são oferecidos, mas que por motivos tratados neste trabalho, não o faz como gostaria. Vale destacar que os motivos de não apropriação da praça por uma parcela dos moradores implica diretamente na apropriação por outra parcela não ficando a praça sem uso durante a noite, mas apenas durante o dia pelos motivos trazidos.

4.3.4 Considerações Parciais 3

A partir da observação e pesquisas feitas sobre as três praças algumas constatações puderam ser feitas como apresentado a seguir.

- Quanto maior a oferta comercial e de alimentação no entorno das praças maior o seu uso e apropriação diurno e noturno. As praças com maior apropriação por parte da população foram respectivamente Praça da Câmara, Praça Campinho de Areia e Praça da Rua Sete;
- Quanto maior a cobertura oferecida durante o dia para proteção contra o sol maior o seu uso e apropriação diurno. As praças com maior área sombreada foram respectivamente Praça da Câmara, Praça Campinho de Areia e Praça da Rua Sete;
- Quanto maior a oferta comercial e de alimentação no entorno das praças maior a variação de origem dos usuários. As praças com maior oferta comercial e maior variação de origem de usuários foram respectivamente Praça da Câmara, Praça Campinho de Areia (havia pessoas que trabalhavam ali mas moravam em outros bairros ou municípios) e Praça da Rua Sete (todos os abordados eram do entorno);

- Quanto maior e mais diversificada a oferta de mobiliários maior a diversificação etária de usuários nas praças, ainda que esta diversidade não tenha se mostrado diretamente proporcional à quantidade de usuários e nem à variação e origem. As praças com maior diversificação etária de usuários foram respectivamente Praça Campinho de Areia (com crianças, jovens, adultos e idosos durante o entardecer), Praça da Câmara (com adultos, jovens e idosos) e Praça da Rua Sete (com adultos e jovens, predominantemente);
- O fluxo, variedade e velocidade de deslocamento de veículos é diretamente proporcional à proximidade à via principal (BR-465). Os maiores índices destas variáveis se deram respectivamente no entorno das Praça da Câmara, Praça Campinho de Areia e Praça da Rua Sete);
- A qualidade (estado de conservação) das praças e a quantidade de usuários se mostrou diretamente proporcional à concentração de comércio no seu entorno. As praças em melhor estado de conservação foram respectivamente Praça da Câmara, Praça do Campinho de Areia, e Praça da Rua Sete;
- As praças com entorno residencial apresentaram alguns tipos de apropriação distintos da praça com entorno comercial (Praça da Câmara). No entorno as primeiras, por exemplo, havia pessoas sentadas nos portões de suas casas voltadas para as praças;
- As praças com entorno residencial se mostraram mais vulneráveis a apropriação por parte do poder paramilitar, sendo o assunto abordado por entrevistados no entorno de ambas as praças, mas não da praça com entorno comercial (Praça da Câmara);
- A oferta cultura e musical nas praças é maior a medida em que esta se localiza mais próxima ou faz parte da via principal. As praças com maior oferta cultura e musical foram respectivamente a Praça da Câmara (com música ao vivo a noite, feira aos domingos, festividades em feriados como no Dia do Trabalhador, dentre outras que reúnem pessoas do entorno e de outros bairros e municípios vizinhos), a Praça do Campinho de Areia (com eventos promovidos pelas formações paramilitares e eventos ligados à partidas de futebol televisionadas às quarta-feiras a noite) e a Praça da Rua Sete (com prática esportiva a partir do final da tarde);
- Quanto mais próximo à via principal maior a abertura para participar do trabalho por meio da aplicação de entrevistas e/o questionários. As praças em que houve maior receptividade foram respectivamente: Praça da Câmara, Praça Campinho de Areia e Praça da Rua Sete.

Reunindo as principais respostas dadas às entrevistas e questionários, temos que os principais motivos de não apropriação das praças do Km-49 foram:

- Desconforto térmico durante o dia;
- Falta de limpeza;
- Falta de segurança;

- Falta de iluminação;
- Falta de manutenção do mobiliário;
- Falta de mobiliário para recreação infantil e para a prática de exercícios físicos;
- Falta de promoção de eventos esportivos e de eventos de outros tipos que congreguem a família.

Os principais motivos e modos de apropriação das praças:

- Localização como motivo (no caso da Praça da Câmara para o município e no caso da Praça do Campinho de Areia para o bairro Boa Esperança);
- Os eventos públicos promovidos. Enquanto uma parte da população não se sente confortável com os eventos que ocorrem por exemplo no Campinho de Areia, outra parcela usufrui deles;
- Local para parar, descansar, e conversar um pouco;
- Serviços no entorno (alimentação, comércio e, no caso da Praça da Câmara, serviços de movimentação financeira);
- Futebol (no caso das praças Campinho de Areia e praça da Rua Sete);
- Tranquilidade.

Principais mudanças que ocorreriam caso as mudanças que sugerem fossem realizadas:

- Levariam a família (crianças) para as praças;
- Praticariam exercícios físicos;
- Frequentariam a praça.

Resumidamente, se as praças fossem consideradas mais seguras, tivessem manutenção e limpeza constantes, mobiliários destinados a atividades diversas e um grupo (que não fosse paramilitar) organizador de seus eventos esportivos, comemorativos e de outro tipo, a praça teria mais usuários - principalmente crianças levadas por seus pais -, e a prática de exercícios físicos seria mais constante.

Tais mudanças afetariam de diversos modos a rotina da população local. Afetariam o comércio (principalmente o informal), afetaria a saúde da população, o consumo doméstico de energia, dentre outros efeitos sobre outros sistemas urbanos demonstrando assim a correlação do sistema de espaços livres públicos com os demais e seu potencial de afetar positivamente a qualidade de vida da população de Seropédica.

A maior parte das demandas são tão fundamentais que, pode-se dizer, equivalem apenas a desejar que a praça funcione com o que já possui, conforme o proposto na sua inauguração. Este tipo de demanda evidência que há necessidade do mínimo no que diz respeito à espaços livres públicos destinados ao lazer quando as áreas

em estudo estão em municípios periféricos; isto também corroboram o que foi trazido neste trabalho sobre a influência da morfo-territorialidade sobre a forma de percepção e apropriação que a respectiva população faz dos seus espaços livres públicos.

Considerando que uma praça inevitavelmente se relaciona com seu entorno, esta relação pode ser dar por dois extremos: tanto por afirmação deste entorno, quanto por negação dele. Sendo assim, uma praça pode ser um ícone de reafirmação dos valores e características ambientais, econômicas e sociais; ou pode ser uma negação a isto, ou seja, um contraponto de destaque que por suas características físico-espaciais, serviços ofertados, possibilidades de uso e ocupação, se diferindo do entorno onde está localizada. Considerando estes dois extremos e as mediações entre eles, a afirmação e a negação se tornam favoráveis ou desfavoráveis à população local em função do contexto em que se vive. Um entorno marcado pela pobreza, por exemplo, com edificações de baixa renda, carências de equipamentos públicos e serviços, e precariedade em infraestrutura, ao possuir uma praça que se relaciona com ela por meio da afirmação, reforça este estado. Contudo, a praça não se relaciona apenas com as características físico-espaciais do entorno, mas também com as expectativas e desejos da população. Neste sentido seria adequado um percentual de afirmação destas expectativas, mas não se sabe até o que ponto, pois as expectativas são geradas a partir do conteúdo léxico de cada morador e potencial usuário da praça. O trabalho demonstrou, por exemplo, que as referências de mudança para a Praça da Câmara e seu entorno foram trazidas em entrevista e questionário, baseadas no que foi visto em Campo Grande e Itaguaí. A questão é se estas referências foram trazidas por serem as únicas ou as melhores dentre as poucas conhecidas, ou se foram selecionadas de um amplo e diversificado espectro de referências, levando em conta as possibilidades econômicas locais.

A praça pode ser entendida aqui não como elemento isolado da realidade do seu entorno, mas como parte orgânica influente sobre o modo de vida usos e costumes, mas ao mesmo tempo influenciada e transformada por aqueles que fazem uso dela.

Foi visto aqui a importância dos espaços livres como pontos de descanso da movimentação (como na BR-465), espaço para descanso não necessariamente nela, mas também no seu entorno (como no caso das outras duas praças), como elemento que ganha sentido e propósito ao servir aos interesses locais, mas ao mesmo tempo capaz de trazer referências e possibilidades não esperadas pelos mesmos.

O interesse da população em fazer parte da vida pública e o fato de não o fazerem por desestímulo, desesperança, ou sensação de abandono é notado no modo como se referem negativamente as praças. A mesma praça que pode trazer à população a sensação de abandono e descaso é a que tem potencial de promover o convívio social agradável e saudável a uma população que paradoxalmente cada vez mais tende ao isolamento em intermediadores artificiais de relacionamentos incompletos. É a mesma praça que pode promover um contato com o outro e com o meio, nos humanizando.

Uma praça em si mesma descontextualizada e bela tem poucos propósitos além do estético-contemplativo. Uma praça contextualizada, com fluxos e usos, mas sem atributos ambientais e estéticos, é incompleta em seu propósito.

Os estudos apresentaram a demanda reprimida do município por espaços livres públicos caracterizados como PRAÇAS, com qualidade, incluindo aí fatores funcionais,

estéticos e socioambientais, além de mostrar que o estado da praça aponta para um quadro político-econômico que contextualiza esta situação municipal de Seropédica.

4.4 Diagnóstico do município de Seropédica a partir do amplo contexto econômico e político das cidades brasileira e dos dados apresentados no trabalho

Buscando identificar, entre os autores estudados, consensos, complementariedades e divergências sobre o contexto político-econômico da região em estudo, e sua relação com as formas de uso e apropriações dos espaços livres de edificações públicas e a composição da paisagem urbana, se intenciona que aqui, ao fim deste trabalho, seja evidenciada a problematização relativa a alguns achados, no sentido de se verificar a importância e relevância dos espaços livres públicos para populações residentes na periferia metropolitana, bem como, que esses achados possam contribuir para políticas públicas de uso e ocupação do solo de modo equitativo e sustentável. Isto será feito levando em conta os dados apresentados até então e o amplo contexto político econômico das cidades brasileiras. Este contexto é então apresentado junto com a situação do município de Seropédica e a pesquisa trazida até este momento do trabalho.

A partir dos anos 1990 o poder do Estado sofreu alterações pelo processo de privatização das estatais para empresas nacionais e principalmente multinacionais. Este processo evidencia definitivamente a transição do modelo desenvolvimentista de governo para o chamado neoliberal, trazendo para o país um novo quadro de hegemonia político-econômica. O quadro teria se mantido ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, com desdobramentos até o presente momento. Apesar dos favoráveis resultados deste processo em relação ao controle inflacionário, houve também impactos desfavoráveis como a intensificação do processo de favelização nas grandes cidades.

Nos anos 1990, o desemprego (decorrente do processo de automação ou da destruição de um parque industrial outrora protegido por barreiras alfandegárias) e a agenda do ajuste estrutural (que limitou o gasto público, reduzindo as possibilidades de distribuição de benefícios) transformaram a geografia da pobreza urbana e da vulnerabilidade social, com impactos profundos na dinâmica de agregação societária do território popular e nas relações reais ou simbólicas que este estabelece com o restante da cidade. (ROLNIK, 2008 *apud* JR; RIBEIRO, 2004).

Houve na escala municipal consequências do remanejamento do poder do Estado e da abertura do mercado nacional de modo a afetar inclusive o município de Seropédica e conseqüentemente o Km-49, que sofreu impactos regionais, ambientais, urbanos, dentre outros, nesse novo modelo de Estado e economia a partir dos anos 1990 (OLIVEIRA, 2016, p. 93).

Desde então o capital privado e especulativo vem influenciando as diretrizes de evolução urbana, oriundo de grandes empresas (ROLNIK, 2008). Neste processo são atraentes às grandes multinacionais mundiais as cidades cuja configuração seja propícia à valorização patrimonial que mais interesse a tais firmas que buscam a transnacionalização produtiva. Rentabilidade e patrimônio arquitetônico-cultural atuam juntos para a revalorização urbana em nome do civismo fazendo uso da cultura (ARANTES, 2000). Arantes, em sua crítica análise sobre o planejamento estratégico, afirma

que para se dar racionalidade ao capital faz-se uso do urbanismo, que trabalha com a maximização do uso de solo e busca transformar o ideário do lucro como senso comum, trabalhando a questão da identidade territorial de modo homogêneo, eliminando ou atenuando o conflito, em nome de um consenso e construindo um plano para a cidade que em última instância favoreça à concentração de renda. Para se trabalhar com a relação entre a percepção da população local, sua rotina e perspectivas, como foi feito neste trabalho, foi importante observar que nesta teoria, o Estado defende os valores da classe que detém maior poder aquisitivo e leva o restante da população a defendê-los como seus (ARANTES, 2000). Nesta interpretação o Estado seria um instrumento de dominação que apoia os trabalhadores contratantes (burguesia), em detrimento dos trabalhadores contratados (assalariados). As ações do Estado seguiriam o interesse do capital, apesar de não ser governado pelos grandes capitalistas, o que daria ao Estado autonomia, separado da sociedade civil, para ter interesses próprios e pensar na necessidade da sociedade de forma global. Em última instância, o Estado salvaguardaria a produção e o lucro. As ações do Estado sobre o município ou quaisquer outras localidades estariam, nesta linha de pensamento, sob a premissa do desenvolvimentismo e do favorecimento do capital especulativo, em detrimento das identidades e territorialidades, idéia corroborada por Oliveira quando afirma que:

Num mundo globalizado em velocidade crescente e onde até mesmo os antigos 'fixos' se tornam 'fluxos' – por meio de empresas cada vez mais nômades num tabuleiro espacial –, a cidade que se apresenta como importante polo logístico é aquela que é vista apenas pelo retrovisor dos grandes caminhões, de maneira rápida e sem criação de quaisquer laços locais. A logística é um álibi territorial, que desarraiga a cidade de seus habitantes e suaviza as densidades socioculturais locais. (OLIVEIRA, 2016, p. 92)

Dentre as principais ações públicas de âmbito federal ou estadual que ao mesmo tempo em que alimentam a economia local, são realizadas de forma predatória, sem necessariamente beneficiar o território ou sua população, podemos citar dentro do caso de Seropédica o Arco Metropolitano, o favorecimento à implantação de indústrias com isenções fiscais e o processo decisório para a localização de Centro de Tratamento de Resíduos sobre o Aquífero de Piranema apesar dos riscos evidentes de contaminação de recursos hídricos. Destes investimentos, pouco se observa quanto às contrapartidas municipais. O território é afetado por políticas econômicas que atuam localmente, mas que não são locais, pois o desenvolvimento econômico não necessariamente se transforma em desenvolvimento social. Outra evidência desta realidade é o afastamento entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e as demandas socioeconômicas de Seropédica.

As cidades são sustentadas pela infraestrutura física. Isto traz consigo um conjunto de elementos necessários para que possam se manter: energia elétrica, esgotamento sanitário, rede de água potável, drenagem, transportes, etc. O funcionamento desses elementos depende de sua continuidade para auxiliar nos aspectos industriais, comerciais e urbanos. O problema é que no subsolo e em periferias, como Seropédica, esta infraestrutura muitas vezes se torna questão social apenas quando entra em colapso, seja com alagamentos pela falta de drenagem adequada, poluição dos corpos hídricos pela falta de saneamento ou por ações extrativas predatórias, destruição da flora ou com a eliminação de mananciais fundamentais ao abastecimento dos reservatórios.

Todos esses problemas infraestruturais são perceptíveis no município de Seropédica como foi demonstrado neste trabalho. Ainda assim,

a cidade de Seropédica, em processo de aumento da carga de poluição [do ar, da água e do solo], de instalação de pavimentação asfáltica, diminuição das áreas verdes e que assiste o advento de outros impactos ambientais frutos do progresso, passa a se intitular 'Cidade Sustentável'. (OLIVEIRA, 2016, p. 99)

Desde o início dos anos 1990, da mesma forma em que os indivíduos passaram a se qualificar para o mercado, as cidades também o fizeram. Algumas cidades passaram a elaborar suas histórias, outras a recuperá-las de forma a torná-las comerciais e turisticamente atrativas. As cidades tornam-se mais atrativas a investimentos através das políticas públicas, que atuam de forma que o capital se interesse em se deslocar para a cidade. Na RMRJ, por exemplo, quase todos os municípios apresentam junto ao seu nome um slogan, como faria uma empresa. No caso, Seropédica torna-se uma "Cidade Sustentável" (OLIVEIRA, 2016).

A disputa entre municípios e estados por capitais é feita neste cenário, por exemplo, por meio de incentivos fiscais. Esta disputa, segundo Vainer (2007), demonstra a necessidade de políticas territoriais na escala federal e uma redefinição das escalas e subescalas nacionais (municipal, estadual, regional) e do modo de relação destas com o capital. Com a diminuição dos recursos provenientes das transferências estatais, por conta das medidas de redução de gastos do governo FHC os municípios efetivamente tiveram seu desenvolvimento atrelado a duas outras fontes, que foram, receita própria e investimentos privados. Um dos possíveis motivos para o êxodo rural em Seropédica é o quadro apontado por Rolnik (2008) sobre a baixa captação que os municípios têm de fontes de receita própria e a grande dependência que acabam por ter das transferências dos governos estaduais e federal para gerirem o governo e implantarem as propostas elaboradas para o desenvolvimento municipal.

A captação de receita dos municípios, invariavelmente baixa, consiste de três fontes: a arrecadação própria por meio de impostos, a transferência de recursos estadual e federal, e investimentos do capital privado em forma de parcerias. Quanto à baixa captação de receita própria dos municípios ao analisar a arrecadação própria dos municípios, Rolnik (2008) observa ser uma receita composta principalmente pelo elemento urbano, na medida em que as fontes tais como IPTU, INSS, ITBI, IVV são eminentemente urbanas, ou seja, "são diretamente proporcionais ao dinamismo das atividades imobiliárias e comerciais dos centros urbanos" (ROLNIK, 2008). O aumento de receita própria é diretamente proporcional à expansão do urbano. Nesse sentido, mais de 80% da população de Seropédica vive em áreas consideradas urbanas ou em processo de urbanização (IBGE, 2010). Um município é conjunturalmente suscetível à dependência do setor privado, uma vez que recebe menos transferências por parte dos governos estadual e federal (ROLNIK, 2008). Este, por exemplo, é um dos motivos para a elaboração do Plano Diretor Municipal (2006), já que sua apresentação é um pré-requisito para se participar de muitos programas do governo federal e receber transferência de recursos para obras de desenvolvimento urbano.

O plano de desenvolvimento dos municípios é parte do plano de expansão do setor privado, das empresas, das indústrias, principalmente multinacionais. Então, todo recorte, forma de zoneamento e planejamento dos municípios e legislação, tende a ser

estrategicamente elaborado para aumentar a receptividade e captação de investimentos privados, sendo este, então, um elemento relevante ao se analisar a formação da paisagem do Km-49. Aliado a isto, existe a questão fiscal, que no caso de Seropédica se expressa na Lei Municipal n.º 106³. É imperativo atrair investimentos para os municípios, e se trata de um modelo de crescimento desenvolvido sobre a disputa entre municípios por investimentos industriais.

A expansão urbana em municípios e áreas periféricas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é hoje uma realidade inexorável, em função dos grandes investimentos infraestruturais e industriais que vêm sendo implantados, tais como o Arco Metropolitano, a expansão do Porto de Itaguaí e o Complexo Petroquímico em Itaguaí (COMPERJ) (OLIVEIRA *et al.*, 2012). Como consequência, desencadeiam-se outros processos econômicos que atraem, pela geração de empregos e pelas oportunidades criadas, um novo contingente populacional e outros investimentos correlatos. (ALCANTARA; SCHUELER, 2015, p. 452)

Entretanto estes investimentos são relacionados à interesses globais de crescimento econômico que não tratam dos aspectos relativos ao bem estar social ou ambiental.

Tais investimentos vêm sendo implementados a reboque do eixo rodoviário logístico, que com o Polo Portuário de Itaguaí, configuram catalisadores do desenvolvimento industrial, retroportuário e imobiliário em toda a região perimetropolitana fluminense. (ALCANTARA, 2014, s/n)

Ao longo e nas proximidades do eixo viário estruturador do município, já são aparentes no Km-49 as deficiências e conflitos de uma cidade mal planejada e gerida. Como dito no trabalho, não foi encontrada uma unidade formal na estrutura viária e nos espaços livres da principal via e de suas auxiliares. Nas áreas mais distantes da BR-465 são ainda mais precários e praticamente inexistentes os serviços e infraestrutura urbana como foi apresentado na descrição das unidades morfo-territórias que compõem o recorte, nos percursos experienciais realizados e no estudo sobre três praças públicas da região, seus respectivos entornos e as questões levantadas pelos respondentes em entrevistas e questionários aplicados.

No que diz respeito a políticas públicas, o Estado, por muitas vezes e por questões eleitoreiras, deixa para agir quando um problema se torna uma questão social. Sendo assim, se faz necessário que a sociedade primeiramente perceba as desigualdades presentes na formação da região, para que possa apresentar suas queixas ao Estado e este não se omita, devendo então definir que tipo de política pública será desenvolvida para a região, seja ela uma ação efetiva ou ausência de ação. Ao fazer uso do termo 'política pública' ela engloba tanto a decisão de agir quanto a de não agir por parte do governo a partir do momento que este tem ciência da situação, pois a não ação também é uma política pública. A região do Km-49 apresenta diversos problemas urbanos trazidos neste trabalho, que quando identificados como uma questão social, demandam a elaboração de políticas públicas. Mesmo sendo reconhecidos pela sociedade e pelo Estado ainda que ele decida não agir, pois o

³ Câmara Municipal de Seropédica (2000)

encaminhamento de uma solução, nem sempre se desdobrará em uma ação. Neste sentido, trabalhar buscando a percepção da população local se mostrou relevante na medida em que leva o respondente a se expressar sobre as situações que observa no seu cotidiano, sejam estas percepções negativas ou positivas de sua realidade sócio-ambiental. Sendo expressar-se o primeiro passo para se chegar à produção de uma demanda por mudanças das realidades apresentadas.

Aproveitar a oportunidade das entrevistas a moradores para chamar atenção às demandas que o estudo da paisagem apontam se tornou, neste contexto, relevante. Pode-se observar no Km-49 que os planejamentos estratégicos são feitos para garantir a reprodução e concentração do capital, apesar da aparente democracia explicitada, por exemplo, na criação do Plano Diretor Municipal adjetivado como “Participativo”. Isto se torna mais um motivo para se estudar a percepção que a população de municípios periféricos tem do meio em que vive e se consegue identificar este e outros processos que afetam seu cotidiano, tais como a gestão municipal, que tem apresentado, em geral, características de gestão empresarial. Algumas das ações realizadas nem sempre são pensadas diretamente para uma localidade, mas para um recorte territorial maior que acaba por incluir a localidade. Este pode ser o caso, por exemplo, dos condomínios habitacionais financiados pelo Programa Minha Casa Minha Vida (ALCANTARA *et al.*, 2015), localizado próximo à Floresta Nacional Mário Xavier (FLONA), único fragmento de cobertura florestal do município, no Km-52, que evidencia uma política nacional que tem uma ação naquela localidade. Deste exemplo, pode-se ainda dizer que os danos causados ao rio que atravessa o conjunto são resultado da falta de tratamento do esgoto liberado sobre o córrego e também evidenciam um tipo de política pública. Neste caso, o Programa Minha Casa Minha Vida é um programa que usa o território sensível ambientalmente, junto à FLONA, para a reprodução da segregação espacial e da guetificação (ROLNIK; NAKANO, 2009).

O Arco Metropolitano como exemplo de política nacional não se trata de uma intervenção pensada para beneficiar o município exclusivamente, mas sim para benefício de todo o Estado, ao conectar dois pólos logístico-industriais economicamente importantes. Entretanto, sua entrada em operação atingiu e influenciou o crescimento de todo o município e vem provocando sensíveis transformações no núcleo urbano do Km-49. O que se percebe é uma ausência da ação do Estado nessa região por meio de políticas públicas que sejam pensadas localmente, ainda que a propaganda institucional seja aparentemente voltada para ações locais (OLIVEIRA, 2016).

A partir destes dados pode-se dizer que localmente Seropédica vem sofrendo os impactos da exploração advinda dos interesses globais da RMRJ, principalmente no que diz respeito ao tratamento de resíduos e para a extração de areia para suprir a demanda da construção civil. Seu perfil econômico vem sendo usado para suprir as necessidades do mercado, sem se ater aos impactos socioambientais. Teve historicamente suas riquezas naturais exploradas com fins extrativistas e agrícolas. É economicamente vulnerável às mudanças de seu entorno (contando, por exemplo com o Porto de Itaguaí e os relativos investimentos para o crescimento urbano esperado). Tem passado por um processo de especulação no setor imobiliário, que adapta e reconfigura seu tecido urbano e tipos de uso e ocupação do solo, com a proliferação de clubes-condomínios para atender as novas demandas de moradia de populações exógenas (OLIVEIRA, 2016); seu zoneamento e planejamento tende a ser estrategicamente elaborado para aumentar a receptividade e captação de investimentos privados, especialmente os

industriais. A deficiência em implantação de projetos transescalares tornam o município cada vez mais dependente do mercado, passando então a se desenvolver na direção de suprir às demandas exteriores que divergem das demandas sociais públicas municipais e de suas subescalas apresentadas neste trabalho.

Espera-se que o trabalho possa se agregar à discussão sobre o desenvolvimento urbano e periurbano de Seropédica, que reflete a realidade socioambiental de municípios vizinhos que têm passado por processos similares. Que esta breve contribuição seja ainda profícua no sentido de se reverter a expansão urbana nos moldes em que hoje ocorre em diversos municípios da RMRJ, e que direcione a um planejamento equilibrado e socialmente justo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as considerações feitas na introdução deste trabalho afim de compará-las com os resultados obtidos, pode-se dizer que os objetivos traçados foram alcançados, a hipótese foi atestada e houveram descobertas no seu desenvolvimento que trouxeram papéis dos espaços livres de edificação que não seriam inicialmente abordados.

O objetivo geral consistia em estudar as relações entre as configurações morfo-territoriais, os espaços livres de edificação nelas contidos, e a influência desta relação sobre a percepção que a população local possui destes espaços livres, bem como suas expectativas e sobre os mesmos e modos de apropriação destes. As variáveis deste objetivo foram trazidas e estudadas, e foi observada variação e influência da morfo-territorialidade sobre as respostas obtidas dos respondentes como demonstrado ao fim do Capítulo 4 (Seções 4.3.4 e 4.4).

Os objetivos específicos consistiam em:

- Revisar os principais conceitos a serem utilizados no trabalho (território, paisagem, unidade morfo-territorial e espaços livres) com base em fontes bibliográficas primárias e secundárias;

Este objetivo foi alcançado no Capítulo 1. E se mostrou importante, por exemplo, para a compreensão dos conflitos territoriais presentes no processo de uso e apropriação das praças públicas estudadas. A exemplo disto, Haesbaert (2014) relaciona a dominação da terra por parte do poder hegemônico e a criação do medo que impede que seja retomada pelos grupos contra-hegemônicos. Tal relação e sentimento de medo foi vista no trabalho, sendo inclusive motivo para que alguns dos abordados decidissem não ser entrevistados.

- Caracterizar o objeto de estudo nas diversas escalas espaciais, macro, meso e micro, em seus aspectos socioeconômicos, histórico-evolutivos (história, evolução e configuração do tecido urbano, etc.), morfológicos e geobiofísicos;

Este objetivo foi alcançado no Capítulo 3 deste trabalho e foi importante para uma adequada contextualização do recorte em estudo e das dinâmicas que imperam neste. Sem este tipo de levantamento não seria possível a compreensão dos motivos históricos de conflitos atuais, e da atual configuração espacial do recorte; tampouco seria possível saber a origem dos processos construtivos tão citados e que afetam o modo de vida da população, e nem mesmo os motivos de problemas ambientais presentes em Seropédica e, mais precisamente, no Km-49 como as enchentes. O estudo serviu de base para o mapeamento das distintas características sócio espaciais que compõem o recorte.

- Mapear, classificar e analisar as unidades morfo-territórias do Km-49 identificando, caracterizando e categorizando os espaços livres públicos configurados por praças, parques, quadras, estacionamentos, terrenos baldios, etc;

Este objetivo foi alcançado no Capítulo 4 por meio de um processo que começou com o mapeamento das unidades morfo-territoriais do Km-49, seguido das descrição

dos percursos feitos no mesmo recorte e o levantamento das praças e demais espaços livres de edificação, sendo feito em seguida, no mesmo capítulo, o estudo mais acurado sobre três praças públicas. O mapeamento demonstrou uma relação entre os diferentes tipos de espaços livres de edificação, sua concentração espacial e a qualidade de vida e infra estrutura presentes junto a diferentes concentrações de espaços livres. Ficou visto que as áreas com maior concentração de praças públicas (ainda que em estado de conservação em sua maioria regular ou ruim) são também as com maior oferta de serviços comerciais e de infraestrutura, correspondendo esta área à UP-9. Em contra-ponto as áreas com maior quantidade de espaços livres classificados como lotes não ocupados ou quintais amplos são também as áreas com menor acesso a serviços de infraestrutura e comércio correspondendo estas áreas às UPs-3 e 5.

- Realizar pesquisa cognitiva com entrevistas a pessoas que usam e se apropriam dos espaços livres públicos;

Este objetivo foi alcançado no Capítulo 4 e foi importante alcançar o objetivo seguinte. A aplicação das entrevistas como recurso metodológico gerou informações que não eram esperadas para o trabalho e auxiliou no processo de interpretação das dinâmicas territoriais do Km-49, fornecendo dados históricos, horários de funcionamento de estabelecimentos públicos junto a praças, dados informais sobre os nomes populares das ruas e praças do recorte, etc.

- Apreender a percepção do usuário da paisagem urbana, suas expectativas quanto aos espaços livres de edificação e possíveis mudanças em sua rotina em um cenário que considerem ideal;

Este objetivo foi alcançado no Capítulo 4. Apreender a percepção do usuário por meio de diferentes instrumentos é importante para que sejam feitas propostas de intervenção nos espaços livres que sejam eficazes. As expectativas coletadas demonstraram que as referências que os entrevistados possuem para praças melhores são outras praças de localidades próximas, o que deixa claro que as expectativas se relacionam com o conteúdo léxico do usuário e conseqüentemente com a quantidade de referências que este possui e abre a possibilidade de estudos comparativos sobre a relação entre expectativas de melhoria de espaços livres públicos, grau de informação do público alvo, e o papel do paisagista, do arquiteto e do urbanista, pois até que ponto eles devem dar ouvidos às demandas feitas pelos seus ouvintes ao propôr intervenções em espaços livres em meio urbano?

- Analisar comparativamente as possíveis relações espaciais entre as unidades morfo-territoriais, a relevância atual dos espaços livres nas suas respectivas configurações e as respostas coletadas nas entrevistas, além de demonstrar a importância da manutenção e gestão dos espaços livres públicos como política pública;

Este objetivo foi alcançado no Capítulo 4 e atestou a hipótese feita nas Introdução do trabalho.

A hipótese de que a percepção e apropriação que a população faz da paisagem urbana e de seu sistema de espaços livres, bem como o modo com que este faz parte

de sua rotina, apresentam uma relação direta com as características morfológicas, territoriais e com o perfil socioeconômico predominante do recorte em que se insere foi mostrada como verdadeira nas considerações do Capítulo 4 ao se verificar que a requalificação dos espaços livres públicos estudados faria com que houvesse mudança na rotina da população de seu entorno e que as praças e sua configuração ou estado se relaciona diretamente com as características dos demais espaços livres de edificação nas unidades morfo-territórias em que cada uma estava localizada.

Além do que estava proposto no trabalho, os relatos obtidos por meio da aplicação das observações incorporadas, entrevistas e questionários também geraram informações que mostram a as praças públicas como uma área que ilustra qual o poder vigente sobre a população do seu entorno. O domínio paramilitar sobre eventos na praça Campinho de Areia, a forma como os entrevistados se sentiam receosos de falar sobre a praça, o modo como alguns relataram em entrevista se sentir abandonados pelo poder público ao ver o estado de conservação da praça Campinho de Areia, todos estes fatores demonstraram a importância dos espaços livres públicos em municípios periféricos, como é o caso de Seropédica, e demonstraram ainda como o estado de conservação das praças públicas foi considerado pelos seus usuários e moradores e comerciantes do entorno como uma evidência do sentimento coletivo de descaso para com o bem estar da população.

Sobre o processo de amadurecimento do tema trabalhado ao longo do curso de mestrado, pode-se dizer que foi fundamental a contribuição das disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-graduação. Ao longo de cada disciplina cursada a proposta de pesquisa trazida no Pré-projeto foi remodelada e novas possibilidades de estudo foram sendo descobertas e incorporadas. Este não é considerado pelo autor um trabalho em seu estado mais maduro ou explorado ao máximo em seu potencial tendo em vista que foram observados campos ainda não explorados. As orientações e a recomendação, ainda no início do curso, de Seropédica ser o local trazido como estudo de caso foi muito importante e definidor do caráter social presente neste trabalho além de se poder contar com o material já produzido pelo grupo GEDUR. O fato deste aconselhamento haver se dado logo no início do curso possibilitou que os trabalhos solicitados por cada disciplina do Programa fossem adaptados à este recorte já preconcebido, o que ao fim do primeiro ano do curso formou um conjunto consistente de dados e levantamentos que corresponderam a cerca de metade do trabalho realizado, correspondendo a quase todo o Capítulo 3, uma parte do Capítulo 1 (a conceituação de território na Seção 1.2), fragmentos do Capítulo 4 (estudo inicial da definição das unidades-morfoterritoriais) e a estruturação inicial do Projeto antes de sua primeira avaliação.

Considera-se ainda que o trabalho oferece principalmente três possibilidades temáticas de estudo e três possibilidade metodológica que se descam.

A primeira abordagem de estudo é o estudo da praças públicas de municípios periféricos e perimetropolitanos como campo de disputa de poder político econômico. Algo que foi descoberto ao longo do trabalho e que pode ainda ser explorado.

A segunda abordagem de estudo seria um estudo quantitativo de como a requalificação dos espaços livres de edificação pode, ao influenciar a rotina da população, afetar positivamente outros sistemas urbanos como os de saúde, transportes, comércio, ensino, energia, etc. validando quantitativamente a requalificação de praças públicas.

A terceira, já trazida nestas considerações, é o papel do paisagista, do arquiteto

e do urbanista em intervenções em espaços livres públicos em meio urbano periférico diante das demandas levantadas pelo que serão os seus usuários, tendo em vista que estas demandas e as referências que eles trazem são relativas ao meio em que vivem e ao conteúdo léxico que possuem.

Como possibilidade metodológica se considera importante a exploração do recurso da Realidade Aumentada para a ampliação das possibilidades de visualização e melhor compreensão dos estudos de áreas que trabalhem a questão da percepção cognitiva em meio urbano. A Realidade Aumentada é um recurso ainda pouco explorado para estes fins no meio acadêmico. O aplicativo utilizado, Aurasma, permite também a geolocalização das imagens de modo que ao visitar determinado local haja acesso ao conjunto de informações que se queira fornecer pela leitura digital da paisagem enquadrada. Há também a possibilidade de visualização de edificações e animações em três dimensões construídas digitalmente, dentre outros recursos que este e outros softwares apresentam.

Para gestão de espaços livres de edificação em meio urbano, a Ficha de Categorização pode ser uma ferramenta de sistematização da coleta, armazenamento e fornecimento público de informações que, com os demais instrumentos aqui aplicados, permite intervenções mais eficazes sobre os espaços livres em meio urbano.

A Observação Incorporada como recurso gerador de informações cognitivas possibilitou uma adequada apreensão das demandas e expectativas locais e do perfil da população e dos usuários das praças públicas e de todo o Km-49. Sem este recurso não seria possível a coleta de dados informais que se manifestam apenas no vínculo e no contato pessoal feito ao longo de caminhadas à deriva, paradas aleatórias e conversas espontâneas, não programadas ou sequer buscadas, que mostram a disposição e receptividade do povo de Seropédica.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, D. de. *Projeto Desempenho urbano e construção do lugar: avaliação da qualidade ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro*. 2002. Dissertação (PROARQ) — FAU-UFRJ, Rio de Janeiro.

ALCANTARA, D. de. *Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego*. 2008. 288 p. Tese (PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura) — FAU-UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://prolugar.fau.ufrj.br/assets/tese_denise_alcantara.pdf>.

ALCANTARA, D. de. Sobre as águas do Piranema: potencialidades e fragilidades na ocupação de um território em transformação. In: III APPURBANA, SEMINÁRIO SOBRE O TRATAMENTO DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE EM MEIO URBANO E RESTRIÇÕES AMBIENTAIS AO PARCELAMENTO DO SOLO., III., 2014. [S.I.], 2014.

ALCANTARA, D. de. Conflitos Socioambientais e o Periurbano em Seropédica na Baixada de Sepetiba: nós nas redes, redes sem nós. *Recôncavo Revista de História da UNIABEU*, v. 6, p. 28 – 48, 2016.

ALCANTARA, D. de *et al.* Olhar Compartilhado e Qualidade Do Lugar: Experiência participativa por melhores condições de habitabilidade em empreendimento MCMV na região perimetropolitana fluminense. In: CIHEL – CONGRESSO INTERNACIONAL DE HABITAÇÃO NO ESPAÇO LUSÓFONO. HABITAÇÃO: URBANISMO, CULTURA E ECOLOGIA DOS LUGARES., 2015, São Paulo. *CIHEL – Congresso Internacional de Habitação no Espaço Lusófono*. São Paulo: FAUUSP, 2015. (CD-ROM).

ALCANTARA, D. de; SANTOS JUNIOR, P. A. dos. Crescimento Populacional e Econômico na Região Perimetropolitana: cenários especulativos e (des)equilíbrio socioambiental na Baixada de Sepetiba. In: *AEAULP – A língua que habitamos*. FAU-UFMG. Belo Horizonte: [s.n.], 2017.

ALCANTARA, D. de; SCHUELER, A. S. de. Gestão das águas e sustentabilidade: desafios globais e respostas locais a partir do caso de Seropédica, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Cadernos Metrópole*, v. 17, n. 33, p. 109 – 126, Maio 2015. ISSN 2236-9996.

ARANTES, O. Uma Estratégia Fatal: A Cultura nas Novas Gestões Urbanas. In: _____. *A Cidade do Pensamento Único*. [S.I.]: Petrópolis, 2000. ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia.

AZUMA, R. A Survey of Augmented Reality, In Presence: Teleoperators and Virtual Environments. v. 6, n. 4, p. 355 – 385, Agosto 1997. Disponível em: <<https://www.cs.unc.edu/~azuma/ARpresence.pdf>>.

AZUMA, R. *et al.* Recent Advances in Augmented Reality. Nov/Dez 2001. Disponível em: <<http://www.cs.unc.edu/~azuma/cga2001.pdf>>.

BRANDÃO, C. O Processo de Subdesenvolvimento, as Desigualdades Espaciais e o “Jogo das Escalas”. In: _____. *Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (Org.)*. Salvador: SEI, 2004. p. 9 – 37.

CÂMARA MUNICIPAL DE SEROPÉDICA. Lei Municipal n.º 106. Seropédica, Abril 2000. Disponível em: <http://seropedica.rj.gov.br/sistema_leis/admin/uploads_pdf/lei-106-2000.pdf>.

COMISSÃO DE ASSUNTOS MUNICIPAIS E DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Lei 2446/95 | Lei nº 2446, de 12 de outubro de 1995. Outubro 1995. Disponível em: <<https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/144497/lei-2446-95>>.

COSTA, O. B. da *et al.* Uso do solo e fragmentação da paisagem no município de Seropédica – RJ. In: ANAIS, 2013, Foz do Iguaçu. *XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR*. Foz do Iguaçu: INPE, 2013. p. 6339 – 6346. Disponível em: <<http://www.dsr.inpe.br/sbsr2013/files/p1136.pdf>>.

GALVÃO, M. A.; ZORZAL, E. R. Aplicações Móveis com Realidade Aumentada para Potencializar Livros. *CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação*, São Paulo, v. 10, n. 1, Julho 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/30813/19199>>.

GASPARINI, K. A. C. *et al.* Técnicas de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto Aplicadas na Identificação de Conflitos do Uso da Terra em Seropédica-RJ. *Floresta e Ambiente*, v. 3, n. 20, p. 296 – 306, Jul/Set. 2013. ISSN 1415-0980. Disponível em: <<http://floram.org/articles/view/id/52375ce95ce02a5951000008>>.

GEDUR. *I Oficina Participativa de Construção de Cenários Prospectivos: crescimento versus desenvolvimento sustentável na Baixada de Sepetiba*. . Seropédica, 2015.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade em questão. In: _____. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2014. p. 53 – 84.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rj/seropedica/panorama>>.

JR, O. S.; RIBEIRO, L. C. de Q. Democracia e Segregação urbana: reflexões sobre a relação entre cidade e cidadania na sociedade brasileira. *Revista EURE*, Santiago, XXIX, n. 88, p. 79 – 95, Dezembro 2004.

KIRNER, C.; KIRNER, T. G. Evolução e Tendências da Realidade Virtual e da Realidade Aumentada. In: SYMPOSIUM ON VIRTUAL REALITY AND AUGMENTED REALITY - REALIDADE VIRTUAL E AUMENTADA: APLICAÇÕES E TENDÊNCIAS., 13., 2011, Uberlândia. Uberlândia: Sbc - Sociedade Brasileira de Computação, 2011. v. 1, p. 10 – 25. Disponível em: <http://de.ufpb.br/~labteve/publi/2011_svrps.pdf>.

LAKATO, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEFEBVRE, H. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos., 1974.

MACEDO, S. S. *et al.* Sistema de espaços livres privados – o outro lado do sistema de espaços livres urbanos: reflexões preliminares. In: _____. *Sistema de espaços livres: conceitos, conflitos e paisagens*. São Paulo: FAUUSP, 2011. p. 33 – 54. CAMPOS, Ana Célia de Arruda; QUEIROGA, Eugenio Fernandes; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena; AKEMINE, Rogério; MACEDO, Silvio Soares; CUSTÓDIO, Vanderli (org).

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Projeto orla: fundamentos para gestão integrada. MMA/SQA, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/orla/_arquivos/11_04122008111238.pdf>.

MONTEIRO, M. A. M. *O Programa Minha Casa Minha Vida: o processo de desterritorialização de Acari a Cosmos e Rebatimentos na apropriação e Pertencimento dos beneficiários*. 2015. Dissertação (PPGDT) — UFRRJ, Seropédica.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. F. *et al.* Análise da Precipitação e sua Relação com Sistemas Meteorológicos em Seropédica, Rio de Janeiro. *Floresta e Ambiente*, v. 2, n. 21, p. 140 – 149, Abr/Jun 2014. ISSN 1415-0980. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/floram.2014.030>>.

OLIVEIRA, L. “Seropédica Sustentável”: Transformações Ecológico-Econômico-Espaciais Recentes em um Lacônico Julgamento. *Recôncavo-Revista de História da UNIABEU*, UNIABEU, v. 6, n. 11, 2016. Disponível em: <<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/2562/pdf>>. Acesso em: 17/04/2017.

OREIRO, J. L. C.; PAULA, L. F. O novo-desenvolvimentismo e a agenda de reformas macroeconômicas para o crescimento sustentado com estabilidade de preços e equidade social. In: _____. *Macroeconomia do Desenvolvimento: ensaios sobre restrição externa, financiamento e política macroeconômica*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012. v. 1, p. 59 – 93. José Luis Oreiro; Luiz Fernando de Paula; Flavio Basilio. (Org.).

PREFEITURA MUNICIPAL DE SEROPÉDICA. Plano Diretor Participativo do Município de Seropédica, Lei 328/06. Seropédica, Setembro 2006.

QUEIROGA, E. F.; BENFATTI, D. M. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. *Paisagem Ambiente: ensaios*, São Paulo, n. 24, p. 81 – 88, 2007.

QUEIROGA, E. F. *et al.* Notas gerais sobre os sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras. In: _____. *CAMPOS, Ana Célia de Arruda; QUEIROGA, Eugenio Fernandes; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena; AKEMINE, Rogério; MACEDO, Silvio Soares; CUSTÓDIO, Vanderli (org). Sistema de espaços livres: conceitos, conflitos e paisagens*. São Paulo: FAUUSP, 2011. p. 11 – 20.

REIS, J. Uma Epistemologia do Território. v. 1, n. 13, p. 51 – 74, Abril 2005.

RHEINGANTZ, P. A. *et al.* *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Coleção PRO-ARQ/FAU/UFRJ, 2009. (III). ISBN 978-85-88341-17-3. Disponível em: <www.fau.ufrj.br/prologar>.

ROLNIK, R. Pactuar o território: desafio para a gestão de nossas cidades. In: _____. *Política local e as eleições de 2008*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2008. v. 1, p. 61 – 69.

ROLNIK, R.; NAKANO, K. As armadilhas do pacote habitacional. *Le Monde Diplomatique Brasil*, Março 2009. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/as-armadilhas-do-pacote-habitacional/>>.

SAMPAIO, M. A. *et al.* Análise tipo-morfológica da paisagem e do sistema de espaços livres de edificação na cidade do Rio de Janeiro. In: _____. *Sistema de Espaços Livres: o cotidiano, apropriações e ausências*. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ, 2014. p. 206 – 225. TÂNGARI, Vera Regina; ANDRADE, Rubens de; SCHLEE, Mônica Bahia (Org.).

SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, V. P. *Avaliação de impactos sócio ambientais na Bacia Hidrográfica do Valão dos Bois em Seropédica-RJ*. 2016. Dissertação (PPGDT) — UFRRJ, Seropédica.

SCHLEE, M. B. *et al.* Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – Um Debate conceitual. *Paisagem e Ambiente – Ensaios*, FAUUSP, São Paulo, n. 25, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77358/81206>>.

SILVA, J. M. P. *et al.* Aplicação do conceito de Unidade Morfo-territorial na escalas metropolitana, intraurbana e local. *Revista de Morfologia Urbana* 3(2), p. 105 – 120, 2015. ISSN 2182-7214.

TÂNGARI, V. *et al.* Morfologia Urbana, Suporte Geobiofísico e o Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro-RJ. In: _____. *Quadro do Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras*. São Paulo: FAUUSP, 2012. Ana Cecília A. Campos et al (orgs).

TÂNGARI, V. *et al.* O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro: Integração e fragmentação da paisagem metropolitana e dos sistemas de espaços livres de edificação. PROARQ/FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

TARDIN, R. *Espaços livres: sistema e projeto territorial*. Sobre a ordenação do território a partir dos espaços livres. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

VAINER, C. B. Planejamento Territorial e Projeto Nacional. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR)*, v. 9, p. 9 – 23, 2007.

VIANNA, M. A. *A Agricultura Familiar em Seropédica, RJ: Gestão Social, Participação e Articulação dos Atores do Polo de Conhecimento Local em Agropecuária*. 2017. Tese (PPGCTIA) — UFRRJ, Seropédica.

VIEGAS, R. N. *Desigualdade Ambiental e “Zonas de Sacrifício”*. 2015. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000392.pdf>>. Acesso em: 30/04/2015.

ZEISEL, J. *Inquiry by Design*. Monterey: Brooks/Cole Publishing Company, 1981.

Apêndices

APÊNDICE A - REALIDADE AUMENTADA - APLICATIVO AURASMA

A realidade aumentada consiste na visualização de objetos virtuais em ambiente real e em interação em tempo real por intermediação de um dispositivo tecnológico, que no caso deste trabalho é o dispositivo móvel com software instalado. Podem ser disponibilizadas informações por meio de imagens, vídeos, sons e objetos e animações virtuais construídos tridimensionalmente (AZUMA, 1997; AZUMA *et al.*, 2001; KIRNER; KIRNER, 2011).

Segundo Galvão e Zorzal (2012, p. 2),

por meio desta tecnologia é possível estimular e aumentar a capacidade de transmissão de informações de um livro, de forma a melhorar a percepção do leitor sobre o tema proposto, trazendo informações para o espaço real com a utilização de marcadores de papel impressos no livro e um dispositivo móvel com um software instalado.

Dentre os softwares de Realidade Aumentada disponíveis para uso em aparelhos móveis foi selecionado o Aurasma, da HP Autonomy.

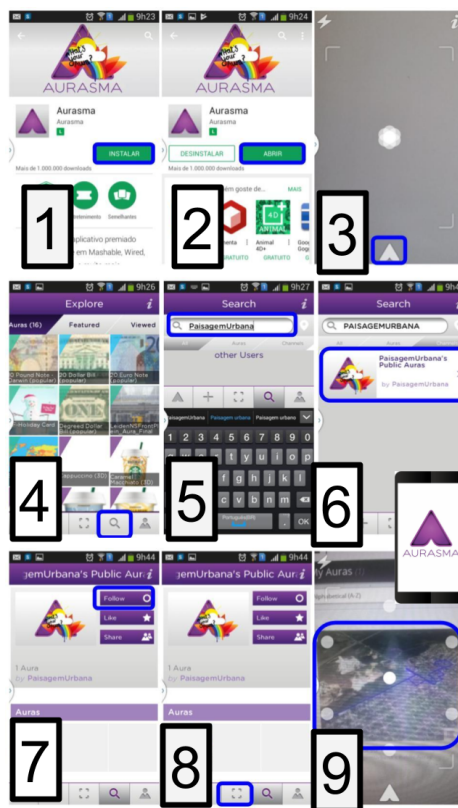
O aplicativo permite que o acesso à mídia relativa aos percurso experienciais (Seção 4.2) não implique em uma necessária saída do ambiente textual, mas apenas o amplia, resignifica, e em seguida faz retornar a ele. O software foi escolhido pela facilidade de acesso e criação, e por ser gratuito tanto para criação quanto para compartilhamento de dados. Além disto é acessível, podendo ser utilizado em smartphones com sistema operacional Android (a partir da versão 4.4) e IOS (a partir da versão 7.0).

Para acesso ao conteúdo disponível em realidade aumentada neste trabalho é necessário que o aparelho esteja conectado à internet e que seja seguido o passo-a-passo abaixo (Figura 44):

- 1) Baixar e instalar o aplicativo Aurasma no smartphone pela PlayStore ou AppleStore;
- 2) Abrir o aplicativo e acompanhar o tutorial;
- 3) Acessar o ícone na parte inferior da tela , ao centro;
- 4) Clicar no ícone em forma de lupa (Buscar Canal);
- 5) Buscar o canal “PaisagemUrbana”;
- 6) Clicar no resultado da pesquisa no canal “PaisagemUrbana”;
- 7) Seguir o canal “PaisagemUrbana”;
- 8) Clicar no ícone à esquerda da “lupa” para enquadrar a imagem;
- 9) Enquadrar a imagem no visor do smartphone até que ele a identifique.

Para testar se houve sucesso no processo, enquadre o visor na Figura 44, abaixo. Para pausar o vídeo toque na tela do aparelho. Para assistir ao vídeo dissociadamente da imagem referenciada dê dois toques seguidos sobre a tela.

Figura 44 – Passo a passo para uso do aplicativo de realidade aumentada Aurasma neste trabalho.



Fonte: Autor.

As imagens com opção de visualização de realidade aumentada neste trabalho correspondem à primeira figura de cada subseção da Seção 4.2. No lado direito de cada figura há um pequeno ícone de um smartphone com a logomarca do aplicativo Aurasma⁴.

⁴ Na impossibilidade de acesso aos dados por realidade aumentada ficam os mesmos também disponíveis em <<https://youtu.be/TPCqO7S4wwA>> (Percurso 1); <https://youtu.be/W_HILCNuEUs> (Percurso 2); <<https://youtu.be/OGUI8ALujsw>> (Percurso 3); <<https://youtu.be/OfUDNO6f0Vg>> (Percurso 4); <<https://youtu.be/K7-6kFFTpnU>> (Percurso 5).

Anexos

ANEXO A - MODELO DE QUESTIONÁRIO

Figura 45 – Modelo de Questionário Semi-estruturado aplicado - página1.

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) respondente,

O seguinte questionário faz parte de um trabalho acadêmico desenvolvido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cujo objetivo é averiguar a qualidade e uso de praças públicas no município de Seropédica. Caso considere necessário, pode utilizar a página em branco para completar suas respostas indicando as questões às quais se referem. Caso não saiba responder a alguma pergunta, basta deixar a questão em branco e seguir adiante.

Desde já, obrigado por sua participação neste trabalho.

Paulo Antonio dos Santos Junior.

Mestrando em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas (PPGDT) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

1. IDENTIFICAÇÃO E PERFIL

- 1.1. Nome (opcional) _____ Idade: _____
- 1.2. Sexo – (M) / (F); Estado civil - (casado), (solteiro), (viúvo), (divorciado), (ajuntado), outro: _____; Profissão: _____
- 1.3. Escolaridade:
() Ensino Fundamental (completo); (incompleto).
() Ensino Médio - segundo grau (completo); (incompleto).
() Ensino Superior (completo); (incompleto). Curso: _____
() Pós-graduação (completo); (incompleto). Curso: _____
- 1.4. Renda mensal familiar média? (0-3 Salários mínimos); (3-6 Salários mínimos); (6-10 Salários mínimos); (mais de 10 Salários mínimos).
- 1.5. Município onde mora: _____ Bairro: _____ Há quanto tempo? _____
- 1.6. Município onde trabalha: _____ Bairro: _____ Há quanto tempo? _____
- 1.7. O quanto você gosta ou não de Seropédica?
() Gosto bastante; () Gosto; () Regular; () Não gosto; () Não gosto bastante.
- 1.8. Costuma vir a esta praça? (Sim); (Não).
- 1.9. Com que frequência? () Todos os dias, () duas ou três vezes na semana, () nos fins de semana e feriados, () algumas vezes no mês; () outro: _____
- 1.10. Você vem () a trabalho; () lazer; () outro: _____
- 1.11. Geralmente frequenta em que horários? () Manhã; () Tarde; () Noite.
- 1.12. E trabalha em que horários? () Manhã; () Tarde; () Noite.
- 1.13. Qual o nome oficial desta praça? () Não sei. _____
- 1.14. Há outro nome que costumam dar a ela? (Sim); (Não). Qual? _____
- 1.15. O seu motivo de estar nesta praça ou próximo(a) dela se relaciona mais com:
() moro perto; () trabalho perto; () estudo perto; () outros: _____
- 1.16. Quais lugares próximos a praça costuma frequentar? (bar, padaria, igreja, loja, salão de cabeleireiro, escola, posto de saúde, academia, etc.) _____
- 1.17. Quais os principais problemas que você encontra nesta praça e no seu entorno? _____
- 1.18. Quais as principais qualidades que você encontra nesta praça e no seu entorno? _____
- 1.19. Qual o principal meio de transporte que utiliza para vir a praça? () Carro; () Ônibus; () Moto; () Bicicleta; () Moto-táxi; () Van; () A pé; () Outro: _____
- 1.20. Onde você mora há espaço aberto ao ar livre (jardim, varanda, quintal, portão de casa, playground, etc)? (Sim); (Não).
- 1.21. Faz uso dele? (Sim); (Não). Como? _____
- 1.22. Costuma praticar exercícios físicos? (Sim); (Não).
- 1.23. Onde? () na praça; () academia; () em casa; () outro: _____
- 1.24. Prefere () ficar em casa ou () sair?
- 1.25. Como e onde costuma passar seu tempo livre: _____
- 1.26. Costuma ir a praças? (Sim); (Não). Quais? _____
- 1.27. Na maioria das vezes vai () Acompanhado (a) ou () sozinho (a)?
- 1.28. No calor do verão a sua preferência seria estar: () em um shopping center refrigerado; ou () em um parque ou uma praça bem ventilados e sombreados.
- 1.29. Que eventos e festividades ao ar livre (datas comemorativas, feiras, festivais de dança e música, etc) você conhece aqui no KM-49, em Seropédica?

Figura 46 – Modelo de Questionário Semi-estruturado aplicado - página2.

1.30. Costuma frequentar alguma delas? (Sim); (Não). Quais? _____

1.31. Em que horários e dias esta praça é mais movimentada? _____
Por que? _____

1.32. Geralmente há na praça mais pessoas () que moram aqui mesmo (moradores do entorno), () pessoas de fora, () comerciantes, ou () outras pessoas?

Como você avalia esta praça quanto à:	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Muito ruim
Vegetação	()	()	()	()	()
Localização	()	()	()	()	()
Piso, pavimentação e calçadas da praça e do entorno	()	()	()	()	()
Limpeza e manutenção	()	()	()	()	()
Quantidade média de pessoas (movimento)	()	()	()	()	()
Trânsito de veículos (carros, ônibus, motos, etc)	()	()	()	()	()
Variedade e quantidade de comércios e produtos	()	()	()	()	()
Atividades na praça (academia da terceira idade, festas, etc)	()	()	()	()	()
Mobiliário (bancos, mesas, quiosques, etc.)	()	()	()	()	()
Iluminação	()	()	()	()	()
Segurança	()	()	()	()	()
Acessibilidade de pessoas com deficiência física	()	()	()	()	()
Temperatura durante o dia e durante o verão	()	()	()	()	()
Temperatura durante o inverno	()	()	()	()	()
Tamanho da praça	()	()	()	()	()
Beleza e estética	()	()	()	()	()
Odores	()	()	()	()	()
Ruídos, barulho e som	()	()	()	()	()

1.33. Considera o comércio suficiente? () sim; () não. Por que? _____

1.34. O que colocaria nesta praça que hoje ela não possui?

1.35. () chuveirão, chafariz e outros mobiliários com água; () rampas de skate; () academia da terceira idade; () academia comum; () estacionamento; () grades; () esculturas; () murais; () brinquedos infantis; () ciclovia; () bicicletário; () quiosques; () outros: _____

1.36. Como esta área fica quando chove? É uma área de alagamento? _____

1.37. Sente-se bem nesta praça? (Sim); (Não). Por que? _____

1.38. De 0 a 10 que nota daria para esta praça, sendo (10) a melhor nota e (0) a pior?
(0); (1); (2); (3); (4); (5); (6); (7); (8); (9); (10).

1.39. Poderia escrever 3 palavras que lhe vem a mente para resumir esta praça?

1.40. Três palavras positivas e três negativas sobre ela?
_____, _____, _____.

1.41. Tendo em vista a sua rotina diária (trabalho, tempo em casa, prática ou não de exercícios físicos, tipo de uso do tempo livre, tipo de uso do tempo com a família, e responsabilidades diversas), o que mudaria na sua rotina se esta praça fosse como você deseja, tendo os mobiliários e modificações que apontou? O que você faria que agora não faz e o que deixaria de fazer?

Muito obrigado pela sua colaboração!